Diário de Lisboa

CONCURSO 58 ANOS

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

Maio 1979
Quarta-feira

ANO 59.º
N.º 19 962
10$00

23

HERANÇA DO GOVERNO PS-CDS

Renault instala três novas fábricas em Portugal

O «Projecto Renault» foi esta manhã aprovado pelo Conselho de Ministros, reunido extraordinariamente. O acordo, que envolve um investimento de 19.500 mil contos a preços correntes, será celebrado amanhã, no Ministério da Indústria e Tecnologia, entre o Estado Português, o Instituto de Participações do Estado e a Régie des Usines Renault representada pelo seu presidente-director-geral, Bernard Verniez-Paillez.

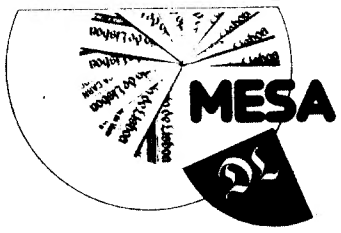
O projecto prevê a instalação de três novas unidades industriais e a reconversação de uma quarta. Trata-se de uma fábrica de motores e caixas de velocidade, em Aveiro, de uma unidade de montagem, em Setúbal, e de uma fábrica de componentes mecânicos que se localizará no interior do País, numa zona ainda por escolher. Quanto à unidade de montagem já existente na Guarda será reconvertida.

Segundo diz o Governo, em nota hoje tornada pública, o projecto permitirá a criação de cinco mil novos empregos directos e de 5 mil e 300 a 7 mil e 300 na indústria subsidiária (actualmente a indústria de montagem de automóveis emprega 6 mil pessoas e a indústria subsidiária 7 mil). Acrescenta ainda que a incorporação nacional deverá rondar os 80% para a unidade de motores e 60% para a unidade de montagem e de caixas de velocidade.

Este projecto foi iniciado durante a vigência do II Governo Constitucional e prosseguido, através de negociações, pelos Executivos posteriores. A nota governamental de hoje fala de «difíceis e morosas negociações» concluídas pelo actual ministro da Indústria e Tecnologia, Álvaro Barreto.

Na perspectiva governamental a concretização deste projecto deverá ainda trazer uma «contribuição altamente significativa para a Balança de Pagamentos», criar «uma indústria automóvel competitiva em termos europeus» e permitir «a introdução e acesso a tecnologias avançadas».

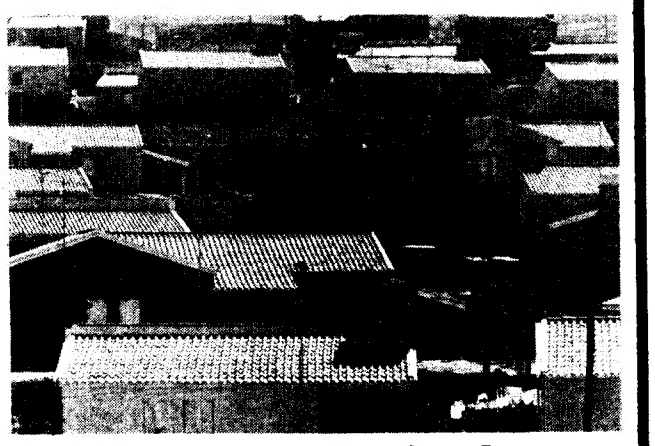
NESTA EDIÇÃO:



MESA REDONDA SOBRE O Cinema que temos Pág. 21

Um artigo de Maurice Duverger: A Europa a duas velocidades Pág. 3

Partido de Trudeau derrotado no Canadá Pág. 16



Duas empresas privadas querem comprar o Cachão Pág. 12 e 13

Fuga nuclear em Leça da Palmeira

● Técnicos garantem que a situação está controlada

Dois técnicos do Departamento de Protecção da Junta de Energia Nuclear tiveram de ser transportados de urgência, em avião militar, a fim de controlarem uma fuga de radioactividade, detectada, ao princípio da tarde de ontem, na refinaria de Leça da Palmeira, num aparelho destinado a examinar soldaduras. Segundo afirmou esta manhã ao «DL» o dr. Vaz Carneiro, um dos responsáveis pelo departamento, não se chegaram a registar acidentes pessoais, tendo o núcleo radioactivo, cuja intensidade é de 4,5 «curies», sido localizado cerca da meia-noite.

Para o dr. Vaz Carneiro, este tipo de acidentes, «nunca susceptíveis de colocarem em risco a integridade das populações» e só muito remotamente a dos operadores, já que estes aparelhos são controlados à distância», só muito remotamente acontecem.

Em Portugal, de acordo com a mesma fonte, só possuem estes «raio x» para radiografia industrial empresas como as refinarias de Sines e de Leça da Palmeira e estaleiros como os da Lisnave e da Setenave.

UM NOTÁVEL CASO DE DELÍRIO

"Matei Aldo Moro com nove tiros de metralhadora"

«Achei estranho ver um homem negro, ali, sozinho, ao pé do posto, e perguntei-lhe **de onde é você**? Ele vira-se para mim e diz-me «eu quero confessar um crime só ao senhor, a mais ninguém». Entram ambos no posto e foi assim que o comandante da GNR de Bucelas ouviu a mais estranha confissão da sua vida: «Pertenço às 'Brigadas Vermelhas' e fui eu que matei o Aldo Moro.» O homem disse, de si próprio, ser um «terrorista internacional», e tinha os olhos marejados de lágrimas. Palavra puxa palavra, o comandante perguntou-lhe «então já há 'Brigadas Vermelhas' em Portugal?». Resposta categórica, «não, não há».

Assassino, mitómano, ou apenas um homem procurando matar a fome ainda que seja numa cadeia? Se a ideia deste desconhecido, indocumentado, era chamar as atenções gerais sobre a sua pessoa, já o conseguiu: a Imprensa e a Polícia, portuguesa e estrangeira, trabalham sobre o caso do «assassino de Moro».

À GNR, o homem declarou chamar-se Hamilton Yon Cunha. Mais tarde, à Judiciária, ele apresentou-se como João Bosco (recorde-se que este é o nome do fundador dos Salesianos). Disse ser brasileiro, natural de Pernambuco.

Posta a questão: como foi?, ele responde sucintamente: «Com nove tiros de metralhadora.» E avança pormenores que levantam duas hipóteses: ou se trata, de facto, do executor do secretário-geral da Democracia Cristã Italiana, ou, pelo menos, estamos perante um sujeito que leu tudo o que os jornais publi-

Continua na pág. 24

Processos dos bombistas regressaram ao 5.º Tribunal

Com o indeferimento de duas aclarações requeridas pela acusação e pela defesa, o Supremo Tribunal Militar consirou que os processos dos bombistas estavam aptos a regressar ao 5.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa, onde tinham sido instaurados, para onde os remeteu já na passada quinta-feira.

Possivelmente, o 5.º Tribunal deverá assinar por estes dias mandados de captura contra os réus acusados de bombistas e que se têm mantido em liberdade.

Devido à situação dos réus que continuam presos, o 5.º Tribunal Militar provavelmente iniciará, ainda antes das férias judiciais, o julgamento.

Espera-se com muita curiosidade o depoimento de Ramiro Moreira que, através do seu advogado, não tem deixado de declarar estar na disposição de fazer uma confissão completa, o que viria a provar mais conivências, muitas delas de altas personalidades, nos actos de bombismo que ensombraram o País.

CONCURSO DL

HOJE 12.º CUPÃO

Caderno especial de 1962

Os portugueses, no dia 1 de Janeiro de 1962, foram despertados pela notícia do assalto ao Quartel de Infantaria 3. A revolta de Beja ficaria, na história da luta nacional contra o regime salazarista, como um decisivo momento de ruptura. Nela se consagrou a vontade de lutar violentamente contra um regime de opressão e de repressão violenta. Nela se realizou, com exemplar fraternidade, a ligação de militares democratas e de democratas civis.

Veja o CADERNO ESPECIAL

post-scriptum

Revolta contra a burocracia

Encontro-me domiciliado em Lisboa há mais de 18 anos, ligando-me à terra natal apenas os vínculos de família e laços de amizade com algumas pessoas. Na terra só tenho uma quota ínfima dos bens do meu falecido pai, ainda por partir, e, portanto, sem determinação de valor, embora insignificante.

Não uso nem espero vir a servir-me da Casa do Povo, uma vez que estou empregado e estou incluído no regime geral da Previdência. Por força do disposto na Lei 2144 de 29/5/69 e do art.º 13 do Dec. 445/70 de 23/9/70, entendeu a Direcção da Casa do Povo fazer-me sócio do referido organismo, com quota mensal de 1$00 –, imagina-se o que era um escudo em 25 de Janeiro de 1975!

E fui notificado, em Janeiro de 1978, conforme fotocópia que se junta, a pagar 1$00 (um escudo) no prazo de 60 dias!...

Quanto gastou a Casa do Povo para me notificar? – 3$00! Atenção que os correios apenas riscaram o selo, talvez na suposição de que devia ser multado. Suponho que a Casa do Povo devia selar o postal com 4$00.

Quanto teria eu de gastar para ir pagar aquela quantia?

Creio que os Correios não aceitam vales de 1$00 e que não posso mandar dentro de um envelope uma moeda de 1$00. Logo, o meio ideal para o fazer era eu deslocar-me de Lisboa a Vila Nova do Ceira, perder alguns dias no trabalho e pagar o comboio de ida e volta, sem descontos, porque não sou militar nem paramilitar.

Mas como não paguei, por razões óbvias, voltaram a enviar-me outro postal, em 27/4/79 para até 27 de Maio do corrente, ir pagar as quotas respeitantes aos meses de Janeiro de 1975 a Dezembro de 1978, na importância de 48$00. As contas parece que estão bem feitas, porque aquele período compreende 48 meses que, a um escudo mensal, totaliza quarenta e oito escudos. Gastaram de selos 4$00. Mas atenção! Sob pena de, findo aquele prazo «27/5/79», ser requerida execução ao Tribunal de Trabalho.

Senhores burocratas:

– Não tratamos agora de saber se o assunto é juridicamente relevante para se ameaçar com o Tribunal de Trabalho, porque restam muitas dúvidas se o espírito da legislação citada vai ao ponto de se exigirem quantias ínfimas por custos tão elevados.

Mas de uma observação frontal do problema só resulta uma conclusão: a revolta íntima. Revolta contra a burocracia. Revolta contra tudo aquilo que não é natural, sobretudo contra o imobilismo das pessoas responsáveis que não reflectem as consequências dos actos que praticam.

Felizmente que, hoje, é uma prerrogativa dos administrados criticarem os actos da administração naquilo que essa crítica seja útil e, creio, é importante que a administração saiba das afrontas que alguns dos seus actos causam e da forma como os dinheiros públicos são geridos.

Alfredo da Silva Duarte – LISBOA

Suspender não é anular!

O Supremo Tribunal de Justiça suspendeu, mas não anulou – suspender não é anular ! – um despacho do secretário de Estado da Estrutura Agrária que entregava à sua legítima «proprietária D. Maria Madalena Sacadura Bota a sua propriedade «Várzea», em Ponte de Sor. Que razões levaram o Supremo Tribunal de Justiça a tal decisão? «Restituir uma coisa roubada é um acto da mais elementar justiça» – são palavras do ministro Vaz Portugal e são também palavras minhas. E pretendo acrescentar o seguinte: uma alta figura da situação antecedente, disse um dia, que não confiava nos tribunais portugueses desse tempo!

Devo declarar que, se o Supremo Tribunal de Justiça não rectifica prontamente a decisão tomada a justiça portuguesa encontra-se no presente, numa situação pior que na época da ditadura!

Vasco Serra – SETÚBAL

Homenagem a Armindo Rodrigues

Li no vosso jornal dois artigos do dr. Armindo Rodrigues, que me lembraram dias passados há muito tempo, 40 anos aproximadamente, o velho café da Paulistana da Avenida Fontes Pereira de Melo, onde se reuniam muitos antifascistas.

Foi com muita saudade que recordei essa época e a figura do dr. Armindo Rodrigues, também frequentador desse café, onde sempre se revelou um grande democrata e progressista, como aliás outros que por lá passaram então. É com muito prazer que verifico ter o dr. Armindo Rodrigues mantido as ideias que propalava naquela altura. Outros, também frequentadores, nesse tempo, do mesmo café, e com responsabilidades pós 25 de Abril, traíram os belos ideais que defendiam. E mais: com os destinos do país na mão, em certa altura, torceram os acontecimentos e acabaram por o entregar novamente aos reaccionários.

Júlio Mendes CHAVES

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

"Caso" Antónia Palla em debate do PS na Faculdade de Letras

Amanhã, às 18 horas, no Anfiteatro 2 da Faculdade de Letras de Lisboa, decorre um debate subordinado ao tema «Questões levantadas pelo julgamento de Maria Antónia Palla», promovido pelo Secretariado Executivo da Federação de Lisboa da Juventude Socialista.

Estarão presentes Luís França, Maria Belo, Teresa Ambrósio e Maria Antónia Palla.

Entretanto, o Conselho Regional da UMAR, em reunião alargada, repudiou e considerou uma atitude reaccionária o facto da jornalista Maria Antónia Palla ter sido incriminada com base na acusação de incitamento ao crime e atentado ao pudor, devido a, na RTP, ter feito um programa sobre o aborto, esclarecendo as mulheres sobre as vantagens da sua legalização.

"A Nação" — novo vespertino lisboeta

Um novo vespertino surge na rua no próximo dia 10 de Junho: «A Nação».

Sob a direcção de Carlos Pina, ex-director de «O Dia», tratar-se-á de «um jornal de jornalistas e não se encontra ligado a qualquer partido ou grupo económico» – afirmou à ANOP aquele profissional.

Notícias anteriores, no entanto, davam «A Nação» como veículo da extrema-direita europeia, muito próxima do espírito do alemão ocidental Strauss.

Saliente-se, desde já, que fazem parte da sociedade anónima do futuro vespertino várias empresas industriais e da exportação, empresas essas que, como é obvio, se insurgem contra a nova ordem económica estabelecida na Constituição da República. Um dos accionistas é Bernardo Paulo Guedes da Silva.

Segundo Carlos Pina, quanto a artigos de opinião será dada preferência à colaboração de jornalistas «em detrimento de personalidades, da política e de outros sectores do País.»

Liberdade de Imprensa em debate no Porto

PORTO, 23 – Na próxima sexta-feira, dia 25, às 21.30, o Secretariado Coordenador dos Trabalhadores da Comunicação Social desta cidade leva a efeito, na Faculdade de Engenharia, à Rua dos Bragas, um debate subordinado ao tema «Pela Defesa da Liberdade de Imprensa, contra a ofensiva do Governo na Comunicação Social».

Nele participam jornalistas e trabalhadores da Imprensa, Rádio e Televisão. Os profs. Ruy Luís Gomes e Óscar Lopes também participarão no debate, juntamente com outros convidados.

No final haverá uma sessão de canto em que actuará Manuel Freire.

• Publicamos hoje o décimo segundo cupão da 2.ª série, referente a 1962 e que tem o n.º 12. O leitor deve recortá-lo e, com os novos 29 cupões mais o boletim de identificação ficará com uma colecção completa.

• Esta 2.ª série, também terá 30 cupões, igualmente numerados de 1 a 30 e com os quais pode completar a sua colecção da 1.ª série no caso de ainda lhe faltar algum número. Com efeito, muito embora a miniatura dos jornais seja diferente, os números são iguais e os cupões são válidos para as duas séries. Em resumo, fazemos o possível para não complicar a vida ao leitor!

• **Poderá, assim, completar** duas colecções e **ficar com** o dobro de possibilidades **no sorteio final, além de que beneficiará da leitura de um jornal que precisa do apoio dos seus leitores, e de 30 cadernos especiais com textos e imagens de um tempo já próximo – 1951 a 1979 – que serão publicados no decurso da 2.ª série.**

• **O leitor tem tempo (pelo menos mais de um mês, e meio) mas, se quiser, pode ir enviando as suas colecções. Recorde-se: as colecções que quiser, mas apenas uma em cada sobrescrito e** obrigatoriamente pelo correio. **O boletim de identificação deve ser preenchido com letra bem legível, com o nome tal como figura no bilhete de identidade. Se quiser, pode indicar o nome do seu vendedor habitual, e remeta para DL/CONCURSO – Rua Luz Soriano, 44 – 1200 LISBOA**

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO · SEGUNDA-FEIRA, 1 DE JANEIRO DE 1962 · ANO 41. — NUMERO 14027

Diário de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES · DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

Foi dominada uma tentativa de assalto a Infantaria 3, em Beja

Durante as operações de repressão foi morto o subsecretário do Exército

e ficou ferido o capitão Varela Gomes que chefiava o grupo dos revoltosos

APELO AO BOM SENSO

A COMUNICAÇÃO DA MORTE do subsecretário do Exército

O MINISTRO DO EXÉRCITO RELATOU À IMPRENSA COMO SE VERIFICOU O ASS... ...TARIA 3

NOUTRAS ÉPOCAS DA NO... CONSEGUIMOS REAVER ... QUE LEGITIMAMENTE NO... E DE QUE TINHAMOS SID...

—LEMBROU O CHEFE DO ESTADO NA SUA MENSAGEM DE ANO NOVO

...ção especial

VISADO PELA CENSURA

12

CONCURSO

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

Bertrand: a história de uma editora

Fundada em 1732, velha de quase dois séculos e meio, a Livraria Bertrand ao longo da sua existência teve 11 nomes, passou pela mão de 10 donos e conheceu 4 moradas. Este percurso, longo e acidentado, é recordado na brochura elegante, entre memória descritiva e album ilustrado, de meia centena de páginas editada pela actual direcção da Bertrand para apresentar a actividade e evocar a história da prestigiosa livraria editora.

Pelas páginas do opúsculo perpassam, em palavras e imagens, Herculano e José Fontana, Aquilino e Nemésio, Urbano Tavares Rodrigues e Fernando Namora, Augusto Abelaira e Fernanda Botelho, José Augusto França e Agustina Bessa Luís, Diniz Machado e Fernando Assis Pacheco, António José Machado e Mário Ventura, Ondina Braga e Vergílio Ferreira.

A partir de 1968, a parte editorial instalou-se na Venda Nova, onde já se encontravam as oficinas e novas sucursais da Livraria serão abertas: em Lisboa, no Porto, em Coimbra, em Viana do Castelo, em Guimarães. Livraria, editora, distribuidora, produtora de trabalhos gráficos, a Bertrand tem um papel do relevo nas artes gráficas, na produção editorial, na actividade cultural do país.

E para muitos dos compradores dos livros que edita a sua «história», texto de José António Saraiva, direcção gráfica de José Cândido, terá sido uma revelação histórico-literária.

CR declara inconstitucionais estatutos da RDP e RTP

O Conselho da Revolução declarou inconstitucional o diploma governamental, 467/A/79, que criou estatutos especiais para a RDP e a RTP.

Em face de tal decisão,o Governo analisará os fundamentos do parecer da Comissão Constitucional para posteriormente decidir sobre o assunto, não se sabendo de imediato se o Ministério da Comunicação Social apresentará nova proposta.

Morreu o nosso companheiro Manuel Maria Tavares

Faleceu ontem à tarde no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, onde se encontrava internado, o nosso companheiro de trabalho Manuel Maria Tavares, de 61 anos. Trabalhava na Renascença Gráfica desde Janeiro de 1970, tendo desempenhado, entre outras, as funções de responsável pela secção de controlo. O funeral sai esta tarde, às 16 horas, da Igreja de S. Domingos de Benfica para o Cemitério de Benfica. À família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Técnico francês morre em Leixões

PORTO, 23 – Caiu da altura de cerca de 40 metros, no porto de Leixões, quando dirigia os trabalhos de montagem de uma grua, o agente-técnico Serge Maximin Favin, de 45 anos, que teve morte imediata.

O corpo foi removido para o Instituto de Medicina legal desta cidade.

Serge Favin era de nacionalidade francesa.

EM S. Pedro do Estoril o Diário de Lisboa é vendido por Porfírio da Silva Carreira

ponto a ponto

O ex-presidente mexicano, Luis Echeverria, foi ontem recebido no Palácio de Belém, pelo general Ramalho Eanes. Echeverria foi o grande patrocinador da Carta dos Direitos Económicos e Sociais, aprovada pela ONU, encontrando-se actualmente em Lisboa para participar num simpósio sobre a Nova Ordem Económica Internacional. Também em Belém, para encontros com o presidente da República, estiveram o Primeiro-Ministro, o presidente da Assembleia Regional dos Açores e o embaixador de Portugal em S. Tomé.

Mota Pinto recebeu ontem em S. Bento a delegação parlamentar suíça que se encontra de visita ao nosso país, a convite da Assembleia da República. A mesma delegação teve ontem à tarde um encontro informal de carácter económico que se realizou nas instalações da Fundação Gulbenkian e onde estiveram presentes gestores dos bancos nacionalizados. Entretanto, ainda em S. Bento, o embaixador da Finlândia, apresentou ontem cumprimentos ao Primeiro-Ministro.

O líder centrista Freitas do Amaral participa no próximo domingo num almoço de convívio, organizado pela Comissão Executiva do CDS em Coimbra. Lucas Pires, vice-presidente do CDS, e o secretário-geral, Rui Oliveira, acompanham Freitas do Amaral na sua deslocação à Lusa Atenas.

O auto-intitulado duque de Bragança, encontra-se em Roma, para assistir à missa celebrada pelo Papa João Paulo II, que assinalará o oitavo centenário do reconhecimento da independência de Portugal. A missa, a que assistem também os embaixadores portugueses em Roma e no Vaticano será celebrada na Basílica de Santo António dos Portugueses.

O presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, fez ontem uma prelecção aos alunos do curso de Defesa Nacional que se encontram de visiO presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, fez ontem uma prelecção aos alunos do curso de Defesa Nacional que se encontram de visita aos Açores. A situação política e económica do arquipélago foi descrita aos oficiais, que se deslocaram aos Açores e à Madeira, acompanhados pelo subdirector do Instituto de Defesa Nacional e pelo comandante Almeida Costa e brigadeiros Garcia dos Santos e Franco Charais, todos membros do Conselho da Revolução.

A EUROPA A DUAS VELOCIDADES

MAURICE DUVERGER

(Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»)

Maurice Duverger, em Lisboa, no passado dia 13 de Março

Se o cidadão francês se contentar com as declarações públicas, terá dificuldade em escolher entre os quatro grandes partidos que disputarão as eleições de 10 de Junho. Todos eles proclamam que os deputados eleitos nesse dia não terão grande coisa a fazer, que os fracos poderes actuais da Assembleia não serão reforçados, e que a Comunidade deverá continuar a respeitar a soberania dos Estados. Numa palavra, todos defendem a «Europa das pátrias», numa bela fidelidade ao general de Gaulle. O Partido Socialista é o mais moderado nesta competição nacionalista. Dizer que se aplicarão os tratados, todos os tratados e nada mais que os tratados, é tomar, ao fim e ao cabo – veremos depois –, uma posição bastante federalista! Comunistas e chiraquianos manifestam um «chauvinismo» agressivo. Os giscardianos são mais hábeis ao retomar a fórmula do presidente da República sobre a «Europa confederal».

Ela representa um grande sacrifício para alguns deles, principalmente para Jean Lecanuet e para os seus amigos. Europeístas de sempre, partidários ardentes da supernacionalidade, os sobreviventes do MRP calaram com alguma dificuldade as suas preferências pessoais. Compreende-se o perigo que Jean-Jacques Servan-Schreiber teria representado numa tão discreta harmonia. Dizendo bem alto o que pensa, como sempre, este turbilhão teria feito rebentar as tensões que todos se esforçam por dissimular. Era necessário evitar a todo o custo coisas deste tipo. Um realismo bem temperado incitava ao compromisso. Finalmente, a maioria dos companheiros da senhora Simone Veil, desejam, do fundo da alma, assim como Giscard d'Estaing e François Poncet, uma Europa federal. Verificam, no entanto, que ela é difícil num futuro próximo, devido aos sentimentos do povo francês e do povo inglês. A via confederal é a do senso e da resignação.

É também a via da eficácia. Nos últimos cinco anos os progressos da construção comunitária foram quase unicamente realizados pela reunião dos chefes de Governo, cuja convocação regular, Pompidou conseguira em 1973. Em 1974, Giscard d'Estaing passou essas reuniões de duas para «três vezes por ano e sempre que necessário». Baptizada com a designação de «conselho europeu», a nova instituição decidiu, por exemplo, a eleição da Assembleia por sufrágio universal e a criação do sistema monetário, as duas inovações mais importantes desde a conclusão do tratado de Roma. Este «presidium» tornou-se progressivamente o verdadeiro executivo da Comunidade, ao mesmo tempo que o seu principal órgão de impulso. Como as decisões são nela tomadas por unanimidade, trata-se, na verdade, de uma instituição confederal.

Não é, no entanto, prevista pelos textos. Ela sobrepõe-se às instituições estabelecidas por eles, e que são de natureza supranacional. A Comissão, órgão de iniciativa e de execução, pronuncia-se pela maioria simples de sete votos em treze. Os cinco pequenos Estados da Comunidade (Bélgica, Dinamarca, Irlanda, Luxemburgo e Países Baixos) dispõe cada um deles de um lugar, ao passo que os quatro grandes (Alemanha Federal, França, Grã-Bretanha e Itália) dispõem de dois. Basta que um só destes últimos se junte aos primeiros para vencer uma decisão que representa entre 32 e 36% da população dos Nove. No Conselho de Ministros, órgão legislativo, cada Estado delega um só dos seus. As pequenas nações atingem, em conjunto, a maioria simples e pode ser tomada uma decisão em nome da oitava parte dos europeus. Felizmente a regra geral é a maioria qualificada. Ela permite que a vontade de um grande Estado fracasse, se ele for o único a ter determinada opinião.

O general de Gaulle fizera admitir em 1966 que estas últimas disposições não seriam aplicadas apesar de constarem dos tratados. Ao verificar a divergência existente entre a França e os seus parceiros, os acordos do Luxemburgo tinham conduzido a buscar a unanimidade, afastando o recurso à maioria. No conselho europeu de 9-10 de Dezembro de 1974, onde pela primeira vez estava presente, Giscard d'Estaing fez uma concessão importante aos seus parceiros concordando com eles em que de futuro «convém renunciar à prática que consiste em subordinar ao consentimento unânime dos Estados-membros a decisão sobre qualquer assunto, seja qual for a sua posição respectiva perante as conclusões tiradas no dia 28 de Janeiro de 1966 no Luxemburgo». Embora mantida, no fundo, a posição francesa tornou-se mais maleável na prática. Em vez de procurar a unanimidade em tudo, ela só se dará se a França achar que se trata de «interesses muito importantes», segundo a fórmula de 1966.

Pode pensar-se que uma tal concessão é hábil. Mas deve constatar-se que ela dá um passo atrás no que diz respeito ao plano da Europa confederal e um progresso no plano da supranacionalidade. Ora está aqui o ponto crucial em que a primeira pode inclinar-se para a segunda. Para evitar uma lenta prepara-

Continua na pág. 4

O QUINTO ANIVERSÁRIO DO PPM

Dizem as gazetas: «Comemora-se amanhã (hoje, dia 23 de Maio), por iniciativa da Convergência Monárquica, o 5.º aniversário do Partido Popular Monárquico.» A fazermos fé na notícia, a principal comemoração, «para simpatizantes e militantes do Partido», será o ágape na Quinta de S. Vicente.

Espiritualmente representativo de uma monarquia velha, este Partido Popular Monárquico (PPM) é um Partido novo. A certidão de nascimento tem a data de 23 de Maio de 1974.

A «crónica» do PPM prevalece-se de uma tradição «oposicionista» e da confluência de ramos distintos do movimento monárquico: o Movimento Popular Monárquico, a Liga Popular Monárquica, a Renovação Portuguesa, e diversas (mais do que uma, necessariamente) organizações da juventude.

Os membros do PPM fazem «ponto de honra» – são as gazetas que o afirmam – de se terem desligado organicamente e dissociado moralmente da chamada «Causa Monárquica». À «Causa» reprovam o colaboracionismo servil, com a «União Nacional», com o ditador. À «Causa» censuram a abdicação perante Marcelo Caetano e a sua «Acção Nacional Popular».

Dos pergaminhos do PPM damos notícia e do seu 5.º aniversário registamos a informação. Mas – mesmo pondo de lado a ligação do PPM com os «interesses» opostos à Revolução de Abril – não podemos deixar de estranhar que o Partido Popular Monárquico não tenha tido a coragem de abordar a questão delicada e letigiosa da situação em que se encontra a Casa de Bragança.

O ditador Oliveira Salazar, como era do seu feitio e como correspondia à sua interpretação pessoal dos interesses do Estado... Novo, decidiu escolher um herdeiro do título de duque de Bragança. Optou por um príncipe «desempregado» e menor, oriundo do ramo miguelista. Decidiu, conscientemente, excluir da sucessão a filha de D. Carlos, a irmã de D. Manuel, último Bragança reinante.

Não será de estranhar, no plano político, no aspecto jurídico, nas consequências patrimoniais, a decisão de Oliveira Salazar. Mas já é de estranhar o silêncio do PPM. Uma duquesa de Bragança é esquecida. Um descendente do ramo miguelista é preferido à representante dos Braganças constitucionais.

Não será amável recordá-lo em dia de festa do quinto aniversário. Mas o PPM carrega uma herança de Salazar. Suporta o duque de Bragança que Salazar escolheu.

A CAP E UM SECRETÁRIO-GERAL

Se o PPM assume uma tradição e se prevalece de uma continuidade, a CAP surge das liberdades e das contradições de Abril, a uma inspiração corporativa vinculada, a interesses sectoriais estreitamente sujeita. Mais representativa de uma área regional e de certos sectores do que da agricultura globalmente considerada, a CAP – é nosso dever registar o facto – tem-se esforçado por não ser uma organização apendicular quer do CDS, quer do PSD, quer da «direita não-parlamentar». E a luta entre essas forças divergentes, como é notório, não tem poupado o próprio José Manuel Casqueiro, «ultra» convertido em «conservador liberal», pequeno curador de interesses corporativos alçado a líder e a porta-voz político.

Assim se fazem as coisas, assim se fabricam os homens, e disso é bom exemplo este agro-pecuário Casqueiro, de lavrador promovido a político, que já fala a linguagem dos políticos como um **doutor**.

Oferecem-lhe um microfone e, menos nervoso que o Sá Carneiro, mais económico de palavras e trejeitos que um Adelino Amaro da Costa, o José Manuel Casqueiro preconiza a formação de um «bloco partidário» constituído pelo CDS, o PSD (propriamente dito) e os «regeneradores do Manifesto». Ao Partido Socialista põe reservas que anunciam um veto. Condena a «maioria social-comunista». Proclama a necessidade de reduziar a nada, à inexistência política, parlamentar e nacional, a «maioria que existe, mas não serve»... à CAP.

Cinco anos depois de Abril, neste Maio de reduzida esperança, as palavras de Casqueiro convidam a sonhar. Elas são, contra-natura, um sonho corporativo.

O VENTO DE ESPANHA

Do Congresso do PSOE, pelo «telex» e pela voz de companheiros, chegam notícias que importa meditar. Serenamente deverão ser meditadas. Com espírito crítico, abertura dialogante, mas numa atitude de firmeza de princípios.

O **socialismo** não é um terreno vago. Tem fronteiras.

Não será incompatível com um «um reformismo social-democrata», mas não é «um reformismo social-democrata». Em Portugal, para nos entendermos, o **socialismo** será a política de José Fontana em 1872-1875 e não será a política de Azedo Gneco em 1908-1910. Em Portugal, o **socialismo** será o reformismo utópico de um António Sérgio, e não será o pragmatismo habilidoso de um Ramada Curto.

A referência a Marx deverá não veicular um dogmatismo, mas terá que significar uma origem (de classe), um rumo (revolucionário), uma inspiração (radical), uma metodologia, a fidelidade a uma tradição. Não é um tropo retórico, uma nota emocional, uma presença passadista, mas uma caracterização necessária. Suficiente? Não. Dissemos, só, necessária.

Daí que os ecos do Congresso do PSOE, embora transcendendo uma definição que se referia predominantemente a uma ruptura decisiva, tenham, nas suas implicações imediatas, despertado a nossa atenção e o nosso interesse.

Não está em discussão um secretário-geral, nem em apreciação uma «ponencia» radical, mas o envolvimento ideológico de um problema central: o de sabermos se a táctica deverá sobrepor-se à estratégia, e se as condições do «momento político» (nacional e internacional) podem ignorar a ideologia. Para os partidos jovens e para os velhos partidos socialistas, na «Europa dos trabalhadores», só poderá haver **um socialismo**.

PODER LOCAL

Seixal garante AIC às crianças

● Inaugurações próximas: 9 parques infantis, 8 recintos desportivos e um jardim público

«Uma dinâmica popular que eleve a criança encaminhando-a para uma sociedade melhor, mais justa e mais fraterna...»

Para as comemorações do Ano Internacional da Criança no concelho, a Câmara Municipal convocou todas as autarquias, organizações populares de base, cooperativas, ensino, sindicatos, Comissões de Trabalhadores e colectividades.

Em plenário oportunamente efectuado, procedeu-se à eleição da Comissão Coordenadora Concelhia, que ficou assim constituída: Câmara Municipal, todas as Juntas de Freguesia, um representante do Ensino Preparatório e Secundário (Escola Paulo da Gama), CERCISA-Cooperativa de Crianças Inadaptaadas, um representantes das colectividades (Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense), um representante das Comissões de Moradores (Alto do Moinho), um representante das Comissões de Trabalhadores (Siderurgia Nacional), Sindicato dos Corticeiros, Pioneiros de Portugal, Movimento Democrático de Mulheres (MDM) e vários representantes do Ensino Primário.

Constituíram-se, entretanto, através das Juntas de Freguesia, Comissões de Apoio Local (CAL). Cada Comissão de Freguesia forneceu à Comissão Coordenadora o programa local, que, uma vez reunidos, proporcionaram elementos para o Plano Geral de Actividades.

«Pensa-se (afirma a CM do Seixal) que a estrutura actual poderá ter continuidade nos futuros anos, de modo a aproveitarem-se experiências, sempre na perspectiva de um dinâmica popular que eleve a criança encaminhando-a para uma sociedade melhor, mais justa e mais fraterna.»

Atente-se que a criança, no concelho do Seixal, tem merecido aturada atenção das autarquias locais e das organizações populares de base. No ano corrente, todas as organizações representativas do concelho se solidarizaram com as comemorações do AIC, intensificando os seus esforços, predominantemente para a criação de condições dignifiquem a criança, «proporcionando-lhe infra-estruturas que o regime fascista negou e ainda hoje o aparelho central estrangula, dificultando os meios imprescindíveis para o exercício de um autêntico poder local».

Da estreita colaboração da Câmara Municipal com os restantes órgãos autárquicos e as organizações populares de base, está prevista a conclusão, no ano em curso, de mais nove parques infantis, oito recintos desportivos e um jardim pras que o regime fascista negou e ainda hoje o aparelho central estrangula, dificultando os meios imprescindíveis para o exercício de um autêntico poder local».

Da esStreita colaboração da Câmara Municipal com os restantes órgãos autárquicos e as organizações populares de base, está prevista a conclusão, no ano em curso, de mais nove parques infantis, oito recintos desportivos e um jardim público.

Serão entregues, em data oportuna, as chaves do novo edifício-sede onde funcionará a CERCISA-Cooperativa de Crianças Inadaptadas.

Foram já plantadas, entretanto, centenas de árvores no corrente ano e muitas serão plantadas com a participação das crianças do concelho: estão previstas cinco mil plantações.

Além disso, vão efectuar-se visitas das crianças das Escolas Primárias a fábricas do concelho, acompanhadas dos respectivos professores. Nas Escolas, as crianças distribuirão a declaração dos seus direitos, publicada aos milhares para todo o concelho.

Nos dias 2 e 3 de Junho, inaugura-se um acampamento na Quinta doÁlamo. Programa: actividades culturais, recreativas e desportivas. Dá apoio à iniciativa, o Clube de Campismo Luz e Vida.

De momento, os grupos de Teatro Amador concelhios estão a ensaiar peças de teatro infantil de modo a poderem colaborar nas várias colectividades de Cultura, Desporto e Recreio.

O Movimento Democrático de Mulheres, Pioneiros de Portugal e Escolas vão organizar vários colóquios e palestras especialmente dirigidas aos pais sobre assuntos relativos às crianças e, constatada a inoperância do aparelho central em proporcionar condições para o ensino, vão os próprios alunos executar o levantamento geral das carências do sector...

Previsto, também, um programa designado por «A criança e o mundo do trabalho», o qual, com a colaboração do Centro n.º 3 de Formação Profissional, compreende deslocação de monitores do Centro a escolas primárias para demonstração de diversas actividades profissionais; visitas guiadas dos alunos das escolas primárias àquele Centro e exposição de trabalhos dos alunos (desenhos, pinturas, redacções, etc., relacionados com o tema.

CURSOS

MECANOGRAFIA

Consegui: uma profissão que lhe dê a independência económica, esta agora ao seu alcance com um dos cursos de PERFURAÇÃO, VERIFICAÇÃO ou GRAVAÇÃO/VERIFICAÇÃO DISKETTES.

Sistemas: IBM E UNIVAC
Início dos cursos: 1 JUNHO
DACTILOGRAFIA
Início todos os dias

Inscrições limitadas
EXTERNATO CONTINENTAL
Telf. 325652 — R. do Arsenal, 100 - 1.º

Futebol Clube Barreirense declarada organização de utilidade pública

A Câmara Municipal do Barreiro deliberou aprovar o pedido de declaração de utilidade pública requerido pelo Futebol Clube Barreirense.

Tendo sido realçado, a este propósito, o prestígio alcançado por este Clube, quer a nível interno, quer mesmo a nível internacional, acordou-se que, efectivamente, aquela agremiação contribuiu, ao longo da sua existência, para o engrandecimento e elevação do nome da vila e do concelho do Barreiro.

Foi também apreciado e aprovado idêntico pedido da Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense «Os Penicheiros», havendo o Município enaltecido a extraordinária actividade desenvolvida por aquela colectividade ao longo dos seus cento e nove anos de existência, através de uma obra sobejamente conhecida por várias gerações do Barreiro e com larga projecção em todo o País.

Guimarães: áreas de reconversão urbanística

O Centro Histórico de Guimarães e as imediações da Rua D. João I, naquela cidade, acabam de ser declaradas áreas críticas de recuperação e reconversão urbanística.

Um decreto regulamentar da Presidência do Conselho de Ministros e dos Ministérios da Administração Interna e da Habitação e Obras Públicas, publicado no «Diário da República», determina que cabe à Câmara Municipal de Guimarães promover o processo de recuperação e reconversão urbanística daquela zona.

A Europa a duas velocidades

Continuação da pág. 3

ção da sua nova posição, o Governo francês deverá mostrar uma vigilância constante e uma energia sem falhas. Se assim não for o confederalismo arrisca-se a tornar-se numa coisa altamente árdua.

No dia em que a carta do Tratado de Roma for integralmente aplicada no Conselho de Ministros, a Comunidade torna-se um sistema federal. Isto faz surgir a ambiguidade da posição do Partido Socialista. Invocando os textos, inclina-se para a supranacionalidade, o que ultrapassa Giscard d'Estaing. Mas o presidente da República também erra o alvo. O seu conselho europeu sobrepõe-se às instituições comunitárias, que não podem funcionar normalmente. Se os tratados fossem literalmente aplicados, ele só teria que intervir nos casos em que a unanimidade fosse exigida ao Conselho de Ministros, que são raros (admissão de novos membros, associação de terceiros países, modificações autónomas da tarifa comum, derrogações das regras do Mercado Comum, atribuição de recursos próprios, etc).

A Europa giscardiana é um veículo de dois motores, correndo a velocidades diferentes. O poder político de facto pertence ao conselho europeu, órgão confederal. Os poderes jurídicos estão entre as mãos da Comissão e do Conselho de Ministros, órgãos supranacionais. Ao insistir no primeiro, a França segue a tradição do general de Gaulle, que aplica de um modo mais maleável. Os nossos parceiros podiam destruir este belo equilíbrio invocando os textos dos tratados. Tanto a Comissão como o Conselho de Ministros entrega-se a um permanente trabalho de sapa, segundo os deveres dos seus cargos, mas que é contrário aos nossos interesses nacionais. Felizmente não somos os únicos a defender a linha confederal. Desde que a Grã-Bretanha entrou no Mercado Comum, ela protege os seus interesses com a mesma força com que nós defendemos os nossos. Mas como os dois não são necessariamente idênticos, nunca temos a certeza de a encontrar ao nosso lado quando a maioria jogar contra nós.

Não esqueçamos outro órgão estabelecido pelos tratados e que por vezes se inspira num eurocratismo parcial: o Tribunal de Justiça. Ele é o monopólio da interpretação do direito comunitário, que foge às jurisdições nacionais.

O nosso Conselho de Estado e o nosso Supremo Tribunal devem enviar-lhe o problema e conformar-se depois com as decisões tomadas. É assim em teoria. Mas em vez de se preocupar com a equidade das sentenças, o tribunal prefere geralmente interpretar os tratados num sentido supranacional. Esta tendência tem em si o germe de conflitos graves que um dia podem estalar.

O seu quadro é claramente delimitado pela contradição entre os julgamentos do tribunal, segundo os quais os tratados realizaram uma «transferência de competências» dos Estados em proveito da Comunidade e a decisão do nosso Conselho Constitucional de 30 de Dezembro de 1976, que afirma que «nenhuma disposição de natureza constitucional autoriza transferências de toda ou de parte da soberania nacional para qualquer organização internacional». Embora o nosso Supremo Tribunal tenha admitido em 1975 que o tratado de Roma «institui uma ordem jurídica própria integrada na dos Estados membros», o certo é que essa lei é anterior à decisão do citado Conselho Constitucional. O nosso Conselho de Estado reconheceu formalmente em 1968 que o direito comunitário não modifica a obrigação que se impõe aos nossos tribunais de aplicar a lei nacional, o que dá a última palavra ao nosso Parlamento.

A Europa a duas velocidades impõe uma vigilância constante aos seus condutores e especialmente aos franceses, mais ameaçados do que outros devido à distorsão entre o «presidium» confederal que tende a afirmar-se nos factos, e as instituições supranacionais estabelecidas pelos textos. Nada prova que a eleição da Assembleia Comunitária por sufrágio universal favoreça as segundas em detrimento do primeiro. Em contacto directo com os cidadãos dos nove países membros, os novos deputados serão mais sensíveis às necessidades políticas do que à ideologia eurocrática. É impressionante o facto de os próprios partidários a terem deixado à espera até ao escrutíneo do próximo dia 10 de Junho. Se toda a gente se mostra tão moderada com a supranacionalidade, é porque ela não atrai muito os eleitores. Uma vez instalados em Estrasburgo, os deputados não poderão esquecê-los totalmente.

EXPOSIÇÃO

LANÇA ALERTA "Não gaste a terra de uma só vez"

O ministro da Habitação e Obras Públicas, coronel Almeida Pina, inaugurou ontem à tarde, na Fundação Gulbenkian uma exposição de cartazes internacionais sobre o tema da «conservação da natureza», organizada pela Secretaria de Estado do Ambiente. Entre os vários cartazes expostos, fornecidos por quase todas as embaixadas representadas em Lisboa, destaca-se um em que se pode ler: «Não gaste a terra de uma só vez». Um outro referente à destruição da fauna marítima, alerta: «Em 1993, o pica-peixe irá juntar-se aos dinossauros nos museus».

Na sua maioria os cartazes expostos explicam como cresce uma árvore, incitam à sua plantação, apontam para a criação de parques nacionais, onde as árvores e as espécies animais sejam devidamente protegidas.

Registe-se, a propósito, que foi em 20 de Abril de 1893 que em Portugal se promulgou a primeira legislação para defesa do meio-ambiente. Nessa data um decreto emanado do Terreiro do Paço proibia o lançamento de substâncias nocivas à vida dos rios, estuários, canais e lagoas. Um decreto que como muitos outros, em particular neste campo, se ficou pelas palavras a julgar pelo estado em que se encontra a grande maioria dos rios portugueses, dos estuários, dos canais, das lagoas.

Decretos que para que se cumpram, para que resultem, necessitam da colaboração da população, do seu esclarecimento. Antes que a ânsia de crescimento do homem, do seu domínio sobre a natureza venha a destruir a própria natureza é urgente que o homem conheça as suas limitações, sem necessidade, mesmo, que elas lhe sejam impostas por lei.

Centro Histórico de Guimarães

O decreto regulamentar n.º 24/79 da Presidência do Conselho de Ministros e dos Ministérios da Habitação e Obras Públicas e da Administração Interna declara como área crítica de reconversão e recuperação urbanística a zona do centro histórico de Guimarães.

CÂMARA DE ALENQUER DÁ O MOTE

Assembleia deve legislar sobre "vinho a martelo"

O «vinho a martelo» poderá vir a ter nova legislação a breve prazo por forma a evitar contínuas mixordices e a proliferação de prevaricadores neste tipo de candonga. Para o efeito, a Câmara Municipal de Alenquer, área vinícola com tradições no País (e alvo muito particular dos agentes da Fiscalização Económica nos últimos meses), alertou a Assembleia da República para a necessidade de legislar sobre o assunto. Está em causa não só a saúde das populações como a quase impunidade dos mixordeiros que, quando são apanhados em flagrante delito, já realizaram dinheiro mais que suficiente para a leve autuação.

Sustenta a propósito o Município de Alenquer, conforme moção aprovada em 15 do corrente, que os prevaricadores deverão aguardar o julgamento sem admissão de caução e que as penas a aplicar podem corresponder a prisão maior e não a «penas ligeiras de prisão, como acontece actualmente». Na moção, e acerca da legislação a aprovar na AR sobre a matéria, lê-se ainda que a mercadoria produzida deve ser apreendida e considerada perdida a favor do Estado, tal «como todos os bens móveis e imóveis que estiverem afectos à produção». Por seu turno, a multa pecuniária deve corresponder «à gravidade do crime cometido» e ser «superior, pelo menos, ao triplo do valor da mercadoria apreendida».

A CM de Alenquer, concelho do presidente da AR, chama a atenção do Parlamento para a «paralisação dos organismos judiciais» da sua área, encontrando-se o tribunal há «longos meses sem magistrados».

Artesanato português na União Soviética

O artesanato português vai estar presente numa exposição na cidade soviética de Erevan (capital da República da Arménia) que decorrerá de 31 do corrente a 6 de Junho.

A exposição contém exclusivamente artesanato do nosso País proveniente das regiões de Vila Real, Porto, Viseu, Braga, ilha da Madeira e Estremoz.

A colecção a expor é composta por uma caneca e um alguidar de Bisalhães (Vila Real), fabricados por processos quase milenários perto da serra do Marão; flores de papel de Fragosela de Cima (Viseu); uma tijela e um prato de Gândara (Mortágua), executados pelo oleiro António Ribeiro em barro velho, com incrustações de pedras coloridas. Do Tibaldinho (Viseu) virá um bordado de motivos florais estilizados.

Outro material a expor: rocas e fusos de Milhazes (Barcelos), um cesto (Viseu), uma peça de metal para a pesca, uma fisga para a pesca de enguias na areia da ria de Aveiro (Bunheiro, Murtosa), uma canga vareira (Bunheiro), um mixelote da Madeira, uma candeia de azeite de três bicos (Carapeços, Barcelos), uma pinha e uma boneca de rosa cota (Aldeia de Galegos, Barcelos), um presépio de barro (Estremoz), entre outras peças.

A colecção circulará por várias cidades soviéticas. Acompanham-na uma delegação constituída por três dirigentes da Associação de Amizade Portugal-URSS.

Casqueiro em Beja dedica-se a futurologia

Afinal o sr. Casqueiro ainda se mantém mais algum tempo no cargo de secretário-geral da CAP. E se calhar até nem sai. Disse que saía só para criar «suspense» nas hostes.

Ontem, em Beja, numa reunião que teve lugar no ex-Grémio da Lavoura o sr. Casqueiro, referindo-se a alguns proprietários filiados na sua organização que se mostram muito radicais (e talvez os seus opositores) que eles «cobardemente fizeram as malas e sairam do País», não podem vir agora «dar lições aos que sempre deram a cara, desde o primeiro momento».

Por outro lado talvez influenciado pelo «Astro» – na personagem de Herculano Quintanilha – permitiu-se tecer considerações quanto ao futuro das UCPs e Copperativas Agrícolas bastante pessimistas no ponto de vista dos trabalhadores. Nada de inédito. Já no Ministério da Agricultura e Pescas, onde o sr. Casqueiro tem amigalhaços de peito, parece haver quem se dedicasse também a adivinhar o que ia suceder à Reforma Agrária.

Segundo o sr. Casqueiro a vida desta estava por um fio. Que as UCPs seriam liquidados «num processo rápido» e que até Fevereiro próximo «devem estar efectuadas todas as reservas e devoluções». Bruxo! Auspiciamos que o «astro» de Rio Maior tenha errado nas suas previsões...

Depois de «mandar mais uma boca» contra os trabalhadores agrícolas, sem, no entanto, mostrar demasiado o jogo, o sr. Casqueiro declarou-se apoiante do Presidente da República e do actual Governo. Quanto à possibilidade de se realizarem eleições intercalares, o «leader» da CAP disse que não. Que não concorda...

Agricultura de Formoselha em riscos de perder as culturas

Os agricultores de Formoselha reclamaram junto do presidente da Câmara de Montemor-o-Velho, concelho a que pertencem, a construção de uma ponte que ligue a povoação aos campos de cultura assim como o pagamento das indemnizações aos rendeiros desapossados das terras, devido às obras de regularização das águas do rio. Estas reivindicações têm vindo a ser feitas desde Novembro de 1978 pela população de Formoselha visto que o facto de a ponte de acesso aos campos ter sido destruída pelas obras traduz-se em elevados prejuízos para as culturas.

Os agricultores de Formoselha, afirmaram que, se no prazo de um mês a ponte não for construída, o ano agrícola está perdido.

Inspecções militares em Junho

Informa o Estado-Maior do Exército que em Junho que vem terão lugar as inspecções para os mancebos naturais ou recenseados nos concelhos de Alcobaça, Castelo Branco, Covilhã, Ferreira do Zêzere, Figueiró dos Vinhos, Fundão, Idanha-a-Nova, Leiria, Lisboa – 1.º Bairro, Lisboa – 3.º Bairro, Lisboa-4 Bairro, Loures, Moscavide, Marinha Grande, Nazaré, Paredes, Penafiel, Peniche, Pombal, Porto de Mós, Santo Tirso, Vila do Conde, Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Ourém, Vila Pouca de Aguiar e Vila Real.

Os editais convocatórios com indicação do dia, hora e local de inspecção, encontram-se afixados nas Juntas de Freguesia dos referidos concelhos, onde devem ser consultados.

Os mancebos abrangidos deverão apresentar-se nas Juntas de Recrutamento munidos da cédula de recenseamento, bilhete de identidade, documento comprovativo de profissão (se a tiverem, e mesmo que estejam desempregados) e certificado de habilitações.

PUB.

Federação dos Sindicatos da Metalurgia Metalomecânica e Minas de Portugal

PLENÁRIO DE SINDICATOS TOMA POSIÇÃO

É NECESSÁRIO UM NOVO GOVERNO E UMA NOVA POLÍTICA QUE RESPEITE E DEFENDA OS INTERESSES DO POVO E DOS TRABALHADORES.

Na sua última comunicação ao País, o ainda Presidente do Conselho — Mota Pinto, manifestou uma vez mais todo o seu ódio, de classe, aos trabalhadores portugueses e denunciou a sua pequena estatura política, ao tentar apresentar-se perante a opinião pública como o "Salvador" da Pátria, como "Aquele" de quem tudo depende e quem tudo pode resolver.

Mas que poderemos esperar, nós, trabalhadores portugueses, de um Governo que apresenta à Assembleia da República, em 2.ª versão, um Orçamento Geral do Estado onde se insiste em limitar os aumentos salariais permitindo incentivar o agravamento do custo de vida; que intenta roubar)aos já magros salários dos trabalhadores) grande parte do 13.º mês; que insiste no agravamento dos impostos sobre quem trabalha, que opta por uma política fiscal favorável aos altos rendimentos?

Que podemos esperar, nós trabalhadores portugueses, de um Governo que apresenta ao Conselho Nacional do Plano as chamadas grandes opções do Plano para 1979 (?) onde é clara a sujeição às exigências e imposições do FMI, onde se insiste em reduzir o crescimento económico para os valores mais baixos da Europa, com todas as consequências daí resultantes: aumento do desemprego e inexistência de uma política séria que o obste e que permita, ao mesmo tempo, a criação de novos postos de trabalho, por exemplo?

Este Governo tem, demonstrou-o já, uma prática governativa assente no mais profundo desrespeito pela legalidade democrática e pela Constituição da República. Os exemplos, dos mais gritantes, são:

— Os ataques à Reforma Agrária, fazendo uso de todo o tipo de ilegalidades e corrupção, bastas vezes publicamente denunciadas, indo ao ponto de nem sequer respeitar as decisões dos tribunais.
— O assalto aos órgãos de Comunicação Social pelas forças antidemocráticas encabeçadas pelo seu ministro de propaganda, Proença de Carvalho.
— A entrega de empresas intervencionadas e economicamente recuperadas pelos trabalhadores ao antigo patronato sabotador que, como "prémio" recebe chorudas indemnizações e facilidades de toda a ordem.
— A total cobertura a actos claramente repressivos e ilegais cometidos pelas entidades patronais e administrações de empresas públicas contra os trabalhadores, em especial contra os activistas que se destacam pela denúncia e combate a todo o tipo de ilegalidades.

Apesar da sua política antinacional e antipopular, este Governo tem, ainda, como é natural, alguns aliados: os partidos reaccionários, o patronato, o imperialismo e aqueles que persistem nas tentativas de divisão do Movimento Sindical Unitário!

Num momento particularmente difícil e complexo da vida portuguesa, em que a unidade dos trabalhadores e das suas organizações de classe é mais necessária que nunca, assiste-se a uma ofensiva continuada das forças divisionistas do movimento sindical que, se conseguissem levar por diante os seus projectos de divisão, facilitariam objectivamente (e é isso que visam) a política deste ou de qualquer outro Governo do mesmo tipo.

A concretizarem-se os seus intentos divisionistas, estariam seriamente ameaçadas (muito mais do que estão hoje) as conquistas alcançadas com o 25 de Abril, nomeadamente as liberdades democráticas, as nacionalizações, a Reforma Agrária, milhares e milhares de postos de trabalho, etc.; estaria seriamente ameaçado (mais do que está hoje) o actual regime democrático em que vivemos, com o consequente regresso ao passado de opressão, de exploração intensiva das classes laboriosas, em benefício de meia-dúzia de monopolistas e latifundiários parasitas.

Por tudo isto torna-se necessário intensificar as acções de massas, o combate firme ao divisionismo, a luta pelo reforço da unidade dos trabalhadores, o reforço das suas organizações de classe, o entendimento entre todas as forças democráticas e antifascistas tendo em vista a demissão deste Governo e a exigência da sua substituição por um Governo patriótico e democrático que assuma integralmente o respeito pela Constituição, os direitos e interesses dos trabalhadores portugueses e do povo em geral.

UNIDOS LUTAREMOS! UNIDOS VENCEREMOS!

Lisboa, 18 de Maio de 1979.

O Plenário da F. S. M. M. M. P

Aprovado por maioria. Votos a favor: Sindicato dos Metalúrgicos do Alentejo, Aveiro, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real, Secção de Guimarães, Secção de Famalicão, Mineiros Norte, Mineiros Sul.

Abstenção: Metalúrgicos do Funchal.

PELA LIBERDADE SINDICAL
PELA UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES
CONTRA O DIVISIONISMO

NÃO AO PROJECTO DE LEI 230/1 (LEI DAS ASSOCIAÇÕES SINDICAIS)

O Plenário da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, reunido em 18 de Maio de 1979, analisando o projecto de lei 230/1 (PS) sobre associações sindicais cujo primeiro subscritor é Maldonado Gonelha, de triste memória, por todas as medidas antitrabalhadores que tomou enquanto Ministro do Trabalho e sucessivas tentativas de "partir a espinha" ao Movimento Sindical Unitário, considera seu dever denunciar alguns dos muitos e maus aspectos deste projecto-lei, nomeadamente, no que se refere à intenção de:

1) Legalizar todas as manobras divisionistas de tentativa de criação de Sindicatos e centrais fantoches e paralelos a que os trabalhadores têm dado absoluto desprezo. (Isto prova disso, a semelhança entre o projecto-lei e os estatutos dos amarelos).

2) Enfraquecer a forte unidade dos trabalhadores, obstáculo principal a todos os objectivos do patronato e do imperialismo, ao procurar fomentar a criação de uma perfeita praga de pequenos Sindicatos (bastando 20 trabalhadores para que se constituam), enquanto que, no preâmbulo, se tem o descaramento de afirmar que a lei se destina a "eliminar a dispersão sindical existente". Além de muitos e pequenos, virem a ser Sindicatos de "família", ao regulamentar-se a sua constituição através da recolha de assinaturas, que naturalmente serão recolhidas onde, e a quem interessar, (com maiores probabilidades, por intermédio das estruturas partidárias).

3) Reduzir drasticamente a capacidade de exercício da actividade sindical a todos os níveis, prestando, desta forma, um serviço valioso ao patronato que tudo procura para conseguir retirar aos trabalhadores os seus direitos e conquistas, por estes alcançados depois do 25 de Abril.

Agravada ainda com intenção corporativa, de conciliação de classes, expressa no preâmbulo ("uma via de diálogo entre empregadores e trabalhadores") e consubstanciada no articulado que pretende "desmotivar" a forte capacidade de acção e mobilização do Movimento Sindical Unitário.

4) Regulamentar aquilo que só aos trabalhadores diz respeito e, mais grave ainda, em perfeito desprezo pela realidade, por estes em liberdade exercida, violando ainda a Constituição da República e a Convenção 87 da O.I.T.

5) Dar cobertura a todo o tipo de financiamento das organizações sindicais fantoches desde que, diz-se, "não seja com a intenção de subordinar a associação financiada".

Perguntamos:

Se os trabalhadores pagam as suas quotas para que a sua associação sindical defenda os seus interesses de classe, o patronato e o imperialismo (directa ou indirectamente financiando associações) ao fazerem-no, não será para que a exploração dos trabalhadores possa ser facilitada?

Não só do que foi exposto, como do restante articulado do projecto, se poderá concluir que a responsabilidade da sua elaboração é de alguém que, ou não tem a noção da realidade existente, ou se a tem, pretende destruí-la.

A ISTO OS TRABALHADORES DARÃO A RESPOSTA ADEQUADA, COMO SEMPRE O FIZERAM QUANDO OS SEUS INTERESSES E DIREITOS SÃO AMEAÇADOS.

Pelo seu lado, o PLENÁRIO DA FEDERAÇÃO, certo de exprimir os sentimentos e interesses dos trabalhadores que representa, decide desde já:

a) Manifestar o seu mais veemente repúdio, face às intenções expressas no referido projecto-lei, semelhantes às do projecto apresentado pelo CDS e já igualmente repudiado;

b) Manifestar a determinação de tudo fazer para que qualquer lei, a ser aprovada, não interfira nos direitos, liberdades e independência dos trabalhadores na sua organização;

c) Desenvolver todas as acções junto dos trabalhadores que representa, que levem à denúncia dos reais objectivos dos proponentes deste projecto-lei.

VIVA A UNIDADE DOS TRABALHADORES!

O Plenário da F. S. M. M. M. P.

Aprovado por unanimidade.

Os Sindicatos presentes: Metalúrgicos do Alentejo, Aveiro, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Viana do Castelo, Funchal, Vila Real, Secção de Guimarães, Secção de Famalicão, Mineiros Norte e Mineiros Sul.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP — Direcção de Distribuição Tejo, a que refere o processo 8/64739 Arquivo 14 para o estabelecimento no concelho de Sintra, da Modificação da linha mista a 10KV, n.º 1098, entre os apoios n.ºs 4 e 7 (antigos n.ºs 41 e 7 da linha para o posto de transformação n.º 382-C), com diminuição de 97 metros no seu comprimento, e destinada à alimentação do posto de Seccionamento n.º 5192, em Ranholas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Maio de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

3.º JUÍZO DO TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

ANÚNCIO

Faz-se saber que por este Juízo e 1.ª Secção (Proc. 2067), correm éditos de trinta dias, contados da 2.ª e última publicação do presente anúncio, citando o Réu — Luís Manuel Madeira Lopes da Silva, ausente em parte incerta com a última morada conhecida no apartamento Costa do Sol, 3.ª cave - B, Cascais, para, no prazo de vinte dias, decorrido que seja o dos éditos, contestar, querendo, a acção de Divórcio Litigioso que lhe move Filomena Maria Gomes Teles da Silva, empregada de escritório e residente na Rua Emília das Neves, 22-3.º, dt.º, Lisboa, com fundamento em sevícias praticadas pelo Réu na pessoa da Autora, e na separação de ambos, por culpa do Réu, desde 18 de Outubro de 1977 — Poderá ainda deduzir oposição ao pedido de assistência judiciária que a Autora, com base na sua insuficiência económica, formulou nestes autos.

Lisboa, 15 de Maio de 1979
O JUIZ DA 1.ª SECÇÃO
Ramiro Luís d'Herbe Vidigal
O ESCRIVÃO
Casimiro Pereira dos Santos

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUIZ

ANÚNCIO

Processo n.º 2777/B 2.ª Secção

Execução de Sentença

Exequente — Metalúrgica Duarte Ferreira, SARL

Executada — Clona — Mineira de Sais Alcalinos, SARL, com sede na Av. Duque de Ávila, 95 — 4.º Esq.º, Lisboa.

Faz-se saber que no dia 30 do corrente mês de Maio, pelas 14h30m, à porta deste Tribunal, sito no Palácio da Justiça, 6.º piso, nos autos acima indicados, se há-de proceder à arrematação em 2.ª praça, pelo maior lanço oferecido acima de metade do valor constante do processo, de diversos bens móveis para escritório, que se encontram na sede da executada.

Lisboa, 11 de Maio de 1979

O JUIZ DE DIREITO
a) Abílio Maria Peres
O Escrivão de Direita
a) Henrique Pereira da Cunha

MAS pronuncia-se sobre despedimentos dos médicos

Tendo surgido, na Imprensa diária, ataques à resolução do Conselho de Ministros NR 149/79 o Ministério dos Assuntos Sociais emitiu uma nota relativa ao despedimento de médicos sem justa causa.

Embora o Estado reconheça ser seu dever garantir emprego a todos os profissionais, mormente aqueles cuja preparação teve lugar com pesadas despesas para o erário público, «não pode de modo algum assegurar esse emprego nas grandes cidades, mas sim e apenas nos locais onde o trabalho desses profissionais seja, de facto, necessário e mais útil para as populações».

Segundo o MAS a resolução do Conselho de Ministros, agora contestada, «apenas veio criar e normalizar os dispositivos legais que permitem oferecer, aos médicos que terminaram a sua especialização, postos de trabalho nos hospitais em que sejam mais úteis, enquanto lhes não é dada a a oportunidade de concorrerem aos lugares definitivos que existam nos vários estabelecimentos».

A nota do MAS afirma que de há uns anos para cá tem acontecido que «por falta de dispositivos semelhantes, os médicos que concluem a sua especialização se mantêm nos hospitais de Lisboa, Coimbra e Porto, independentemente de aí serem ou não necessários e da falta de especialistas nos hospitais distritais».

Ainda de acordo com a nota do MAS, a resolução do Conselho de Ministros não veio agravar a situação desses médicos mas veio dar «a todos os aprovados no concurso para os hospitais distritais, independentemente da sua classificação não lhes garantir a possibilidade de ocupação das vagas existentes».

Afirma-se ainda que «não seria razoável exigir ao Estado a criação de postos de trabalho desnecessários nos hospitais de Lisboa, Coimbra e Porto, só para neles se manterem indefinidamente todos os médicos que ali tenham concluído a sua especialização».

De acordo com o MAS, é da mais elementar honestida, reconhecer que a resolução do Conselho de Ministros não veio ferir quaisquer direitos legitimamente adquiridos» e «não provoca despedimentos sem justa causa de quaisquer médicos».

Arnault participa em Leiria num colóquio sobre o SNS

Na próxima sexta-feira, António Arnaut participa num colóquio sobre o Serviço Nacional de Saúde, em Leiria, a convite do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Escritório. O encontro terá lugar na sede deste organismo e destina-se especialmente a médicos, paramédicos e pessoal de enfermagem.

No decorrer do colóquio, António Arnaut deverá fornecer alguns pormenores sobre o SNS cujo projecto de lei foi há pouco aprovado na generalidade pelo plenário da República.

A questão da formação e existência de futuros governos que ponham em prática o SNS é outra das questões que deverá ser abordada no colóquio. Espera-se igualmente que sejam ventilados problemas de diversa ordem e que se relacionam com o SNS.

MÉDICOS INGLESES "CONTENTES"

Doente imaginário deu "sinais de vida"

LONDRES, 23 – **William Cilroy, o célebre doente imaginário que já custou um milhão de libras ao Serviço Nacional Britânico de Saúde, acaba de regressar às páginas dos jornais.**

Cilroy ficou para os anais da história da Medicina, quando o circunspecto «British Medical Journal» lhe dedicou, recentemente, longa crónica, contando a história das suas 200 admissões, em 68 hospitais diferentes, durante os últimos 30 anos.

Os autores do artigo não escondiam certa pena pelo facto de Cilroy desde há meses não dar que falar, chegando a aventar a hipótese da sua morte.

Contudo, como todos os doentes imaginários, Cilroy sempre teve uma saúde de ferro para aguentar «tanta doença» junta de que se queixa: encontra-se vivo e bem vivo. E, para prová-lo, voltou a utilizar um dos seus truques favoritos: «desmaiou» numa rua de Inverness, na Escócia, sendo transportado de urgência para o hospital local, onde permaneceu internado vários dias até os médicos descobrirem a sua verdadeira identidade.

«Estava com desejo de mudar. Nunca tinha vindo aqui», declarou o doente imaginário, que adora estar internado, ao sair do hospital.

Água potável e saneamento básico — problemas principais da OMS

GENEBRA, 23 – O caminho que conduzirá a uma saúde generalizada a toda a humanidade, e que deverá ser atingido no ano dois mil, é longo e difícil – declarou o director-geral da Organização Mundial de Saúde, Dr. Halfdan Malher.

Essa meta, na opinião do Dr. Malher, depende essencialmente da vontade política dos governos.

Referindo-se ao ano de 1978, o director-geral da OMS afirmou que este foi marcado por uma intensa actividade política da Organização Mundial de Saúde, tendente a mobilizar apoios ao mais alto nível, no sentido de obter importantes reformas no campo da saúde.

Caberá ao Conselho Executivo da OMS identificar os problemas essenciais e definir os princípios directivos de uma estratégia tendente a assegurar a saúde a todos os habitantes da terra.

A assembleia mundial da saúde examinará estas propostas e dirigir-se-á a todos os estados membros, a fim de prepararem urgentemente as suas opções políticas, as suas estratégias e os seus planos nacionais, de forma a concretizarem os objectivos da OMS.

Referindo-se aos progressos obtidos em 1978, a nível mundial, no campo da saúde, o director-geral da OMS, H. Malher, apontou o programa especial de pesquisas relativamente às doenças tropicais, a luta contra o paludismo, o alargamento do programa de vacinações.

O director-geral da OMS referiu ainda a necessidade de opção de medidas políticas, industriais, comerciais, legislativas e jurídicas no campo dos medicamentos considerados essenciais.

Em 1978, a OMS esforçou-se, em particular, para que esses medicamentos se encontrassem ao dispor das populações.

A OMS considerou ainda, dentro do campo das suas preocupações para melhorar sensivelmente o estado de saúde das populações, o problema da água potável e do saneamento básico.

Neste sentido, foi criada uma organização multissectorial, em que participam a ONU, a UNICEF, a Organização Internacional do Trabalho, a FAO, o Banco Mundial e a Organização Mundial de Saúde, que tem por missão coordenar os esforços locais e as disponibilidades mundiais a fim de se obter um estado de saúde óptimo ou, pelo menos, muito melhorado.

VOCÊ E O SEU CARRO DE COMBOIO

A partir de 27 de Maio
Diariamente entre Lisboa e Porto
8 COMBOIOS À SUA ESCOLHA

Lisboa - 8,50 - 11,30 - 18,50 e 00,25
Porto - 9,30 - 11,50 - 18,45 e 00,10

Consulte as secções de informações

Caminhos de Ferro Portugueses

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona Distribuição Alentejo Algarve, a que se refere o processo 8/62634 Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia de Monchique e concelho do mesmo nome, da linha aérea a 15 KV com 264 metros; do posto n.º 6 da linha para Marmelete ao posto de transformação de Monte das Pedras.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/62923, Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia e concelho de Mértola da linha aérea a 15 KV com 338 metros; do poste n.º 21 da linha para Corte Sines ao posto de transformação de Corvos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP - Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/63375, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de Relíquias, concelho de Odemira, de: 1.º troço da linha aérea a 30 kv, para Monte da Estrada, com 2320 metros, do poste n.º 260 da linha Aljustrel-Odemira ao poste n.º 14; e linha aérea a 30 kv, com 180 metros, do poste n.º 12 da linha para Monte da Estrada ao posto de transformação de Vale de Ferro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Maio de 1979

Pel'O ENGENHEIRO CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

A PARTIR DE TERÇA-FEIRA

Carne de porco baixa quinze escudos por quilo

A partir da próxima terça-feira a carne de porco irá aparecer nos talhos mais barata quinze escudos por quilo, confirmando-se assim a hipótese que há dias ventilámos. Segundo Jacinto Bento, secretário da Associação dos Comerciantes de Carnes do Concelho de Lisboa, esta redução que fixará o quilo da carne de porco limpa em 243 escudos e as costeletas de lombo a 235, fica a dever-se a um esforço conjunto do Comércio e da Indústria», já que «a produção continua a praticar preços especulativos». Outros preços: costeletas com pé reduzido (219), costeletas de fundo (178) e cabeça de porco e chispe (49).

Aquela Associação prevê que também a carne de bovino baixará em breve de preço, por efeito de um desvio na procura para a carne de porco, com o consequente decréscimo na venda daquela.

Entretanto, irá realizar-se no próximo dia 30 deste mês uma reunião entre o Comércio, a Indústria e a Produção, a fim de – no dizer de Jacinto Bento – chamar esta última às suas responsabilidades para com o consumidor».

«Temos a certeza que, para salvaguardar o seu futuro, a produção nacional irá baixar os preços, o que vai permitir muito brevemente nova baixa de preços na carne de porco e consequentemente o seu maior consumo», salientou.

Por outro lado indicou o secretário da ACCCL – a Junta Nacional dos Produtos Pecuários começou hoje a distribuir à Indústria carcaças de porco congeladas das 2500 toneladas importadas».

PROVEDOR DE JUSTIÇA ESCLARECE

Quinze anos de serviço dão direito a aposentação

Com vista a esclarecer dúvidas, sobre um recente decreto-lei que regulamenta o tempo de aposentação a partir do tempo de serviçço e da idade, dos funcionários públicos, o Provedor de Justiça emitiu anteontem uma notícia em que reafirma: «Os funcionários e agentes da Administração Pública central, local e regional e de outras pessoas colectivas de direito público, com, pelo menos, 70 anos de idade e 5 de serviço seguidos ou interpolados serão obrigatoriamente inscritos na Caixal Geral de Aposentações para se aposentarem, se tiverem 15 ou mais anos de serviço ou adquirirem o direito a um subsídio vitalício, se não satisfizerem a este último requisito.

Esta determinação aplica-se «a todos aqueles que tendo ou não sido subscritores daquela Caixa e reunindo as condições enunciadas já não estavam em exercício de funções à data de 25 de Janeiro de 1976».

O Decreto-Lei n.º 134/79, publicado no jornal oficial a 18 do corrente mês, e a que a nota do Provedor de Justiça serve de suporte e esclarecimento, estabelece também que «as pessoas de famílias que estiveram a cargo dos funcionários e agentes falecidos após 20 de Janeiro de 1976, titulares do subsídio vitalício têm direito a receber, por morte destes, um subsídio nos mesmos termos do que é atribuído aos familiares de os aposentados».

As pessoas abrangidas pela alínea do diploma que regulamenta as pensões ou subsídios com efeito a partir de 1 de Fevereiro de 1976, deverão requerer, no prazo de 60 dias a contar de 1 de Maio, a sua inscrição na Caixa Geral de Aposentações.

A concluir, é opinião do Provedor de Justiça que «com a publicação deste Decreto-Lei ficaram satisfeitas as justas pretensões de que este serviço se fez porta-voz junto da Administração Pública».

Constituída Sociedade de Energia Solar

Acaba de ser anunciada a constituição da Sociedade Portuguesa de Energia Solar, sociedade de carácter não lucrativo e que se destina a reunir todas as pessoas preocupadas com a Natureza e com o desenvolvimento daquele tipo de energia.

No decorrer da sessão de apresentação da nova sociedade, Eurico da Fonseca afirmou que, muito embora a energia solar seja actualmente mais cara do que a energia nuclear, prevê-se que em 1985 os custos devem ser favoráveis à produção de energia eléctrica pela via solar.

Eurico da Fonseca frisou ainda que a energia solar poderia resolver «o grande problema português», que é a existência de cerca de um milhão e meio de pessoas que vivem no interior do país desprovidas de electricidade, em más condições de vida, contribuindo inclusive para inverter o êxodo dos campos para a cidade.

Por seu turno, o eng.º Jorge Cruz Costa disse que contrariamente ao que a maioria das pessoas pensa «a energia solar é algo mais que a sua simples aplicação térmica, sendo perfeitamente viável aproveitá-la de diversas formas». As mais conhecidas, no entanto, são as utilizadas no aquecimento, na agricultura (em estufas) e na produção de energia eléctrica, a qual pode ser feita por conversão directa ou por conversão termo-dinâmica, ou seja, utilizando a radiação solar para aquecer uma caldeira de tipo convencional.

ENCONTRO DOS POVOS OPRIMIDOS DO MUNDO

com a presença de delegações de:

Mundo Árabe:
OLP — Palestina
Organização de Libert. da Palestina
FDLP — Palestina
Frente Democrática de Libertação
FPLP — Palestina
Frente Popular de Libertação
FPLE — Eritreia
Frente Popular de Libertação
FPLO — Omã
Frente Popular de Libertação
F. Polisário — Sara Ocidental

Europa:
EIA — País Basco
Partido para a Revolução Basca
Herri Batasuna — País Basco
Sinn Fein — Irlanda

África Austral:
Frente Patriótica — Zimbabwe
SWAPO — Namíbia
Org. dos Povos do Sudoeste Africano

Extremo Oriente:
Fretilin — Timor Leste

América Latina:
FSLN — Nicarágua
Frente Sandinista de Libert. Nacional
MIR — Chile
Movimento de Esq. Revolucionária
PS (CNR) — Chile
Part. Socialista (Cord. Nac. de Regiões)
PVP — Uruguai
Part. para a Vitória do Povo

encontro promovido por OUT organização unitária de trabalhadores

FESTA INTERNACIONALISTA

Pavilhão da Amadora 26 de Maio/1979 às 21.00 H

com a participação de:

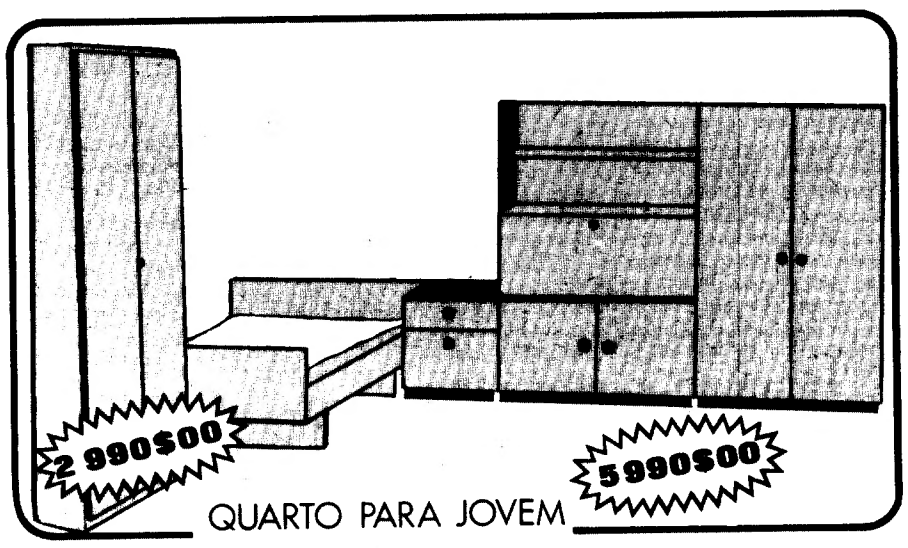
GRUPO HAIZEA — País Basco
PEOPLE'S MUSIC — Irlanda
LOS OLIMAREÑOS — Uruguai
Coro da Fretilin — Timor Leste
JOSÉ AFONSO
FAUSTO
e de Espanha
LUIS PASTOR

bilhetes à venda nas Livrarias Espaço, Ler, Opinião, Ulmeiro e Agência AREP além das sedes da OUT

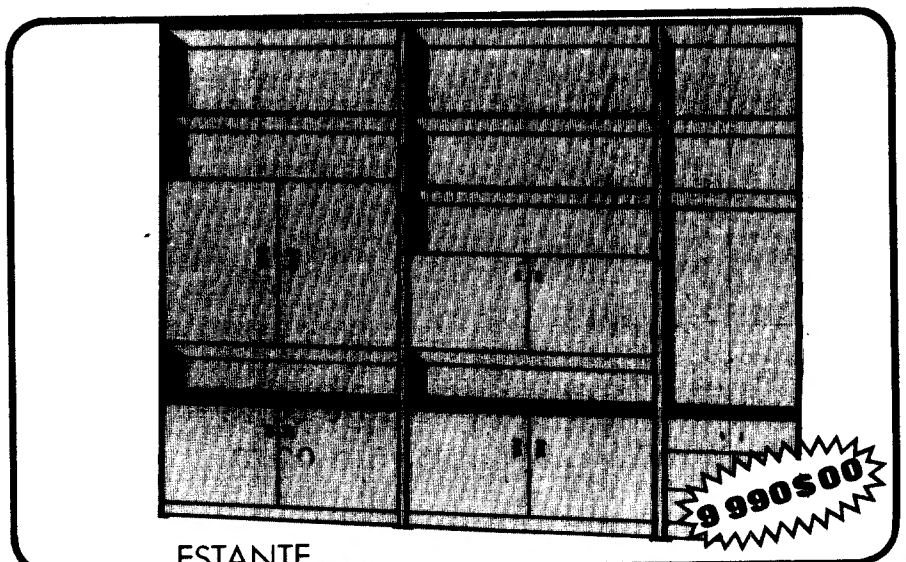
GRANDE CAMPANHA DE VENDAS
MAIO/JUNHO * PREÇOS DE PROMOÇÃO

LUXUOSOS MODELOS IMPORTADOS
GARANTIA DE QUALIDADE
ILUMINAÇÃO • MOBILIÁRIO

QUARTO PARA CASAL



QUARTO PARA JOVEM



ESTANTE

RAIO DE LUZ
Rua da Prata, 141-143 • 1100 Lisboa
Rua da Madalena, 113-115 • 1100 Lisboa

design esquico

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Alterações ao direito de despejo no arrendamento urbano

● Condenada unanimemente a situação em Timor-Leste

Apesar de existirem 200 diplomas a aguardar decisão do Parlamento (situação que determinou o prolongamento dos trabalhos parlamentares até 25 de Julho), o plenário da Assembleia da República encurtou ontem para hora e meia o período da ordem do dia, limitando-se a discutir (sem o votar) um dos onze pontos em agenda.

Os diplomas discutidos e cuja votação na generalidade ficou adiada para hoje foram dois projectos de leis de alteração ao regime jurídico do direito de denúncia de arrendamento, um deles apresentado pelo grupo parlamentar do PS, e o outro da responsabilidade dos deputados independentes Lopes Cardoso, Brás Pinto e Vital Rodrigues.

«O projecto do PS», disse Carlos Candal, «introduz limitações ao regime de denúncia de arrendamentos urbanos, nomeadamente impedindo que a mesma possa efectuar-se em prédios submetidos ao regime de propriedade horizontal posteriormente à data do contrato.»

O projecto dos independentes – explicou Lopes Cardoso – limita, ainda mais, o direito de denúncia e prevê que, quando ocorrer, o senhorio pague ao inquilino o equivalente a 10 anos de renda.

Segundo Vital Rodrigues – outro dos subscritores do projecto dos independentes – a sua proposta destina-se a alterar o Código Civil nos artigos que conferem ao senhorio a faculdade de obtenção do despejo quando invoque a necessidade de estabelecer a sua habitação no prédio arrendado ou de no local construir a sua residência.

Para Vital Rodrigues, «o uso de tal faculdade tem vindo a atingir aspectos verdadeiramente escandalosos, tanto mais que a prática generalizada do regime de propriedade horizontal permite que muitos senhorios o sejam apenas de um fogo, situação que com frequência tem sido propositadamente criada para ampliar as condições do direito de despejo».

No debate interveio também Helena Roseta (PSD) que apoiou em geral o projecto PS no que diz respeito aos despejos posteriores à passagem do prédio a propriedade horizontal e disse que a indemnização a pagar ao inquilino deve ser actualizada consoante o número de anos de vigência do contrato.

REPÚDIO PELA OCUPAÇÃO DE TIMOR-LESTE

A A.R. aprovou ontem, por unanimidade, dois votos de solidariedade para com os timores e de repúdio pela ocupação indonésia da antiga colónia portuguesa. Os votos foram apresentados pelo PS e pelo PSD.

Na apresentação do voto dos socialistas, Carlos Candal defendeu a independência do território, sublinhando que «o drama diz respeito aos portugueses pelas culpas que lhes cabem no clima de guerra civil ali gerado e pela afronta que a ocupação constitui para o nosso país».

Ângelo Correia (PSD) criticou a «insuficiência das acções levadas a cabo até ao momento pelos órgãos de soberania responsáveis pela resolução do problema», apontando o Presidente da República e o Governo.

O CDS, pela voz de Nuno Abecassis, aproveitou o ensejo para atacar a descolonização. Quanto ao PCP, a sua deputada Alda Nogueira lembrou que os comunistas defendem desde há muito o direito dos povos à independência.

Vasco da Gama Fernandes interveio na sessão para se solidarizar com a escritora Maria Archer, actualmente com 80 anos, doente, sem recursos e recolhida no Asilo de Inválidos de Marvila, «que toda a vida lutou contra o regime salazarista, ao ponto de ter de se exilar para o Brasil onde continuou, pela pena, a sua firme jornada contra a ditadura».

O deputado independente requereu a atenção imediata do Governo para o caso que ali trazia, sendo as suas palavras unanimemente apoiadas e aplaudidas pelos restantes deputados.

Antes da ordem do dia, José Vitorino (PSD) proferiu uma declaração política, protestando contra as recentes medidas tomadas pelas autoridades marroquinas que proibiram que os barcos portugueses pesquem nas suas águas, «o que vem afectar gravemente cerca de 150 embarcações nacionais ligadas aos portos de Sesimbra, Setúbal e, sobretudo, da região algarvia».

Entretanto, ainda no período antes da ordem do dia, Sá Matos (PCP) protestou contra a repressão dos trabalhadores e contra a desintervenção da firma de fiação «Jacinto», denunciando o carácter «antioperário e antinacional» da política do Governo Mota Pinto. O seu colega de bancada Navalha Garcia falou da situação de 300 mil jovens desempregados, salientando que «o desemprego não se resolverá, ao contrário do que muitos afirmam, com a adesão de Portugal à CEE», onde «mais de seis milhões de jovens estão desempregados».

A assembleia da República vai eleger até ao dia 21 de Junho um «cidadão de reconhecido mérito» para substituir na Comissão Constitucional a prof.ª Isabel Magalhães Colaço, que pediu a demissão do cargo que desempenhava naquele organismo, sem que tivessem vindo a público os motivos da renúncia.

Actualmente, a comissão é constituída pelo tenente-coronel Melo Antunes (presidente), Figueiredo Dias, Afonso Cabral de Andrade, Joaquim Costa Aroso, Jorge de Miranda, José António Fernandes, Fernando Amâncio Ferreira e Luís Nunes de Almeida.

E.S.

JOÃO AMÉRICO SANTOS:

JSD deve deixar de ser "mera cópia" do PSD

A JSD deve deixar de ser «mera cópia» do PSD – afirmou ontem João Américo Santos, dirigente da Juventude Social-Democrata (secretário-geral demissionário) – segundo a Anop.

João Américo Santos criticava a posição assumida pela Comissão Política Nacional da JSD acerca da carta que alguns dirigentes remeteram a dissidentes juvenis. A carta foi publicada no passado sábado no semanário «Expresso», e subscreviam-na, entre outros, nomes como Nuno Rodrigues dos Santos, presidente do Congresso, Francisco Pinto Balsemão, um dos fundadores do partido, o próprio Américo Santos, e dois outros membros da JSD.

Américo Santos a Anop: «Ao contrário do que a Comissão Política Nacional da JSD afirmou, a carta nada tem a ver com grupos de pressão» – disse, acrescentando que a carta destina-se, antes a alguns dissidentes da organização juvenil que, «num momento emocional», se demitiram.

O secretário-geral demissionário da JSD preconiza que se termine, definitivamente, com as exigências de rolamento de cabeças perigosas, porque inteligentes.

Entretanto, há hoje eleições para a Comissão Política Distrital de Lisboa da JSD. Américo Santos pertence a uma das duas listas concorrentes.

REPOLHO CORREIA NA EFTA

Exportações portuguesas: situação não melhora em 79

Somente um acréscimo na importação por parte dos países industrializados tornará possível o crescimento das exportações portuguesas em 1970 – afirmou ontem o ministro português do Comércio, Repolho Correia, em Bodo, na Noruega, falando numa reunião ministerial da EFTA.

O Governo português previra, para este ano, um aumento nas exportações portuguesas na ordem dos 8 por cento. Este aumento, no entanto, não deverá verificar-se, a menos que sejam eliminadas as medidas proteccionistas impostas ao comércio internacional. Repolho Correia, na sua alocução, ontem, aos outros ministros dos países da EFTA, classificou tais medidas proteccionistas de «factor extremamente negativo».

Os principais problemas com que se defronta actualmente a economia portuguesa – lembrou o ministro português, ontem, em Bodo – são o défice da balança de pagamentos, a inflacção e o desemprego. Repolho Correia referiu-se às incidências negativas de uma situação internacional adversa, em consequência de ritmos de crescimento moderados, de um agravamento das medidas proteccionistas e de restrições à emigração.

Noutra passagem da sua alocução, o ministro português falaria dos resultados alcançados por Portugal em 1978, quando a recuperação da balança de transacções correntes e a balança comercial permitiram ultrapassar os objectivos fixados no acordo com o FMI, no que respeita à balança de pagamentos. No entanto, apesar da melhoria verificada na situação económica em 1978 — reconheceu o ministro —, não será possível modificar sensivelmente, no decurso deste ano, a política de estabilização económica que tem sido praticada.

A reunião ministerial da EFTA durou dois dias e terminou ontem. No final foi emitido um comunicado onde, a dado passo, se faz referência a Portugal e às dificuldades que caracterizam a actual situação económica portuguesa, revelando que foi abordada a questão do auxílio ao nosso país através do Fundo EFTA de Desenvolvimento Industrial e outras formas de assistência à indústria portuguesa. Foram apontadas novas medidas susceptíveis de contribuir para o desenvolvimento económico de Portugal e encarregado o Conselho de delegados permanentes, em Genebra, de prosseguir o exame desta questão.

A próxima reunião do Conselho a nível ministerial, em Genebra, realiza-se a 22 e 23 de Novembro.

HOJE EM ROMA

João Paulo II celebra missa na Basílica de Santo António

O Papa João Paulo II visita hoje em Roma a Basílica Nacional de Santo António dos Portugueses, onde celebrará uma missa por intenção de Portugal.

Trata-se, diz-se, de «um testemunho de afecto do pastor universal por um dos países mais antigos do Mundo», e destina-se a celebrar o oitavo centenário da existência de Portugal: foi a 23 de Maio de 1179 que o Papa Alexandre III reconheceu D. Afonso Henriques como rei lusitano, por meio da bula «Manifesta Probatum».

João Paulo II será recebido, na Basílica, por três metropolitas portugueses, enviados a Roma pela Conferência Episcopal Portuguesa: D. António Ribeiro, Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Eurico Dias Nogueira, arcebispo de Braga, e D. David de Sousa, arcebispo de Évora, que significarão ao Sumo Pontífice «o profundo agradecimento da nação fidelíssima», na linguagem da Igreja.

BICICLETAS «VILAR»
CAMPANHA DA PRIMAVERA
— PREÇOS ESPECIAIS —

para homem, senhora e criança
DISTRIBUIDORES
CICLO AREEIRO
Av. Alm. Gago Coutinho, 1-C/3-B — Tel. 886870-890342 — LISBOA

QUER SER BEM SERVIDO?
Restaurante Snack-Bar
ROSSIO DA TRINDADE
Refeições Petistos Mariscos
PRATO ESPECIAL
Frango de Churrasco à Angolana
Rossio da Trindade — T. 63157 — LAGOS

PUB.
CABELEIREIRO
BRITO E BRITO
COIFFEUR • PERFUMARIA • ARTIGOS DE BELEZA
Av. de Roma, 66-1.º — TELEF. 896571
Av. da Liberdade, 236 — TELEF. 572944

MOTOPEÇAS
FÉRIAS
TEMPOS LIVRES
MOTOPEÇAS CAMPISMO
CAMPANHA DE FÉRIAS!
TENDA E ATRELADOS André JAMET
COM 15% DESCONTOS!
RESTANTE MATERIAL COM DESCONTO DE 10%
Rua António Enes, 23 (à Av. Duque de Ávila)
1000 LISBOA — Telefone 53 96 20
HORÁRIO
2.ª A 6.ª FEIRA: DAS 10 ÀS 20 HORAS
SÁBADO: DAS 10 ÀS 17 HORAS

Circular é viver
Divida a viagem em atapas
Pare nos postos de apoio nas estradas.
Eles existem para sua segurança.
Devagar se vai ao longe...

"DIA DE PORTUGAL"

Sarmento Pimentel condecorado pelo PR

● Jornadas desportivas, livros para os emigrantes e palestras nas comunidades

O capitão Sarmento Pimentel, que há mais de cinquenta anos vive no Brasil, será condecorado, no dia 10 de Junho, pelo Presidente da República, durante as cerimónias do «Dia de Portugal» (Camões), igualmente evocativo das comunidades portuguesas dispersas pelo estrangeiro. A cerimónia efectua-se em Vila Real.

O general Ramalho Eanes, que preside a uma sessão solene integrada nas comemorações, fará a entrega da condecoração a um irmão do agraciado.

Naquela cidade transmontana, efecuar-se-ão, no mesmo dia, jornadas sobre emigração e desenvolvimento regional, e ainda um colóquio sobre desporto nas comunidades, a que estarão presentes delegados de 15 associações desportivas de emigrantes.

Dentro do âmbito desportivo, realizar-se-á também a Corrida das Comunidades, em que participarão 100 atletas, em representação dos distritos do continente, das Regiões Autónomas e de quinze das principais comunidades portuguesas no estrangeiro.

Para estas cerimónias, foram convidados, em representação das 37 comunidades, cento e trinta emigrantes. Em contrapartida, 600 jovens transmontanos visitarão Lisboa entre 3 e 6 de Junho, jantando com o Presidente da República.

Segundo a Comissão Organizadora do Dia de Portugal, estão a ser enviados esforços no sentido de se deslocarem às comunidades, para palestras sobre o tema das comemorações, algumas figuras das letras portuguesas. Por outro lado, foram editadas várias obras literárias, cuja tiragem total ronda os 400 mil exemplares, destinadas às comunidades.

Sarmento Pimentel, em 1974, após o 25 de Abril,

Entre as obras editadas, contam-se o segundo volume da antologia sobre «Portugal, a Terra e o Homem», organizada por David Mourão-Ferreira, «Versos e alguma prosa de Jorge de Sena», da responsabilidade de Eugénio Lisboa, «História concisa de Portugal», de José Hermano Saraiva, e, especialmente para crianças e jovens, o «Romance da Ilha Encantada», de Jaime Cortezão, e «O rapaz de bronze», de Sophia de Mello Breyner Andressen.

A Comissão é presidida pelo tenente-coronel Vítor Alves.

O embaixador da RFA com altas patentes militares, ontem à tarde, no Ralis (ao fundo as peças de artilharia oferecidas ao Exército português)

NO ÂMBITO DE ACORDOS NATO
Material em segunda mão da RFA oferecido ao Exército português

A entrega ao Exército português de material em segunda mão oferecido pela Republica Federal Alemã foi ontem à tarde pretexto para uma cerimónia que se realizou no RALIS.

Dezoito obuses de 105 mm, quatro transportadoras de carros de combate, uma grua de 20 toneladas e 290 viaturas para transporte de tropas e ambulâncias, além de sobressalentes, faziam parte do segundo lote de armamento cedido pela RFA a Portugal no âmbito dos acordos estabelecidos entre as autoridades militares portuguesas e os seus parceiros da NATO. O primeiro lote fora entregue em Março do ano passado e incluía carros de combate M-48 A-5, que foram integrados na Brigada Mista Independente.

À cerimónia realizada ontem no RALIS estiveram presentes o vice-chefe do Estado-Maior do Exército, general Altino de Magalhães e o embaixador alemão, Jesco von Puttkamer. Acompanhavam-nos o comandante e 2.º comandante da Região Militar de Lisboa, general Oliveira Rodrigues e brigadeiro Teixeira Fernandes, o director da Arma de Artilharia, brigadeiro Câmara Stone, o Quartel-Mestre General, general Lopes da Conceição e comandantes de unidades militares de artilharia. Estavam ainda presentes o adido militar alemão, capitão de fragata Jorg Ullman e o chefe da delegação militar alemã em Lisboa, coronel Franz Ulrich Langer.

Na cerimónia de entrega formal do material de guerra, que se realizou na parada «Soldado Luís», o general Altino Magalhães salientou a «doação» alemã e defendeu a NATO como «aliança defensiva que apenas pretende garantir paz e segurança» e que procura «evitar a deflagração da guerra através da organização e manutenção de FA, prontas para o combate, suficientemente fortes para desencorajarem veleidades de agressão».

Noutro passo da sua intervenção, o vice-chefe do Estado-Maior do Exército prestou «a sua homenagem de soldado às virtudes de patriotismo, de bravura, de aprumo, de dignidade e de alta competência que distinguem e são tradição e apanágio do Exército Alemão», referência que, possivelmente não pretenderia abranger o Exército hitleriano.

Em resposta, o embaixador alemão salientou que a República Federal Alemã está disposta a continuar a apoiar o esforço de reequipamento do Exército português, no quadro da NATO, com o objectivo da «criação de uma Europa comum, unida e livre».

Delegação marroquina em Lisboa

Para tratar de assuntos relacionados com a promoção turística, a formação profissional e investimentos conjuntos, chega no sábado a Lisboa uma delegação marroquina dirigida pelo respectivo ministro do Turismo.

A delegação terá encontros com o ministro Repolho Correia, do Comércio e Turismo e com o primeiro-ministro. No próximo dia 29 visitará o complexo de Tróia e assinará em Lisboa um protocolo sobre a matéria entre os dois países.

RELAÇÕES COM A LÍBIA

O desinteresse do lado português é o principal motivo para a estagnação das relações diplomáticas luso-líbias, segundo afirmou à ANOP Omar A1 Hamdi, dirigente do Congresso Geral do Povo Líbio.

Segundo sublinhou aquele dirigente, que se encontra em Lisboa para tratar de assuntos relacionados com a realização em Outubro da Conferência de Solidariedade com o Povo Árabe, o seu país está disposto ao diálogo, apesar do Governo de Lisboa não ter dado nenhuns passos no sentido da normalização.

A1 Hamdi declarou ainda que o trabalho dos técnicos portugueses no seu país – são cerca de seiscentos nos sectores da construção civil e naval – é muito apreciado.

Após a normalização de relações entre os dois países, depois de 1974, as relações luso-líbias deterioraram-se em consequência do estabelecimento de relações diplomáticas ao nível de embaixador entre Portugal e Israel e, ainda, depois de afirmações de dirigentes líbios de apoio aos movimentos separatistas de direita que actuam nos territórios das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira.

Entrou ontem em vigor a nova Lei Eleitoral

De acordo com a nova Lei Eleitoral, que entrou ontem em vigor (na Madeira e nos Açores, só vigorará a partir do próximo dia 28 e em Macau e no estrangeiro, em 15 de Junho), a Assembleia da República passará a ser constituída por 250 deputados – menos 13 do que a actual. O novo regulamento fixa em 246 o número máximo de deputados para o território português e em 2 por cada círculo de emigração (Europa e resto do Mundo) se estiverem inscritos mais de 55 mil eleitores, o que efectivamente acontece, com 57.977 eleitores pela Europa e 60.714 no resto do Mundo. A Lei Eleitoral foi aprovada pela Assembleia da República em 4 de Abril último e promulgada pelo Presidente da República em 25 do mesmo mês.

Mota Pinto reunião com Eanes

Eanes e Mota Pinto reuniram ontem, durante cerca de uma hora em Belém. À saida, o Primeiro-Ministro recusou fazer declarações limitando-se a dizer que se tratara de uma reunião **normal.** Esta, contudo, teve lugar no dia seguinte a ter terminado a série de contactos, que foram realizados com os partidos parlamentares em torno da questão do Orçamento Geral do Estado. Supõe-se, assim, que Mota Pinto terá posto o Presidente da República ao corrente das diferentes posições partidárias as quais apontam, neste momento, para a viabilização do Orçamento, embora com algumas correcções a introduzir pelo Parlamento.

PAGUE EM 12 MESES
SEM AUMENTO DE PREÇO

M. L. FERREIRA * RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
* AV. DA REPÚBLICA, 54 - B

SOLTAS

Enfermeiros

A integração dos enfermeiros dos Serviços Médico Sociais no regime geral da Função Pública será automática para os profissionais que até ao dia 30 do corrente não manifestem desejo contrário, à Secretaria de Estado da Saúde. Tal decorre do Decreto-Lei 124/79 que, no dia 16, foi apreciado em Coimbra, pelos quatro sindicatos: Norte, Centro, Sul e Funchal. Aconselhando aos seus associados ponderação na escolha, os sindicatos entenderam, no entanto, que aquela integração «corresponde a uma velha aspiração dos sindicatos e cria condições para um adequado desenvolvimento técnico-profissional dos enfermeiros do sector». Pelo contrário, a não opção pela FP, pode trazer alguns problemas futuros.

ESTATISTICAR

Já passou mais de um mês desde que a Comissão de Trabalhadores do Instituto Nacional de Estatística solicitou, com carácter de urgência, uma entrevista ao secretário de Estado do Planeamento, para debate do impasse no processo de promoções. Para aquela estrutura é aí que está a fonte dos males: a lista de promoções de segundos oficiais e técnicos auxiliares de segunda foi entregue no dia 15 de Março ao titular daquela Secretaria. Outras reivindicações deverão ser apresentadas se a entrevista for conseguida: alargamento do quadro, recusa de entrada a um informador da PIDE, subsídios de campo, cantina, etc.

SNS

Os delegados sindicais do Sindicato do Comércio e Serviços de Évora saudaram os deputados da AR que aprovaram a Lei do Serviço Nacional de Saúde «que vem ao encontro dos anseios e desejos da maioria da população do nosso País». Esperam os delegados que ao discutir-se a lei na especialidade, não seja subvertido o seu espírito.

RESPOSTA DE SEMPRE

Os trabalhadores ao serviço da Ilídio Monteiro na obra da Petroquímica, em Sines, apresentaram uma reivindicação de aumentos no valor de 1500 escudos mensais e subsídio de alimentação. Perante o não rotundo da administração, encetaram formas de luta, das paralisaçãoes simbólicas às alargadas, com quase total adesão. A resposta, face à inquebrantável unidade, foi o corte do sábado e domingo, com ameaças de não serem pagos vencimentos e despedimento de sete trabalhadores sem processo disciplinar.

À ESPERA DA PRT

Os trabalhadores agrícolas continuam, desde há anos, à espera da publicação de uma PRT para o seu sector. O Sindicato de Évora afirma, a propósito, que as prioridades vão sempre para a CAP, grandes agrários, intermediários, etc. E que já lá vão três anos...

UMA SEMANA DEPOIS

"Jagunços" desocupam a Tripla e a autogestão recomeça

Os trabalhadores da fábrica de materiais plásticos Tripla (S. Mamede de Infesta) retomaram ontem à tarde a laboração normal, que interromperam no passado dia 16, quando um grupo de 30 indivíduos armados e estranhos à empresa ocuparam as instalações, a mando do antigo patrão.

Este caso clamoroso de assalto a uma empresa «por um bando armado», que os trabalhadores acusam de integrarem o grupo clandestino «Fidélia» (já conhecido por acções idênticas, como o ataque à têxtil «Jacinto») passou-se perante a total passividade das forças da GNR locais, chamadas a intervir a tempo.

Mais: os trabalhadores afirmam que na noite anterior, quando já tinham tratado com os elementos do bando a sua saída, sem represálias, voltou a aparecer a GNR que desatou a carregar sobre os trabalhadores. E dizem «voltou a aparecer» porque a mesma GNR, chamada antes, limitou-se a dizer que «não havia alteração da ordem», recusando-se a tomar medidas quanto ao facto, escandalosamente ilegal, de elementos armados se encontrarem na empresa, há vários dias, impedindo a laboração. Por outro lado, e segundo os trabalhadores, um sargento da GNR foi surpreendido a propagandear junto do pessoal: «Querem trabalhar? Então por que é que não vão buscar o patrão?»

Em comunicado distribuído ontem, a Comissão de Gestão e os trabalhadores da «Tripla» denunciam este comportamento insólito da GNR, que, como é público, continua a não acatar as ordens do governador civil do Porto quando requisitada para violações flagrantes da lei, como o próprio dr. Cal Brandão reconheceu há pouco. E lembram os trabalhadores: «Depois vem o dr. Mota Pinto falar de legalidade, de Estado de direito e assim por diante, que mais parece brincadeira com coisas muito sérias.»

HISTÓRIA

A Tripla foi abandonada pelo patrão em 1975, completamente falida, com 12 mil contos de dívidas e sem encomendas nem matérias-primas. Os trabalhadores, que ainda não recebem os salários contratuais e estiveram sem subsídios de férias e 13.º mês até há pouco, apostaram na recuperação e investiram tudo quanto puderam.

Compraram uma máquina («o nosso brinco») por 1100 contos já totalmente paga, e que hoje vale 4 ou 5 mil; cimentaram o pavimento e concluíram as obras nos dois mil metros quadrados das instalações; pagaram dívidas do patrão. Hoje orgulham-se: «A nossa preocupação é nunca mentir sobre a realidade dos nossos problemas e o resultado vê-se; temos crédito, aceitação nos bancos, confiança dos clientes e fornecedores.» E acrescentam: «Quando a Caixa Geral de Depósitos mandou ver isto pôs à nossa disposição 1300 contos para concluir as obras e nós não pegámos nesse dinheiro; as obras foram feitas por nós, aos poucos, com a ajuda de técnicos solidários connosco; não recorremos a construtores civis.»

A Tripla tem um grupo de clientes certos (diversas empresas nacionais) que se habituaram «a confiar no nosso trabalho». Neste momento têm na empresa, prontos a entregar, mais de cinco mil contos de produtos embalados e que ontem não puderam sair «porque os elementos do bando mandado pelo patrão levaram as chaves das viaturas e os documentos, o que, para a GNR, também não tem importância», concluíram.

E A LEGALIDADE?

De referir ainda que o antigo patrão, que recorre aos «jagunços» (à saída dizia um deles que ia «lá abaixo buscar o meu, não quero mais coisas», isto é, receber o soldo prometido para o assalto), tem uma acção a correr em tribunal, na Comarca de Matosinhos, para recuperar o que os trabalhadores conseguiram fazer viver depois da sua saída em 75.

Entretanto, os trabalhadores entregaram o caso também ao MT, onde têm um processo pendente com vista à legalização da autogestão que defendeu e salvou a empresa. Mas o ex-patrão, dizem ainda, substitui-se a lei, aos tribunais e ao MT e «manda 'jagunços' que a GNR protege», o que ontem à noite criou um clima de tensão e de violência no local.

Em Março último a Tripla foi visitada por elementos dos partidos da Comissão de Trabalho da Assembleia da República, que não esconderam a sua satisfação por tudo quanto viram na empresa.

Ontem à noite, só persistia uma situação anormal no tocante aos escritórios da empresa, em S. Mamede, em local distante das instalações fabris, onde alguns ocupantes permaneciam. Os trabalhadores continuavam a fazer diligências junto das autoridades.

Capital privado "entra" na Utic do Norte

A CT da UTIC no Norte vê com sérias apreensões o futuro da empresa face à previsível nomeação de um membro do capital privado para responsável, no Conselho de Gerência da empresa, pela área do Porto – afirma-se num comunicado da CT da UTIC no Norte, salientando-se que tal facto será um retrocesso e que, aliada à circunstância de recentemente ter sido nomeado coordenador do sector financeiro no Norte, Ribeiro de Almeida, «não virá com certeza servir os superiores interesses da empresa e dos seus trabalhadores».

Relativamente à nomeação do novo Conselho de Gerência, sublinha a CT que a atitude do IPE «além de ilegal, é contrária a todo o consenso que se criou em reuniões sucessivas e à prática do IPE em anteriores nomeações». Apesar disto, os trabalhadores manifestam-se abertos ao diálogo no sentido de encontrar as melhores soluções, tendo em conta a sua característica de empresa mista com capital maioritário do Estado (60%).

Quanto à localização em Lisboa de todos os directores a nomear por sector de actividade, considera a CT que essa é uma orientação totalmente contrária aos interesses da empresa, à vontade dos trabalhadores manifestada após o 25 de Abril e ao peso da filial do Porto no contexto da empresa.

"Escalada repressiva"

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira do Distritos do Porto, Vila Real e Bragança, denuncia, em comunicado enviado aos órgãos de comunicação social, a escalada de repressão que se tem feito sentir de forma sistemática sobre dirigentes, delegados e activistas sindicais. E cita como exemplos o despedimento, sem justa causa, de um delegado sindical, a suspensão de um dirigente e a tentativa de agressão a outro dirigente, «levada a cabo por um patrão, quando o nosso camarada se encontrava no exercício, ao abrigo da lei, da actividade sindical».

FUSÃO NAS MADEIRAS

Reunidos em assembleia geral no passado sábado, os associados do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Madeiras do distrito de Aveiro, decidiram por unanimidade integrar-se no Sindicato dos Operários das Indústrias de Madeiras dos distritos do Porto e Aveiro.

FN de Viana

Há mais de um mês em greve contra discriminações

Os operários da FN-Viana, Fábrica de Artigos de Caça, SARL, em Viana do Castelo, estão em greve há um mês e 11 dias, como forma de luta contra a discriminação de que foram alvo por parte da administração, no tocante a aumentos salariais.

Com efeito, segundo um comunicado, da CT daquela empresa a direcção «mais uma vez resolveu enveredar pela via da divisão e desonestidade moral e social, aumentando uns tantos, e esquecendo a grande maioria dos trabalhadores». Isto é, os aumentos foram só para os quadros técnidos, recusando-se a direcção não só a aumentar aos restantes trabalhadores, como também a negociar as propostas apresentadas. Referindo-se às várias tácticas que a direcção tem utilizado, a CT salienta que, inicialmente, a recusa dos aumentos propostos por 95% dos trabalhadores assentava no decreto-lei dos 18% e que, posteriormente, a seguir à rejeição daquele decreto na AR, já era ventilada a «difícil situação económico-financeira».

Face à intransigente recusa da direcção daquela multinacional em negociar, os trabalhadores (cerca de 250) mantêm-se dispostos a prosseguir a greve, até que sejam satisfeitas as suas propostas.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALCÁCER DO SAL

ANÚNCIO

2.ª Publicação

No dia 26 do próximo mês de Julho, pelas 14 horas, no Tribunal desta Comarca, nos autos de Carta Precatória n.º 77/79, vinda do 10.º Juizo Civel da Comarca de Lisboa e extraída dos Autos de Execução por Custas n.º 7549-A que corre ali termos na 1.ª Secção, em que o Ministério Público move contra o executado Centro Comercial do Sado, Ld.ª, com sede em Rua da República, n.º 17, nesta vila de Alcácer do Sal, será posto em praça pela primeira vez para ser arrematado ao maior lanço oferecido acima de 150 000$00, o seguinte imóvel adiante indicado, apreendido àquele executado:

IMÓVEL

Um «Stand» constituído de tijolos e coberto com uma placa de cimento, envidraçado nas três fachadas, com uma porta voltada ao sul, tendo duas divisões destinadas a arrecadação de produtos de abastecimento automobilístico e venda de combustíveis. Tem a superfície coberta de 14 metros quadrados, sito na Avenida dos Aviadores em Alcácer do Sal. Está omisso na Conservatória do Registo Predial de Alcácer do Sal e inscrito em nome da executada sob o artigo 437 (antigo 616) da matriz urbana da freguesia de Santiago do concelho de Alcácer do Sal. Tem o valor locativo de 840$00, 10% para despesas de conservação e o rendimento colectável de 756$00 a que corresponde o valor matricial de 15 120$00.

Alcácer do Sal, 15 de Maio de 1979

O Juiz de Direito,
Mendonça Freitas
O Escrivão-Adjunto,
eduardo Mira
Eduardo Mira

S R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de trinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/63373, Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia de S. Teotónio, concelho de Odemira, de linha aérea a 30KV, com 396 metros, do poste n.º 29 da linha para Cavaleiro ao Posto de Transformação de Flor dos Pegos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

CHECOSLOVÁQUIA
VIAGENS DE TURISMO COM VISITAS SOCIAIS
partidas a 19 Jul.–16 Ago.–13 Set.
PRAGA e outras cidades
TUDO INCLUIDO
Informações e inscrições das 14 às 20 h na
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-CHECOSLOVÁQUIA
R. ARTILHARIA UM, 105 - 4.º LISBOA
TELEF. 68 85 87 • ORGANIZAÇÃO DA MUNDIRAMA

PATENTE
Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente N.º 63 256, para «GUIA-FIO PARA CONDUTORES ELÉCTRICOS».
Trata:
CLARK MODET & C.ª, LT.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º, Esq.º
1000 — LISBOA

GRAVURAS ANTIGAS E MODERNAS
Para decorar o seu lar.
Não deixe de ver a grande colecção em exposição.
O MUNDO DO LIVRO
Largo da Trindade, 12 — LISBOA
Telef. 36 99 51

TUDO PARA CAMPISMO
PREÇOS ESPECIAIS ATÉ 15 DE JUNHO
ATRELADOS—TENDA «MIRA - 2000» «TROIA - 2001»
ENTREGAS IMEDIATAS Aberto aos SÁBADOS
HENRIQUES & CASTRO, LDA.
Estrada de Benfica, 398 - A/B — Lisboa 1500

Bancários querem pronunciar-se sobre CG's

A Coordenadora das Comissões de Trabalhadores Bancárias dirigiu-se à Secretaria de Estado do Tesouro repudiando a forma como foi conduzido o processo de remodelação dos Conselhos de Gestão da Banca (o tema deve constar da agenda do Conselho de Ministros, hoje reunido).

De acordo com a posição assumida por aquela estrutura dos bancários, o processo de remodelação não permite que os trabalhadores tenham conhecimento antecipado dos futuros membros do CG e impede-os de se pronunciarem sobre os mesmos, de forma consciente, antes da sua nomeação.

Por isso, foi exigido à SET que prorrogue o prazo de consulta aos trabalhadores e que explicite os critérios que presidirem às propostas, quer de renovação de mandato quer de nomeação de novos gestores.

Mais pretende a Coordenadora das CT's que lhe seja indicada a futura composição global de cada conselho de gestão das organizações bancárias. Se não forem satisfeitas estas reivindicações, aquela estrutura não aceitará qualquer nomeação que vier a ser decidida, provavelmente ainda hoje.

Deve salientar-se que o secretário de Estado do Tesouro, «em contacto com elementos desta coordenadora, tinha garantido a audição atempada dos trabalhadores no estrito respeito pela lei».

LEI SINDICAL

Sindicatos dizem "não" ao projecto-lei PS

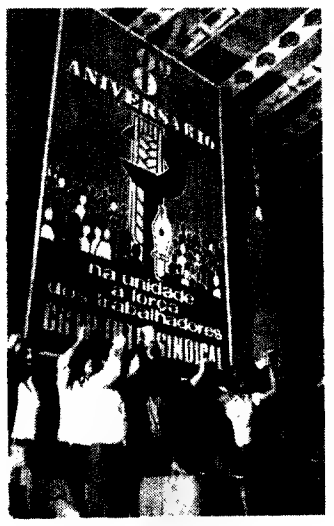
O projecto de lei sobre associações sindicais apresentado pelo PS à Assembleia da República está a suscitar franca oposição por parte das diversas estruturas do Movimento Sindical unitário, empenhadas em participar na discussão pública daquele documento, que se prolonga até sábado.

Para os sindicatos do distrito do Porto, que analisaram esse projecto durante um plenário realizado na última sexta-feira no âmbito da USP, ele «consubstancia as posições também contidas nos projectos do PPD e do CDS, marcada e intencionalmente lesivas dos interesses e direitos dos trabalhadores».

De acordo com o comunicado final subscrito pelos sindicatos, o projecto tem em vista «dar cobertura e força legal à famigerada UGT e seus apêndices, e visa tranformar o movimento sindical com carácter de massas e de classe num pequeno grupo de iluminados cupulistas». A USP considera que a aprovação pelos deputados do projecto PS seria verdadeiramente «intolerável», rejeitando-o em bloco, e manifestando a intenção de «lutar por uma lei que traduza o espírito saído em 1977 do Congresso de Todos os Sindicatos».

Razões idênticas motivam a oposição da União dos Sindicatos de Lisboa, que vê no projecto PS uma tentativa para «subordinar o Movimento Sindical ao controlo do Poder Político e Económico e permitir a ingerência do Estado e do Patronato nas Organizações de Classe dos trabalhadores».

Alguns aspectos particularmente criticados pela USL:



● **A inconstitucionalidade do projecto:** «estimula a pulverização sindical (20 trabalhadores poderão passar a promover a constituição de um sindicato); visa eliminar a participação directa dos trabalhadores na vida das suas associações de classe (elimina as assembleias gerais); retira aos trabalhadores o direito de defenderem os seus interesses; não permite a liberdade de auto-organização das associações sindicais; regulamenta, de forma antidemocrática e até ao pormenor, a vida interna das associações sindicais; impõe um modelo único de organização».

● **Violação das garantias constitucionais de independência das organizações sindicais:** o Ministério do Trabalho pode recusar o depósito dos estatutos; entidades alheias às organizações sindicais podem conceder-lhes subsídios e apoio financeiro.

● **Violação da Convenção n.º 87 da OIT,** que assegura a liberdade de constituição, filiação e auto-organização sindical dos trabalhadores, e poíbe às autoridades «qualquer intervenção susceptível de limitar esse direito ou de entravar o seu exercício ilegal».

● **Cobertura legal da UGT:** «total concordância entre as disposições previstas neste projecto e os estatutos da UGT, imposição esta que, a ser aprovada, obrigaria todas as associações sindicais a adoptar estatutos idênticos», impedindo que os trabalhadores determinem livremente a sua forma de organização, como actualmente.

● **Limitação de direitos adquiridos:** o projecto visa «criar um regime de excepção para os trabalhadores da função pública, limita a utilização do direito à greve», etc..

Comboios parados: uma imagem que amanhã se repetirá, mas sem prejuízos para os utentes das horas de ponta

CP volta a parar durante quatro horas

A Federação dos Sindicatos Ferroviários reafirmou-nos esta manhã a paralisação de quatro horas que havia determinado para amanhã, como forma de luta para que seja negociado o novo ACT daquela empresa pública.

A paralisação de amanhã, a efectuar entre as 10 e as 14 horas, é a segunda que os ferroviários concretizam com o objectivo de pressionarem as negociações do Acordo Colectivo de Trabalho agora em curso. A anterior paralisação de duas horas e, tal como a presente, teve em conta os interesses dos utentes da CP que, muitas das vezes, têm o comboio como único meio de transporte.

Até agora não foi possível chegar a acordo entre os representantes sindicais e o Conselho de Gerência da CP, porque, à proposta daqueles, prevendo aumentos salariais de cerca de 23 por cento, foi feita uma contraproposta de cerca de 10 por cento. O CG da CP «subiu», entretanto, até aos 15,6 por cento, o que é considerado pouco pela Comissão Negociadora Sindical.

O diferendo entre os representantes dos trabalhadores e a gerência da CP alarga-se, entretanto, à discussão das reclassificações e regulamentos de carreiras, matéria em que se verifica um impasse. Noutras cláusulas de expressão pecuniária, as negociações tanbém não têm avançado.

Despedimentos na Lusalite: paralisação e protesto

Enquanto os trabalhadores da Lusalite concretizaram, ontem, com uma adesão de 90 por cento, uma paralisação de 24 horas, pela reintegração de três delegados sindicais da empresa arbitrariamente despedidos, trabalhadores de várias empresas de Oeiras concentravam-se junto das instalações respectivas, fazendo idêntica exigência.

Durante a concentração, convocada pelo Secretariado do Conselho de Trabalhadores do Concelho de Oeiras, registaram-se várias intervenções e foi aprovada, por unanimidade e aclamação, uma proposta em que se reafirma a solidariedade dos trabalhadores para com «os delegados Augusto Sá e Virgílio e exigem a sua imediata reintegração».

A concentração, que acabou por se efectuar à porta da Lusalite, após recusa das instalações do refeitório para a sua realização, manifestou-se pelo prosseguimento da luta que tem sido desenvolvida (paralisações, nomeadamente) caso não seja resposta a legalidade conforme parecer do juiz do Tribunal de Trabalho».

De acordo com as decisões tomadas neste plenário se a administração da Lusalite mantiver a recusa da reintegração dos delegados sindicais atingidos pela repressão, os sindicatos representados na empresa e as estruturas representativas dos trabalhadores estudarão novas formas de luta.

À semelhança do que tem acontecido noutras empresas quando da declaração de greves (por exemplo, na Diogo D'Ávila) os trabalhadores foram, ontem, impedidos de utilizar o bar da empresa e de colocar os seus filhos na creche.

FILMES KODAK

SUPER 8 EKTACHROME

40 com revelação grátis

só 310$00

"GALERIAS ROLDÃO"

Av.ª Almirante Reis 13-E (Metro Intendente)

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO LISBOA

AVISO

Para conhecimento dos interessados e do Público em geral, informa-se de que o Serviço

S.I.T.I.C.

SERVIÇO DE INSPECÇÃO TÉCNICA DAS INSTALAÇÕES DOS CONSUMIDORES (EX. INFORMAÇÕES TÉCNICAS)

até agora a funcionar na Rua Camilo Castelo Branco, 43 s/l, em Lisboa, encerrará ao público no dia 25 do corrente, reabrindo no dia 29, nas instalações da Rua da Boavista, n.º 27-1.º andar, igualmente nesta cidade.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Metalurgia e Metalomecânica do Distrito de Setúbal

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Delegados Sindicais deste Organismo, para uma Assembleia a realizar no dia 24 de Maio (5.ª FEIRA), pelas 15 horas, no salão Sindicato dos Ferroviários, no Barreiro, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS:

1.º — Análise, discussão e posição a tomar face ao projecto de lei n.º 230/I;

2.º — Análise da situação político-sindical;

3.º — Informações;

Barreiro, em 18 de Maio de 1979

A Direcção
Víctor M. R. Silva

AOS COOPERATIVISTAS

AS COOPERATIVAS DE CONSUMO

A Comissão Instaladora da FENACOOP

incita à participação de todas

as Cooperativas e Cooperativistas no

2.º CONGRESSO NACIONAL DAS COOPERATIVAS DE CONSUMO

a realizar em 26 e 27 de Maio, na Fundação Calouste Gulbenkian

quaisquer que sejam as dificuldades a remover, na certeza de que quanto maior for o número de presenças, mais profundo será o debate, melhor faremos ouvir a nossa voz perante os órgãos do poder político e da administração pública.

Mais de 450 Cooperativas, cerca de 350 000 famílias associadas, 3000 postos de trabalho e mais de 5 milhões de contos de bens essenciais distribuídos a preços justos e com qualidade, além de inúmeras actividades de participação social e cultural, é quanto significa o Sector, no momento, apesar de todas as dificuldades enfrentadas.

Neste 2.º CONGRESSO — que é um marco histórico para a vida do Movimento — vão definir-se as linhas de acção e de desenvolvimento, a curto e médio prazo, para que a intervenção económica e social das Cooperativas corresponda ao projecto constitucional e às transformações profundas ocorridas na sociedade portuguesa após o «25 de Abril».

Para sermos coerentes com o trabalho voluntário e militante a que nos dedicamos, torna-se indispensável que todos participemos neste 2.º CONGRESSO, para juntos — cooperantes, dirigentes e trabalhadores — reforçarmos na acção as palavras de ordem do Congresso:

— UNIR E ORGANIZAR AS COOPERATIVAS

— INFORMAR E DEFENDER OS COSUMIDORES

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS DE CONSUMO–FENACOOP

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
Rua da Guiné, 8-r/c-Dt.º — Telefone 84 69 69

TRÁS-OS-MONTES:

Duas empresas privad

O Cachão, complexo agro-industrial do Nordeste Transmontano, começado a construir há 15 anos por iniciativa de Camilo Mendonça, deputado à Assembleia fascista, mal dimensionado então, mas hoje com possibilidade de recuperação a médio prazo, é motivo da cobiça de duas empresas privadas que, embora sem confirmação oficial, nos foi garantido serem a Transportugal e a multinacional Lever.
O Cachão tem sido assunto polémico desde 1964, ponto de encontro e desencontro de todos aqueles que olham para o futuro de Trás-os-Montes, sobre ele reflectem, com ele se preocupam e nele se empenham.

O gado ovino será a principal espécie para abate no Matadouro. Ao mesmo tempo estão a ser criadas as ne através da construção de edifícios para ordenha colectiva em Vinhais e Mogadouro e uma central de tratar de Cavaleiros.

Para uns é o câncro, para outros um pulmão. Para aqueles o Convento de Mafra, para estes o oásis no deserto do subdesenvolvimento que é Trás-os-Montes.

Factos ultimamente registados, a recuperação gradual do passivo em cada exercício que passa (no ano transacto o passivo não ultrapassou os 79 mil contos), apontam para uma recuperação parcial, para 1983, mediante condições a definir e contratos de viabilização, e para uma recuperação total daqui a 15 anos. Pertencem estes considerandos a um exaustivo relatório de 900 páginas entregue recentemente ao Poder Central e elaborado pela actual Comissão Instaladora.

Assim são apresentadas condições mínimas que passam pela definição jurídica da empresa, pelo saneamento financeiro do Cachão e por uma maior autonomia administrativa.

Modelo proposto: união de cooperativas

Ao longo de todos os seus atribulados anos de existência (estão já «enterrados» no Cachão 800 mil contos) foram várias as forças e personalidades políticas que utilizaram e tentaram o Cachão como o trampolim para a sua ascensão. Considerado, juntamente com a Ferrominas EP, um dos pólos de desenvolvimento do Nordeste, Camilo Mendonça utilizou o CAIC para se transformar em pouco tempo no cacique da região, Pires Veloso, quando comandante da Região Militar do Norte, também dele se aproveitou abundantemente, chegando a ser, a dada altura, um dos seus principais pontos de apoio, com homens da sua confiança em altos cargos no complexo.

Entregue à iniciativa privada, o Cachão pode transformar-se numa rápida fonte de lucro, mas dificilmente pólo de desenvolvimento da região e base de apoio aos pequenos e médios agricultores. Politicamente seria altamente pernicioso para a região, num momento em que as populações se começam a libertar do anticomunismo primário e da memória das controversas campanhas de dinamização («Nortada» e «Maio Nordeste»), cujos erros foram rapidamente explorados pela direita civil e religiosa.

Técnicos do Cachão há que não aceitando o complexo como uma empresa privada, não desdenhariam contudo, de uma fórmula intermédia concretizada através da assinatura de contratos específicos, não se permitindo a apropriação do capital social. A iniciativa privada ficaria assim limitada ao simples nível de comparticipação.

Esta opinião choca contudo com o cerne da questão: que empresa é o Cachão?

«A priori» não é uma empresa meramente comercial em que o lucro seja a mola real de toda a sua actividade. O complexo, visto numa perspectiva regional, deve estar lançado para o desenvolvimento agro-pecuário do Nordeste, para o apoio técnico à agricultura, para uma definição mais justa dos preços dos produtos agrícolas, de modo a estimular os lavradores e a limitar a especulação e lucros abusivos dos intermediários.

Esta matéria pode ser consubstanciada numa proposta (que até ao momento se apresenta como a de maiores possibilidades de êxito) apontada para a criação de uma empresa mista com a participação das cooperativas locais, podendo funcionar o Cachão como uma União das Cooperativas.

Segundo alguns observadores, a criação desta empresa mista, implicaria, como condição, a entrada de capitais através da formação de acções de acordo com os produtos entregues.

O Plano da Recuperação e as demissões adiadas

Ao tempo em que percorríamos Trás-os-Montes a Comissão Instaladora do Cachão encontrava-se em Lisboa em reunião com responsáveis do MAP no sentido de ser dada resposta às suas propostas de viabilização da empresa. Continuavam a ameaçar com a demissão que não chegou a verificar-se, pois Lisboa aceitou em grande parte os seus pontos de vista.

O propósito das demissões aquecera particularmente durante a viagem de Vaz Portugal ao Nordeste Transmontano.

Dias antes, o secretário de Estado da Reestruturação Agrária, José Goulão, dera uma entrevista ao «Comércio do Porto», em que os termos referentes ao Cachão e à Comissão Instaladora, levariam esta a pedir ao ministro, em bloco, a sua demissão. Após prolongada reunião que durou até às três da manhã num hotel de Mirandela, os demissionários concederam a Vaz Portugal mais um prazo.

Vale uma retrospectiva do que tem sido o Cachão, para uma melhor compreensão deste princípio de tempestade.

Até ao 25 de Abril, o Cachão esteve praticamente em fase de construção, com problemas financeiros gravíssimos, com o compadrio e a confiança política a substituirem o «cuririculum», sob a tutela megalómana de Camilo Mendonça que, quando o acusavam de ter posto o carro à frente dos bois, de não ter criado antecipadamente as infra-estruturas necessárias, costumava responder: «A última fase já está feita. Agora façam a primeira».

Actualmente Camilo Mendonça é responsável em Paris pela Agência de Viagens Mercury.

O Cachão entrara no descrédito, as dívidas ao pequeno e médio agricultor ascendiam a milhares de contos e não eram pagas de forma a que incentivassem o lavrador a exprimentar novas colheitas e produções novas que então os técnicos agrícolas propunham, mas a que depois não davam escoamento ou pagavam mal e a más horas.

Com o 25 de Abril a situação, de certo modo anárquica, do Cachão manteve-se. Os problemas financeiros continuavam gravíssimos. O Complexo estava à beira da insolvência.

Do 25 de Abril de 1974 até 1976, ano em que o Conselho de Ministros resolve nomear a primeira Comissão Instaladora do Cachão E.P., já quatro comissões liquidatárias tinham passado por aquele complexo. Vai-se hoje na terceira C.I. que acredita na recuperação do CAIC fraca até hoje, porque, além de anárquica, é sustentada em medidas a curto prazo.

A resolução do Cachão passa pela resolução de problemas de fundo e não por uma política de atribuição de subsídios. Implicará portanto a dotação da empresa com capitais próprios, a libertação das dívidas à Banca de curto prazo, transformando-as em dívidas de médio e longo prazo. Urge investir em equipamentos na ordem dos 100 mil contos. Desde 1974 que os investimentos se encontram praticamente parados.

Que agricultura é possível no Nordeste? Os técnicos apontam: menos agricultura e mais povoamento florestal e terrenos para a pecuária que é necessário desenvolver.

O MAtadouro possível

O Matadouro tem sido outro dos pomos de discórdia do Cachão. Para uns é dum gigantismo desabusado face ao número de cabeças de gado existentes na região. Para outros, ele é altamente rentável, mesmo com o abastecimento das reses existentes.

Com efeito, neste momento, e apesar dos seus altos custos, é ponto assente que vai ser acabado. Consideram alguns técnicos que é economicamente viável, já.

Opiniões há que apontam como futuro para as terras do Nordeste mais que a agricultura (muita dela de subsistência e de ridícula produtividade por hectare) o reforço e desenvolvimento da pecuária.

Estão já gastos no Matadouro, 140 mil contos, sendo necessário pagar dívidas a duas empresas na ordem dos 100 mil contos. Para tornar o Matadouro funcional é preciso gastar ainda mais 160 mil contos.

Caso este investimento seja garantido, já poderá funcionar no próximo ano, não se pondo o problema do abastecimento. Até 1983 poderá funcionar a 80 por cento da sua capacidade total. Possui três linhas de abate distintas: bovinos (que não é a mais importante ao contrário do que tem sido dito), suínos e ovinos. O programa do Matadouro está elaborado para daqui a 15 anos estar a funcionar em pleno. Tendo características polivalentes, já que é um matadouro industrial e não só de abate de gado, seria necessária uma rede de frio, problema que continua a ser nacional e por resolver.

Pese aos que acreditam no Cachão, a sua viabilização, só possível com uma larga soma de investimentos, não é compatível com as imposições do FMI e corrobora a opinião de vários técnicos e forças políticas (basta recordar o lúcido documento da UDES sobre a eventual integração de Portugal na CEE) de que urge um debate profundo, nacional, desapaixonado, em que a demagogia não se sobreponha à análise, sobre a nossa entrada, como parceiro de tempo inteiro, na Comunidade Económica Europeia. Será útil referir que o PIB das populações no Nordeste é sensivelmente igual a metade do nacional e a um sexto do espa-

APARTAMENTOS ALGARVE
FÉRIAS VERÃO PRAIA
"TORRE S. JOÃO" e "AREIAS DO MAR" — ALBUFEIRA
"VILAMAR" — VILAMOURA
"PLANFÉRIAS" — QUARTEIRA
NÚMERO LIMITADO DE APARTAMENTOS
INSCREVA-SE JÁ!
INFORMAÇÕES E RESERVAS
abreu
fundada em 1840
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 270 11/2
FARO: Av. da República, 124 • Telefs. 25035/6

QUE FUTURO? (2)

ROGÉRIO RODRIGUES

...das querem comprar o Cachão

durante largos meses, ponto de polémica, se devia ou não funcionar. Em Outubro de 1976 é ultrapassado o impasse e, neste momento, está a trabalhar perto da sua capacidade total.

Numa segunda fase, foi elaborado um projecto, já aprovado, para a criação duma central de tratamentos de leite, que irá funcionar em Macedo de Cavaleiros.

Paralelamente, a Junta Nacional de Produtos Pecuários construiu 35 salas colectivas de ordenha em Mogadouro e Miranda (focos pecuários), prontas a funcionar. Está prevista a construção de mais 60 salas na zona de Bragança, Macedo de Cavaleiros, Vinhais, Vila Pouca de Aguiar, além de outras particulares.

Começam pois a estar criadas infra-estruturas que virão permitir ao agricultor produzir leite de qualidade A, além de melhores preços. Um problema se põe: este leite tem de ser destinado ao consumo, o que virá necessariamente, por escassa rendibilidade, a diminuir a produção do queijo. Se isto é verdade, necessário se torna o contraponto: a região produz muito leite, mas não o consome, já que não possui até à data nenhum esquema de abastecimento que ultrapasse a distribuição artesanal de alguns particulares.

destinam-se ao mercado externo, particularmente à França, Alemanha, Inglaterra Suíça, Checoslováquia, Polónia, Angola e Moçambique.

Só uma pequena parte dos produtos é destinada à venda directa ao público com o rótulo do Cachão. Assim, pode acontecer ao leitor que esteja a comer azeitonas ou espargos duma marca qualquer, sem pensar que são do Complexo. O Governo, por seu turno, tem-se mostrado sobretudo interessado em que o Cachão se ligue a grandes grupos económicos de distribuição. O cerco ao Complexo aperta-se cada dia mais.

O lavrador assiste na expectativa ao desenrolar dos acontecimentos. É certo que no ano transacto triplicaram as compras do Cachão ao agricultor e os pagamentos não sofreram os grandes atrasos que durante tantos anos têm dado uma imagem de marca de Complexo.

EXCESSO DE TÉCNICOS?

Tem-se levantado com certa frequência a questão de o CAIC ter pessoal a mais. Neste momento comporta 700 trabalhadores permanentes e meia centena de eventuais. Os salários por mês rondam os 6.500 contos.

É um facto que é tal a pobreza da região que, mesmo com 60 por cento dos ordenados a não ultrapassarem o mínimo nacional, é possível tornar o nível de vida das pessoas que trabalham no Cachão muito superior à média da região.

Quando estivemos no CAIC, como que tudo estava parado, as pessoas movimentavam-se lentamente, tudo corria num peso das horas, como se o Cachão tivesse de existir sempre – grande fatalidade, ou esperança perene. O Complexo tem ainda sob a sua tutela, para lá deste «cachão» de problemas, uma cooperativa agrícola, a Ribatua. Pensam os responsáveis que é preciso encontrar uma solução, que é necessário torná-la completamente independente do Cachão, por falta de enquadramento nas actividades que mais directa e imediatamente interessam ao CAIC.

No adeus tórrido, ficou a questão: o equipamento vai-se esgotando. Os investimentos não existem. O lagar de azeite já está incapacitado. Em 1977/78 o Cachão alugou o da Quimigal em Mirandela. Comprar um novo custa 10 mil contos. E apesar do algum optimismo das 900 páginas do relatório há quem continue a perguntar se o Cachão não é grande de mais para o tão pouco que tem feito.

As empresas privadas esperam já. Montada a máquina, basta ir sacar os lucros...

...as necessárias infra-estruturas, os tratamentos de leite em Macedo

AS PREVISÕES E AS CARÊNCIAS

O programa agora apresentado ao Governo pela Comissão Instaladora do Cachão prevê uma evolução das vendas (independentemente do Matadouro e da Central Leiteira) dos 200 mil contos para os 800 mil (média anual), quando entrarmos em 1983.

As vendas respeitantes ao Matadouro e Central Leiteira serão muito superiores ao resto.

Mas é notória uma falta de estrutura comercial. Por mais estranho que pareça, o Cachão não tem um director comercial, tendo 35 a 40 produtos possíveis de venda (azeitonas, cereja, espargos, produtos hortícolas, frutas em calda, doces de amêndoa, azeite, lã, castanhas, alimentos compostos para gado, etc).

Apesar da estrutura comercial deficiente (igual à de 1970) as vendas nos últimos tempos aumentaram. Uma expansão ilusória, já que tem a ver com as grandes diferenças cambiais e desvalorização progressiva do escudo. O aumento atinge os 95 por cento. Das vendas efectuadas, 25 a 30 por cento

Cerca de 60 por cento dos trabalhadores auferem o ordenado mínimo nacional.

Na opinião de gestores ligados ao Cachão há falta de quadros superiores e quadros médios a mais no sector agrícola (cerca de 16) que estão a apoiar as cooperativas e os agricultores. O Cachão apresenta-se como caso raro em empresas, já que a média nacional, segundo dados divulgados pelo MEIC no último encontro com os jornalistas sobre a Ensino Superior de Curta Duração, apontava uma percentagem maior de técnicos superiores do que quadros médios.

Este excesso do quadros médios no Cachão, segundo a C.T., deverá ser transferido para os serviços regionais, aliviando assim a empresa duma carga salarial.

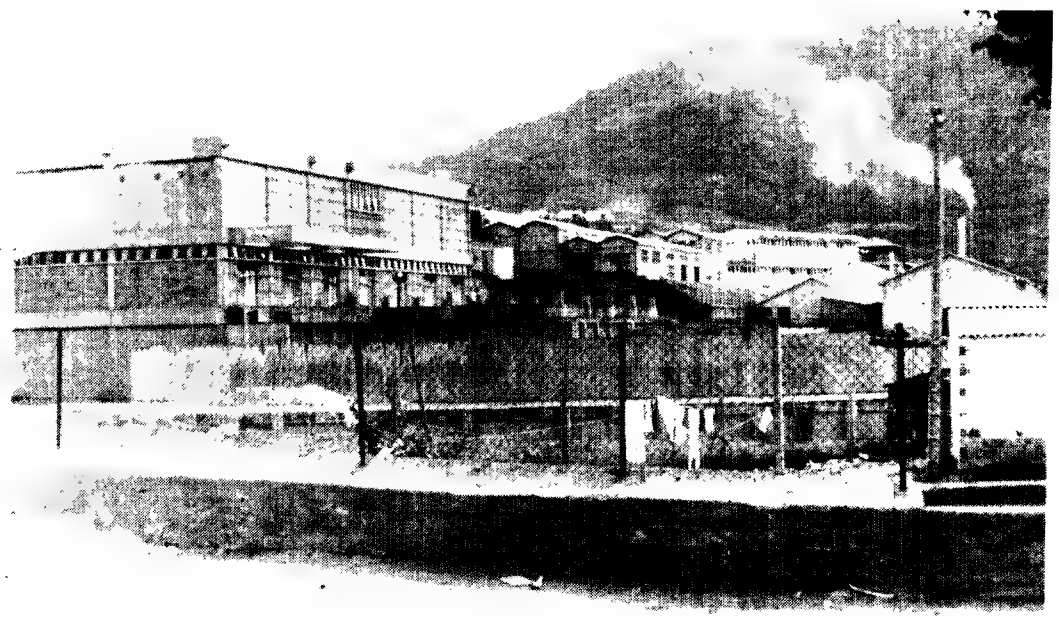
A nível de operários, na óptica da Comissão Instaladora, haverá cerca de 80 pessoas a mais no sector das obras e oficinas. Uma parte poderia, eventualmente, ser reconvertida para utilização no Matadouro.

Também no domínio dos tractoristas haveria pessoal a mais, surgindo como solução para este problèma a criação dum sector autónomo dirigido pelo Cachão.

nhol, candidato, como nós, à integração da CEE.

O leite e a região

O Cachão possui uma queijaria para industrializar o leite. Foi,



O matadouro industrial é o sector mais controverso do Cachão. Se por um lado promete o abate de todo o gado existente na região; por outro, observadores opinam que não há cabeças suficientes para a sua «voracidade».

O IMENSO ADEUS

RAYMOND CHANDLER

© — Livros do Brasil/College Trustees

—Como pode você saber que os vai rejeitar?

—Se prestassem os autores não teriam ido deixá-los pessoalmente ao meu hotel. Já estariam certamente nas mãos de um agente de Nova Iorque.

—Porquê ficar com eles, então?

—Em parte para os não melindrar e em parte por aquela sorte que pode aparecer-nos uma vez na vida. Mas geralmente é porque se esteve numa festa, se conheceu muita gente, alguém nos apresentou a alguém que escreve livros e nós estamos suficientemente bebidos para estarmos cheios de amor pela raça humana e dizermos que teríamos imenso prazer em ver o manuscrito. Logo a seguir, com uma rapidez fantástica, trazem-no ao nosso hotel e nós somos forçados a lê-lo. Mas não me parece que você esteja muito interessado em editores e nos seus problemas.

O criado trouxe as bebidas. O Spencer agarrou a dele e bebeu-lhe uma grande golada. Não tinha reparado na rapariga doirada na outra mesa. Quem tinha toda a sua atenção era eu.

—Se isso faz parte da sua proposta, eu não me importo de ler um livro de vez em quando.

—Um dos nossos mais importantes autores vive nesta cidade—disse-me.—Talvez você já tenha lido alguns dos seus livros. Chama-se Roger Wade.

—Hum-hum.

—Já percebi—e fez um sorriso triste.—Não lhe interessam romances históricos. Mas olhe que têm muita venda.

—Não há que perceber, sr. Spencer. Peguei um dia num dos livros dele. Achei-o uma porcaria. Ou acha que não devia dizê-lo?

Ele sorriu.

—Oh, não. Há muita gente que concorda consigo. Mas acontece que de momento ele é um favorito do público. E todo o editor precisa destes favoritos para ganhar algum dinheiro.

83

FÉRIAS de VERÃO

•TRÓIA
•MONTECHORO
•AQUAZUL
•AÇOTEIAS
•COSTA BRAVA
•COSTA DEL SOL
•MAIORCA
•MENORCA
•IBIZA
•AÇORES
•MADEIRA

faça férias
Capristanos

Av. Duque de Loulé 47 A - 1000 LISBOA
T. 560171
R. Mouzinho de Albuquerque 47
8500 PORTIMÃO - T. 23136/7
R. de Santa Catarina 500 - 4000 PORTO
T. 20208/24571
Terminal - Centro Comercial do Rossio - Loja 101/2 - 1200 LISBOA T. 368164/368131/371695

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente N.º 63 258, para «PLATINA PERFURADA».

Trata:
CLARKE MODET & C.ª LT.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º, Esq.º
1000 — LISBOA

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS DO SUL E ILHAS ADJACENTES
Rua da Barroca, 107-1.º e 2.º
Telef. 362122 — 324902 — 363882
1294 Lisboa Codex

ELEIÇÕES
25 DE MAIO

De acordo com as normas estatutárias vão realizar-se no próximo **DIA 25 DE MAIO,** as eleições para os Corpos Gerentes do nosso Sindicato, às quais concorrem duas listas.

Dada a importância de que se reveste o acto eleitoral a Mesa da Assembleia Geral exorta todos os trabalhadores gráficos a participarem massivamente neste tão importante e significativo acto.

VOTAR É UM DIREITO E UM DEVER!
EXERCE DO TEU DIREITO DE VOTO!

Lisboa, 18/5/79

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

NOTA: Por motivo do Acto eleitoral os serviços do Sindicato encon-se encerrados no dia 25.

© – Livros do Brasil/College Trustees

Olhei para a rapariga dourada. Tinha acabado o seu sumo de lima, ou o que quer que estava a beber e olhava para um relógio de pulso microscópico. O bar estava a encher-se, mas ainda não havia muito barulho. Eu olhei de novo para o Howard Spencer.

—Tudo isto tem por acaso alguma coisa que ver com o seu problema?—perguntei-lhe.—Refiro-me ao Wade.

Ele confirmou com a cabeça. Observava-me cuidadosamente.

—Fale-me um pouco de si, sr. Marlowe. Isto é, se isso lhe não faz muita diferença.

—Que género de coisas quer saber? Sou um investigador particular há já bastante tempo. Sou sòzinho, solteiro, quarentão e pobre. Já estive preso mais do que uma vez e não trato de casos de divórcio. Gosto de beber, de mulher, de xadrez e de mais umas coisas. Os «chuis» não gostam lá muito de mim, mas conheço alguns com quem me dou bastante bem. Nasci em Santa Rosa, os meus pais já morreram e não tenho irmãos ou irmãs. E se algum dia derem cabo de mim num canto escuro, como pode acontecer a qualquer com a minha profissão, ninguém ficará a chorar de pena.

—Obrigado pelas informações, mas não era bem isso que eu queria saber.

Acabei o meu *gin* com sumo de laranja. Não gostei. Sorri-me.

—Faltou-me dizer-lhe uma coisa, sr. Spencer. Tenho um retrato do Madison na algibeira.

—O retrato do Madison? Desculpe, mas não...

—Uma nota de cinco mil dólares—disse-lhe.—Ando sempre com ela. Dá-me sorte.

—Santo Deus!—disse em voz baixa.—Não acha que isso pode ser muito perigoso?

—Quem foi que disse que, a partir de certo ponto, todos os perigos são equivalentes?

—Parece-me que foi o Walter Bagehot.—E sorriu.—Desculpe, mas eu sou um editor. Você serve-me, Marlowe.

84

Leia a partir de 10 de Junho

a Nação

Vespertino independente de grande informação

Administração:

Av.ª Fontes Pereira de Melo, 35-10.º

LISBOA — Telefs: 571200 576634 576805

Redacção e Publicidade:

Av.ª Infante Santo, 23-6.º C

LISBOA — Telefs: 605341 604802

EM COIMBRA DE 31 DE MAIO A 3 DE JUNHO

"Festa da Flor" evoca luta estudantil de 1969

COIMBRA, 23 – Três dias de festejos evocarão, entre a noite de 31 do corrente e a tarde de 3 de Junho, em Coimbra, a «Festa da Flor» e a sua «simbologia de luta, unidade, democratização e emancipação cultural» que a Academia imprimiu à crise de 1969, cujos dez anos agora se comemoram. Esta iniciativa, divulgada ontem em conferência de Imprensa nas instalações da AAC, vai ser concretizada pelos organismos autónomos (TEUC, CITAC, Orfeão, Tuna, Coro Misto e Coral da Faculdade de Letras), por diversas secções desportivas e culturais da AAC, por associações recreativas e culturais da cidade e ainda por cooperativas da região, a colaboração de diversos outros organismos, incluindo grupos de trabalhadores e sindicatos. Grande número de cantores, muitos deles ligados a Coimbra e à luta associativa e estudantil, estarão também presentes nas realizações do vasto programa ontem divulgado.

A comissão promotora, que iniciou os trabalhos de preparação dos festejos há cerca de um mês, na sequência de uma ideia lançada já há meses por elementos ligados à editora «Centelha», fundada por estudantes saídos da crise de 1969, escolheu a designação de «Festa da Flor» pela simbologia que teve, na luta de há dez anos, contra a repressão que se abateu sobre a Academia numa cidade então ocupada por enorme dispositivo de forças policiais e militarizadas. Símbolo duma resistência e de uma metodologia de luta que isolou as forças repressivas em 1969, a «Festa da Flor» vai ter, este ano, na manhã do dia 3, um «cortejo da flor» com concentração na Praça da República e desfile até à Estação Nova. A comissão promotora lança esta ideia: quem esteve em Coimbra em 1969 que traga uma flor e que participe no cortejo, trazendo a

Estudantes, reclamando a democratização do ensino, assistem à passagem das forças paramilitares que irão ocupar a Universidade

alegria também, «a alegria com que se desmascarou um regime repressivo numa luta por outra Universidade, outro ensino e outro País, afinal».

Entretanto, para essa evocação que se pretende seja, hoje, uma «festa da cultura e um convívio na unidade», a comissão promotora elaborou o seguinte programa: dia 31, às 21.30 horas, estreia da peça de Jorge de Sena «Epimeteu, o homem que pensava depois», encenada por Geraldo Tuche, pelo CITAC, no Teatro Académico Gil Vicente; dia 1, também à noite e no mesmo local: espectáculo com coros universitários e a participação da Tuna e do Ateneu de Coimbra; dia 2: jogo de futebol, de manhã, entre a AAC e a Cooperativa Agrícola de Barcouço, com actuação, no intervalo, da secção de ginástica da AAC, seguindo-se basquetebol entre formações da AAC (local: Campo de Santa Cruz); ao fim da manhã haverá uma estafeta com atletas da AAC e outros desde as «escadas monumentais» até à Portagem, onde se juntarão aos elementos de cooperativas agrícolas da região (Barcouço e Orenta) regressando ao ponto de partida em tractores; às 12 horas haverá nas «escadas monumentais» um «sketch teatral» que se deslocará até ao átrio da Universidade, a cargo do TEUC e do CITAC, evocando a resistência dos estudantes à repressão de 1969 naquela zona; depois do almoço, no Jardim da Sereia, abre-se no mesmo jardim uma exposição organizada pelo Museu Académico e secções Fotográfica e Filatélica da AAC, seguindo a «festa do livro» com a colaboração de outras secções culturais da AAC e da revista Vértice, cooperativa Unitas, CDL, Centelha, Afrontamento, Assírio e Alvim, etc.; às 16 horas um colóquio com Maria Teresa Horta sobre «A Mulher na Literatura», seguindo-se um festival, ainda no Jardim da Sereia, com Manuel Freire, Brigada Vítor Jara, Ciríaco, Fanha, Grupo Infantil de Barcouço, Assis, Vieira da Silva, etc. Também no dia 2, sábado, à noite, haverá uma sessão de canto na Sé Velha: Zeca Afonso e Rui Pato, Coros de Redondo, Vitorino, Sérgio Godinho, Paulo Vaz de Carvalho, Vieira da Silva, Adriano Correia de Oliveira e outros. A terminar, no dia 3, depois do cortejo da flor, parte um comboio especial para a Figueira da Foz, com chegada às 13 horas, para um almoço (sardinhada) e convívio com a colaboração do Sindicato dos Pescadores. Às 19 horas o comboio regressa a Coimbra, encerrando-se as comemorações.

Organismos autónomos da AAC

Ladrões de arte ou provocação

Elementos desconhecidos assaltaram as instalações do Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC), donde roubaram várias peças de artesanato português e objectos do Museu daquele organismo autónomo da Associação Académica.

Num comunicado hoje divulgado, onde dá conta da ocorrência, o GEFAC sublinha que aquele assalto vem na sequência de um «clima de instabilidade e tentativa de desprestígio do trabalho cultural» desenvolvida pelos organismos e secções com instalações no edifício da Associação Académica de Coimbra (AAC).

Afirma também que aquele acto não pode ser encarado como um roubo de valores, «mas sim como uma provocação realizada, por forças políticas aversas à democracia e à cultura e que não estão interessadas de modo algum na actividade desportiva e cultural desenvolvida pela AAC».

Depois de recordar os assaltos e violações das suas instalações cometidas pela PIDE/DGS antes do 25 de Abril, o comunicado sublinha que «não serão agora os inimigos da democracia e da arte popular portuguesa» que conseguirão impedir o trabalho que o GEFAC se propôs desenvolver.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP;Zona Distribuição Alto Alentejo, a que se refere o processo 8/61 983 Arquivo 18. para o estabelecimento na freguesia de Alferrarede, concelho de Abrantes, da linha aérea a 30 KV, com 250 metros, do poste n.º 39 da linha para o posto de transformação de Olho de Boi, ao posto de transformação n.º 627-Tapadão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Maio de 1979

Pel'O ENGENHEIRO CHEFE

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela ELECTRICIDADE DE PORTUGAL-EDP, Zona Distribuição Alto Alentejo, a que se refere o processo 8/64 108, arquivo 18, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Castelo Branco, de linha aérea a 30 KV com 15 metros, do poste n.º 31 da linha Castelo Branco-Alcains ao Posto de Transformação n.º 701-Alto do Laranjeiro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Maio de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República» o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP-Zona Distribuição Alto Alentejo, a que se refere o processo 8/62986 Arquivo 18 para o estabelecimento na freguesia e concelho de Portalegre, da linha aérea a 6 KV, com 10 metros do poste n.º 7 da linha para o posto de transformação n.º 112-Monte de Carvalho, ao posto de transformação n.º 582-Salão frio.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO CHEFE

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/63069, Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia de Marmelete, concelho de Monchique, da linha aérea a 15 KV com 148 metros; do posto n.º 38 da linha para Marmelete ao posto de transformação de Boavista.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDUSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/63070, Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia Marmelete concelho de Monchique, da linha aérea a 15 KV com 105 metros; do poste n.º 49 da linha para Marmelete ao posto de transformação de Águas Belas e Malhada Velha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP — Zona de Distribuição Alentejo - Algarve, a que se refere o processo 8/63346, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de Saboia, concelho de Odemira, de uma linha aérea a 15 kv, com 6010 metros, do poste n.º 5 da linha para a Cerâmica de Corte Sevilha ao posto de transformação de Nave Redonda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Maio de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO
DE ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Zona Distribuição Alentejo - Algarve, a que se refere o processo 8/63 379, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de Colos, concelho de Odemira, de linha aérea a 30 kv com 1920 metros, do poste n.º 47 da linha para Campo Redondo ao posto de transformação de Seissal de Cima.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Maio de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO
DE ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Zona Distribuição Alentejo - Algarve, a que se refere o processo 8/63 377, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de S. Luís, concelho de Odemira, de linha aérea a 15 kv com 1210 metros, do poste n.º 79 da linha para Vila Nova de Milfontes ao posto de transformação de Bairro Azul.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Maio de 1979

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO
DE ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Lagoa e Silves em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP - Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/58661, arquivo 5460, para o estabelecimento nas freguesias de Estombar e Silves, concelho de Lagoa e Silves, de uma linha aérea a 30 kv, com 867 metros, do poste n.º 6 da linha para o posto de transformação de Manuel Rodrigues, Ld.ª ao posto de transformação da Quinta do Monte Escola.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Maio de 1979

Pel'O ENGENHEIRO CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO
DE ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/63362, Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia Colos, concelho de Odemira, de linha aérea a 30 kV com 8429 metros; do poste n.º 17 da linha para Captação de Águas de Colos ao Posto de Transformação de Campo Redondo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDUSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/63360, Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia Colos, concelho de Odemira, da linha aérea a 30 KV com 180 metros; do poste n.º 6 da linha para Ribeira do Seissal de Cima ao posto de transformação de Ribeira do Seissal de Baixo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDUSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona Distribuição Alentejo Algarve, a que se refere o processo 8/63034 Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia de S. Miguel do Pinheiro, concelho de Mértola da linha aérea a 15 KV com 266m; do posto n.º 60 da Linha para o S. Pedro de Sólis ao posto de transformação de Gois.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDUSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/63218, Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia de S. João dos Caldeireiros, Concelho de Mértola, da linha aérea a 15 KV com 331 metros, do posto n.º 70 da linha Subestação Mértola-Subestação de Castro Verde ao posto de transformação de Ledo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDUSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/63037 Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia de Santana de Cambas, concelho de Mértola, da linha aérea a 30 KV com 113 metros; do poste n.º 2 da linha para Santana de Cambas ao posto de transformação de Monte Costa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDUSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/62633, Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia e concelho de Monchique, da linha aérea a 15 KV com 25 metros; do posto n.º 15 da linha para Marmelete ao posto de transformação de Ladeira e Cercada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/62635, Arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia e concelho de Monchique, da linha aérea a 15 KV com 147 metros; do posto n.º 66 da linha para Monchique ao posto de transformação de Barracão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

AMÉRICA

DERROTA ELEITORAL PARA TRUDEAU

Conservadores ganham no Canadá

O Partido Conservador Progressista canadiano venceu as eleições gerais para a Câmara dos Comuns.

Com todos os escrutínios efectuados à excepção de um, os conservadores obtiveram 136 lugares, menos 6 que o necessário para a maioria. Deste modo, o líder do partido, Joe Clark, chefiará um governo minoritário.

Os liberais conquistaram 112 assentos, os novos democratas, 26, e o Credit Social, 6.

A vitória dos conservadores tinha sido dada como certa pelos observadores, a partir dos resultados obtidos pelo partido de Clark em Ontário, a maior província do país.

Ali, os liberais, tradicionalmente com posição dominante, perderam 20 assentos, em favor dos conservadores.

A percentagem de abstenções nas eleições não foi ainda indicada oficialmente, mas as estimativas iniciais cifravam-se entre os 30 e 40 por cento.

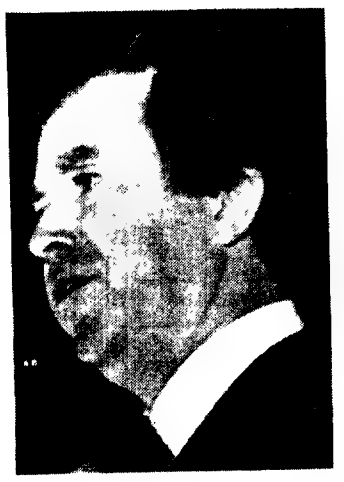
Segundo os observadores, a vitória conservadora poderá acarretar o endurecimento da posição do Quebec em favor do separatismo.

Tradicionalmente, aquela província tem sido favorável ao partido do primeiro-ministro Pierre Trudeau.

Por outro lado, ao mesmo tempo que chamam a atenção para os perigos que pendem sobre a unidade nacional canadiana, os analistas políticos sublinham que quaqalquer alteração no processo político do país terá inevitavelmente repercussões nos Estados Unidos, de que o Canadá é o mais próximo aliado.

Com a vitória do seu partido, Charles Joseph Clark, ou simplesmente Joe Clark, que ao longo da campanha eleitoral o primeiro-ministro Pierre Trudeau classificou de «amador», tornar-se-á o mais jovem chefe de governo duma nação economicamente poderosa. Tem 39 anos de idade.

Trudeau: a esperada derrota



Joe Clark: uma vitória difícil

ONU

Apelo aos países da OPEP na Conferência de Manila

O antigo dirigente da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento CNUCED, Paul Prebisch, afirmou que os países árabes ricos em petróleo poderão desempenhar um papel muito importante na redução do distanciamento entre os países pobres e ricos.

Falando na quinta sessão da CNUCED em Manila, Prebisch, considerado «o pai» daquela organização das Nações Unidas, salientou que os membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo poderão financiar novas empresas na área dos países em desenvolvimento.

Entretanto, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) pediu na conferência auxílio para a sua luta contra Israel.

O delegado da OLP Walid, Qualmhawi, acusou Israel de minar a economia das zonas ocupadas. E propôs que o secretário-geral da CNUCED, Gamani Corea, fiscalize e estude as condições de desenvolvimento e a situação do comércio na margem ocidental do Jordão e na Faixa de Gaza.

ALERTA VERMELHO

O dispositivo de segurança filipino montado para a quinta sessão da Conferência das Nações Unidas no Comércio e do Desenvolvimento (CNUCED) está em «estado de alerta vermelho» permanente desde o início da conferência, soube-se em Manila de fonte autorizada.

Esta medida foi tomada após informações relativas a uma possível infiltração, na capital filipina, de grupos terroristas internacionais, entre os quais comandos palestinos, indica-se da mesma fonte.

Algumas delegações árabes são severamente vigiadas a fim de detectar qualquer possível «contacto fora do habitual», esclarece-se.

Os membros da delegação israelita mudam frequentemente de hotel para despistar qualquer eventual conspiração, soube-se de fonte bem informada.

Duro revés para Carter no Senado

O presidente Carter sofreu ontem, à noite, um grande revés quando democratas votaram por maioria esmagadora na Câmara dos Representantes contra o seu plano de acabar por fases os controlos aos preços do petróleo no país.

Por 153 contra 82 votos derrotaram uma iniciativa para eliminar uma resolução visando a manter os controlos dos preços até Outubro de 1980.

Contudo, a menos que ambas as Câmaras do Congresso aprovem legislação contra o levantamento dos controlos, a decisão do presidente de autorizar que os preços do petróleo aumentem, em 1 de Junho, entrará em vigor, pois, pelo menos, não se espera que o Senado o faça.

O presidente pretende o levantamento dos controlos para encorajar a produção nacional e abrandar a dependência do petróleo do estrangeiro, como parte importante do seu plano sobre energia.

Por outro lado, o Senado aprovou uma lei de auxílio militar ao estrangeiro, semelhante à que recentemente fora aprovada pela Câmara dos Representantes.

O auxílio, no valor de 4,4 mil milhões de dólares, é para 60 países. Quase metade do dinheiro destina-se a Israel, Egipto e Turquia.

Israel receberá mil milhões de dólares em créditos militares, e 785 milhões de dólares em assistência económica, o Egipto, 750 milhões de dólares em auxílio económico e a Turquia, 451 milhões de dólares em ajuda económica e militar.

O Senado derrotou uma proposta para eliminar 45 milhões de dólares em auxílio económico à Síria e aumentou em 10 milhões de dólares os créditos para vendas de equipamento militar ao Sudão.

MANIFESTAÇÕES

Reforços da Polícia chegaram a San Francisco após amotinados terem pilhado estabelecimentos e incendiado automóveis em protesto contra a pena branda aplicada ao assassinio do presidente do município e de um dirigente homossexual.

Entoando «ele saiu-se bem do assassínio» e «os homossexuais retaliarão», cinco mil pessoas, incluindo muitos homossexuais, provocaram distúrbios e cercaram a Câmara antes de serem subjugadas pela Polícia, utilizando gás de controlo de motins.

Várias dezenas de manifestantes e polícias ficaram feridos e pelo menos 20 pessoas foram detidas.

Também eclodiram incidentes defronte da Universidade de Chicago, onde antigos combatentes do Vietname protestavam contra a presença de Robert McNamara, ex-secretário da Defesa do Governo de Nixon.

Na sequência da intervenção da Polícia, uns vinte manifestantes foram detidos, entre os quais Ron Kovic, um antigo soldado do Vietname paralisado, que encabeçava a manifestação em que participavam cerca de 1500 pessoas.

McNamara, que foi um «falcão» defendeu agora em Chicago a redução dos gastos militares e um aumento da ajuda aos países pobres.

EXECUÇÃO ADIADA

O juiz Thurgood Marshall, do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, ordenou o adiamento da execução de John Spenkelink, que devia ser morto na cadeira eléctrica hoje às 7 horas (11 horas tmG) na Penitenciária de Starke, no Estado da Florida.

O juiz Marshall, um dos juizes do Supremo, que se opõe à pena de morte, pediu às autoridades da Florida, numa declaração escrita em Washington pouco depois da meia-noite passada (4 horas tmG de hoje) para diferir a execução da sentença de Spenkelink «dada a natureza irrevogável desta sentença» enquanto o Tribunal, reunido em sessão plenária, não se pronunciar sobre o recurso apresentado pela defesa do condenado.

MORATÓRIA NUCLEAR

A Comissão Reguladora Nuclear norte-americana ordenou em Washington a suspensão por três meses das licenças para a construção e entrada em funcionamento de novas centrais de energia nuclear.

Os noventa dias de moratória nuclear são o prazo considerado pela Comissão como o mínimo imprescindível para investigar adequadamente as circunstâncias que rodearam o acidente de Harrisburg.

Encontram-se actualmente encerradas quinze das 72 centrais nucleares em funcionamento nos Estados Unidos antes daquele acidente.

Entretanto, a Agência de Protecção do Ambiente anunciou em Washington que concluiu com a sociedade «Us Steel» primeiro produtor de aço americano, o maior acordo de protecção do ambiente da história da siderurgia americana.

«Us Steel» comprometeu-se a gastar 400 milhões de dólares para instalar equipamentos de controlo de poluição, do ar e da água em nove fábricas da Pensilvânia.

"Raids" sandinistas em Manágua

Guerrilheiros sandinistas atacaram ontem residências governamentais e outras áreas importantes de Manágua, após uma série de batalhas entre os revolucionários de esqerda e guardas nacionais, na cidade de Jinotega, no Norte do país.

A Polícia anunciou que o ministro do Interior, Antonio Mora e o alto funcionário do Ministério da Informação, Archibaldo Arostegui, escaparam ilesos, quando as suas casas foram atacadas por guerrilheiros fortemente armados, que fizeram vários «raids» rápidos na cidade, retirando-se de seguida.

Entretanto, o embaixador da Colômbia no México, Julio Ortiz, propôs o rompimento colectivo de todas as nações latino-americanas com o regime nicaraguense de Somoza.

Dez manifestantes mortos em San Salvador

Teriam sido mortas pela Polícia, pelo menos, nove pessoas, terça-feira ao anoitecer diante da Embaixada da Venezuela em Salvador quando manifestantes do BPR tentaram abastecer os nove membros do movimento que continuam entrincheirados no edifício, anunciou uma emissora do rádio local.

Nas imediações da missão diplomática, o tiroteio continuava intermitente às 19.15 locais. Todo o bairro está mergulhado na escuridão.

Perante a situação, as emissoras de rádio salvadorianas lançaram um apelo à Cruz Vermelha para que socorra os feridos.

DESARMAMENTO

SALT II será assinado em Viena no dia 16 de Junho

O segundo tratado soviético-norte-americano sobre limitação de Armas Estratégicas (SALT) será assinado em 18 de Junho próximo no Hofburg de Viena, o antigo Palácio Imperial – informou em Viena a Agência Noticiosa Austríaca.

A agência disse ainda que a assinatura coincidirá com o encontro «cimeiro» a ser realizado entre 16 e 18 do mesmo mês entre o presidente norte-americano, James Carter, e o presidente do Estado e do Partido Comunista da União Soviética, Leonid Brejnev.

Segundo a APA, ambos os presidentes deverão deslocar-se a Viena acompanhados dos seus ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa.

Funcionários norte-americanos revelaram, entretanto, em Londres, que a Grã-Bretanha prometeu dar apoio total aos Estados Unidos no que se refere ao tratado SALT-2 com a União Soviética, bem como qualquer ajuda necessária para que se consiga a sua ratificação.

EUROPA

Declarações de Fanfani geram celeuma em Itália

A declaraçao do ex-primeiro-ministro, Amintore Fanfani, de que os aliados ocidentais da Itália poderiam reduzir o seu apoio ao país se os comunistas entrassem no Governo causou celeuma na campanha eleitoral italiana.

Democrata cristão veterano, Fanfani disse ao jornal «La Republica»: «Os países da NATO e do Mercado Comum disseram-nos por milhares de formas que a sua solidariedade connosco diminuiria grandemente na eventualidade de uma presença comunista determinante ou significativa no Governo».

O Partido Comunista, a segunda força política do país, está a fazer uma campanha intensa para obter cargos ministeriais numa nova coligação governamental. Porém, prevê-se que perca dois ou três por cento dos seus votos nas eleições de 3 e 4 de Junho.

Hoje, o seu jornal «L'Unita», denunciou as declarações de Fanfani, a que chamou «mercadoria velha, antiguidades cheirando a mofo».

Outros partidos condenaram também os comentários. O dirigente do Partido Republicano, Oddo Biasini, salientou que a maneira justa de julgar os comunistas não era com preconceitos ideológicos e muito menos curvando-se às pressões externas.

«Deve haver preocupaçãoes, certamente, do outro lado do oceano e do outro lado dos Alpes, mas as decisões nacionais devem depender exclusivamente de nós» – comentou o social-democrata Pietro Longo.

A mesma opinião foi expressa pelo dirigente liberal Valerio Zanone, que observou: «Os italianos devem decidir do seu próprio futuro».

Raymond Barre agraciado

O primeiro-ministro francês, Raymond Barre, foi agraciado com o Prémio Europa 79, conjuntamente com o chanceler oeste-alemão, Helmut Schmidt. O montante do Prémio é de 700 mil marcos, equivalente ao do Nobel. Contudo, gerou-se em França, uma grande controvérsia à volta da concessão deste prémio (hoje entregue em Estrasburgo) porque o seu promotor, Alfred Toepper, da Fundação «Freiherr von Stein», é considerado pró-nazi.

"Prémio Europa" contestado

● O PRESIDENTE DA ROMÉNIA, Nicolau Ceausescu, travou ontem conversações com o primeiro-ministro espanhol, Adolfo Suarez, no decurso da sua visita oficial a Espanha. Entretanto, foram hoje mortos a tiro um empregado bancário, em Madrid, e um polícia, em Sabadell na Catalunha.

● UM SOMALI DE 34 ANOS, Ahmed Angina, foi ontem queimado vivo por um grupo de vadios quando dormia numa rua do centro de Roma, sob o pórtico da Igreja da Senhora da Paz. Foram presos quatro indivíduos.

● O NÚMERO DE IMIGRANTES na Europa Ocidental atingiu os 12 milhões, segundo estatísticas da FSM. Os imigrantes constituem a categoria de trabalhadores mais explorada e privada de direitos.

● OS ESCRITÓRIOS DE TRÊS COMPANHIAS de Belfast foram destruídos ontem por gigantescos incêndios provocados pela explosão de bombas.

● A CONFEDERAÇÃO EUROPEIA DE SINDICATOS (CES) abandonou ontem a Comissão Permanente do Mercado Comum para o Trabalho, em Bruxelas, depois de o patronato se recusar a reduzir os horários de trabalho.

● ALEXEI KOSSYGUINE, presidente do Conselho Soviético, chegou ontem a Praga em visita oficial. Num discurso ontem proferido, o dirigente soviético criticou a preparação e o planeamento da cooperação económica a longo prazo entre a URSS e a Checoslováquia.

MÉDIO ORIENTE

Turquia recusa-se a ser ponta de lança da NATO

A Turquia avisou os Estados Unidos que não actuará como ponta de lança no Médio Oriente da Organização do Tratado do Atlântico Norte – revelou o ministro turco dos Negócios Estrangeiros em entrevista a um jornal do Kuwait.

O ministro Funiduz Okcun declarou ao diário «Al Arai Al Aam» que «já prevenimos os Estados Unidos de que nos recusaremos a desempenhar o papel de ponta de lança da NATO porque desejamos uma cooperação com os países vizinhos baseada na confiança mútua e não no confronto».

Okun acrescentou que outras divergências entre o seu país e os Estados Unidos dizem respeito ao embargo norte-americano de armas contra a Turquia, bases norte-americanas em território turco e a sua futura cooperação económica e tecnológica.

BEGIN EM LONDRES

O primeiro-ministro israelita, Menachem Begin, encontra-se hoje com o primeiro-ministro britânico, sr.ª Margaret Thatcher e afirma que espera construir as mesmas relações pessoais que tinha com o seu antecessor, James Callaghan.

Begim encontra-se em Londres, numa visita privada, e a sessão de hoje será o seu primeiro contacto de alto nível com a nova Administração conservadora, que subiu ao poder após as eleições de 3 de Maio.

O primeiro-ministro israelita chegou ontem a Londres e avistar-se-á com o secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance, que se encontra também na capital britânica, amanhã, antes de partir, na sexta-feira, para o Egipto, para conversações com o presidente Anwar Sadat.

A noite passada, Begin afirmou numa sessão de recolha de fundos, em Londres, que Israel nunca concordaria com a fundação de um Estado palestiniano, pois poria em perigo Israel e o mundo ocidental.

BOMBAS EM ISRAEL

Explodiu hoje uma bomba no centro da cidade de Petach Tikva, a leste de Telavive, atingindo uma bicha de autocarro e ferindo, pelo menos, sete pessoas, incluindo crianças.

Fontes hospitalares revelaram que a maioria dos feridos na explosão de Petach Tikva estavam em estado grave.

Patach Tikva tem sido um alvo favorito dos ataques de sabotagem devido à sua proximidade da margem ocidental do Jordão.

Milhares de habitantes das cidades vizinhas da margem ocidental deslocam-se para trabalhar nas fábricas e empresas de construção da cidade.

Também explodiram bombas em três gabinetes do governo israelita em Hebron.

Pensa-se que os ataques de hoje, em Hebron, foram obra de guerrilheiros palestinianos, que protestam contra as próximas conversações para garantir autonomia limitada à população árabe local da margem ocidental do Jordão, segundo o tratado de paz israelo-egípcio.

AFRICA

Pressões sobre a França para retirar apoio a Bokassa

A França depara hoje com pressão cada vez maior para retirar o seu apoio ao Império Central Africano, a seguir à confirmação de um massacre de crianças na sua antiga colónia.

Uma acusação dramática feita pelo embaixador centro-africano em Paris de que cerca de 100 crianças tinham sido chacinadas por forças de segurança do imperador Bokassa deu maior peso às exigências da oposição para reduções do auxílio francês, equivalendo a mais de metade do orçamento do império.

O embaixador Sylvestre Bangui declarou numa conferência de imprensa, ontem, na sua missão: «acuso o Estado Central Africano de ter morto cerca de 100 crianças». Anunciou também a sua demissão e pediu asilo político em França.

O imperador Bokassa, em Ruanda para assistir a uma cimeira franco-africana, negou as acusações acerca do morticínio de crianças, afirmando que as vítimas de motins, no princípio deste ano, eram «jovens já crescidos».

O presidente Valery Giscard D'Estaing da França também no Ruanda revelou que enviara um ministro a Bangui, a fim de proceder a um inquérito.

Momento de pausa na conferência de Kigali

O anúncio da demissão do embaixador centro-africano em Paris, Sylvestre Bangui, teve ontem o efeito de uma bomba em Kigali (Ruanda).

O anuncio da demissão e a confirmação dos massacres de crianças em Bangui foram conhecidos em Kigali numa altura em que os participantes na cimeira se debruçavam sobre a situação do Império, estando decididos a enviar uma missão de informação a Bangui.

A demissão do embaixador parece ter afectado o soberano pois Sylvestre Bangui é um militar de alta patente (general) que gozava de toda a confiança do imperador.

Grã-Bretanha prepara "legalização" da Rodésia

A Inglaterra anunciou uma iniciativa diplomática bifurcada com vista a encaminhar a Rodésia para a independência legal.

O ministro dos Negócios Estrangeiros Lord Carrington, disse á Câmara dos Lordes que ia ser enviado um alto funcionário britânico a Salisbúria a fim de manter contactos com o novo governo do bispo Abel Muzorewa. Ao mesmo tempo, outro emissário do governo deslocar-s-eá à África a fim de conferenciar, com outros países envolvidos no conflito rodesiano.

Para Lord Carrington, a iniciativa do governo conservador é a primeira medida significativa no sentido de um regresso á legalidade em condições do reconhecimento internacional mais amplo possível.

Idi Amin de novo no Uganda

O deposto ditador ugandês Idi Amin regressou ao Uganda com o propósito de organizar a resistência guerrilheira contra o actual Governo de Campala, anunciou a BBC, citando o presidente líbio Khaddafi.

Segundo este último, Amin encontra-se já no Norte do Uganda, após abandonar a Líbia.

O correspondente diplomático da BBC, John Simpson, revelara recentemente que o ex-governante ugandês estava na localidade líbia de Segba, enquanto a sua família se mantinha num hotal perto de Tripoli.

AG da ONU sobre a Namíbia

A Assembleia Geral das Nações Unidas, que inicia hoje uma sessão de uma semana sobre a Namíbia (Sudoeste Africano), deverá pedir sanções contra a África do Sul, por este país não ter posto em prática um plano de independência da ONU para o território.

Países africanos pensavam apelar para que o Conselho de Segurança expulsasse a África do Sul das Nações Unidas, mas fontes africanas revelaram que esta proposta já não constava da resolução que estava a ser preparada.

A decisão final sobre as sanções recairá sobre as 15 nações do Conselho de Segurança, em que os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, todos com interesses económicos importantes na África do Sul, têm poder de veto. É provável que o conselho estude a recomendação da Assembleia em meados de Junho.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latian e Reuter

CP — Caminhos de Ferro Portugueses, EP.

AVISO AO PÚBLICO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 24 de Maio de 1979, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração de uma dependência no apeadeiro de Barreiro-A para venda de jornais, revistas, artigos de tabacaria, de escritório, de papelaria, fotográficos, brinquedos, discos e «cassetes», pequenas lembranças de viagem e artigos próprios para uso de quem viaja, excepto alimentos e bebidas e ainda de uma maneira geral os vários artigos de venda habitual em estabelecimentos similares.

A anuidade mínima a oferecer é de 20.000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 3400$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

– **Barreiro-A**
– **Barreiro**
– **Serviço da Região Sul**

BARREIRO

– **Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA**

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, 1196 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração de uma dependência no apeadeiro de Barreiro-A.»

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alto Alentejo, a que se refere o processo 8/35603, Arquivo 18 para o estabelecimento no concelho de Alcanena, da Modificação, sem aumento de comprimento, da linha aérea a 30 kV, para o posto de transformação de Fábrica de Malhas de Coelho & Irmão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 8 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alto Alentejo, a que se refere o processo 8/63867, Arquivo 18 para o estabelecimento no concelho de Abrantes, da linha aérea a 30 kV, com 290 metros, do poste n.º 8 da linha para o Posto de transformação n.º 257 — Bioucas, ao Posto de transformação da Associação de Regantes de Carreira do Mato

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 8 de Maio de 1979.

Pel'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Portalegre em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República» o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Zona Distribuição Alto Alentejo, a que se refere o processo 8/42 645, arquivo 18, para o estabelecimento no concelho de Portalegre, de modificação da linha a 6 kv para o Posto de Transformação da Serra de Portalegre entre o Posto de Transformação e Seccionamento n.º 227 e o apoio n.º 7, sem alteração do comprimento de linha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Maio de 1979

Pel'O ENGENHEIRO CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E INDÚSTRIAS DE BASE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Ponte de Sor em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias a contar da publicação destes éditos no «Diário da República» o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP, Zona Distribuição Alto Alentejo, a que se refere o processo 8/62 713, arquivo 18, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Ponte de Sor, de linha aérea a 30 kv com 8015 metros, do poste n.º 46 da linha para o Posto de Transformação n.º 215 de Vale de Açor, ao Posto de Transformação da Estação dos Caminhos de Ferro Portugueses de Torre das Vargens.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Maio de 1979

Pel'O ENGENHEIRO CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Companhia Portuguesa de Ópera dá sinal de vida

De uma maneira geral, não gosto da música de Joly Braga Santos. Neste «não gosto» exprimo apenas o subjectivismo das minhas particulares inclinações musicais, pois que, como qualquer pessoa que gosta de música, tenho direito a **preferir** e a preterir obras e compositores. Mas o exercício da crítica é algo bastante diferente da manifestação pura e simples das inclinações artísticas de cada um. Consiste em informar e em promover a reflexão em torno da arte que se vai conhecendo e das múltiplas implicações (ideológicas, sociais, éticas, psicológicas, científicas, etc. que ela comporta. Neste sentido, o mais importante, a título de eficácia da função crítica, é a repercussão que esta pode ter na política cultural de um País, na orientação das suas instituições com responsabilidades nesse campo, na resolução de problemas como a democratização do acesso à arte, o estímulo à produção, as condições de trabalho dos artistas. Acima dos gostos pessoais, naturalmente divergentes, está pois a necessidade de fazer trabalho socialmente útil.

Vem a ressalva a propósito da «Trilogia das Barcas» do já mencionado Joly Braga Santos. Quando da estreia, no âmbito do 14.º Festival Gulbenkian, escrevi (para o antigo «Jornal do Comércio») uma crítica demolidora. Estávamos em 1970: o fascismo, a guerra colonial, a perseguição aos intelectuais portugueses; Joly Braga Santos «menino bonito» do regime, autor de uma sinfonia comemorativa dos 40 anos do 28 de Maio, protegido por todas as instâncias do Poder cultural então vigente. Aquela estreia faustosa ofendia-me. A Censura não me deixava explicar por extenso. Ainda por cima não gostava, porque havia de ficar nas meias medidas?

CRÍTICA EM LIBERDADE

Voltando ao contacto com a obra, agora, nove anos decorridos, com o 25 de Abril pelo meio, abordo-a muito mais tranquilamente. Regozijo-me por fazer em Liberdade – na Liberdade conquistada no fim de dolorosos actos de resistência: resistência física, resistência económica, resistência armada, resistência no exílio, resistência clandestina, resistência associativa, resistência à censura, resistência cultural, resistência moral ao fascismo – a reapreciação crítica de Joly Braga Santos e da sua «Trilogia das Barcas».

Agora, gozando eu finalmente das liberdades com que sonhava, mas cuja ausência Joly chegava a exaltar, posso explicar-me e explicar-lhe. De resto, a coisa está há muito explicada: pelo menos desde 1966 quando, na noite da estreia solene da famigerada sinfonia, no Teatro de S. Carlos (com Tomás e tudo...) lhe enviei um formal telegrama de protesto. Trata-se de reconhecer os méritos do compositor e de lamentar os seus desastrosos compromissos e cumplicidades.

SIGNIFICADOS DA «TRILOGIA DAS BARCAS»

Reconhecer os méritos de um compositor, o seu «métier», a sua seriedade ou sinceridade artísticas, não é fazer profissão de fé na sua estética (daí que não haja contradição com o «não gosto» com que comecei). Assim, e embora certos aspectos desta «Trilogia» vicentina, no tratamento que deles faz Joly Braga Santos, pareçam oferecer alguma fragilidade dramática, certo é que, no conjunto, a ópera se me afigura de sólida construção. Escrita coral e orquestral, diferentes meios de expressão vocal utilizados pelos cantores (**sprechstimme**, parlato rítmico, declamação, etc.), definição de personagens e situações, em função de diferentes variáveis do discurso musical (harmonia, colorido, ritmo, dinâmica, etc.), plasticidade formal das cenas e da sua sucessão ou concatenação, noção de tempo psicológico em termos de comunicação com o público, equilíbrio geral do espectáculo, tudo isso é de um mestre do seu ofício. Joly faz sem dúvida a sua interpretação pessoal ou, se quisermos, a sua leitura do texto vicentino, leitura porventura mais de feição religiosa do que de feição social (a avaliar designadamente pela solução dada ao final), mas fá-la com toda a legitimidade que lhe confere o seu critério artístico, o seu sistema de valores, e fá-la coerentemente do princípio ao fim.

Num País como o nosso, em que não têm sido abundantes as experiências de teatro musical moderno, a «Trilogia das Barcas» é uma pedra importante nos alicerces do edifício a construir, e como tal deverá figurar permanentemente no repertório de uma companhia pórtuguesa.

O CENÁRIO DE JOÃO HOGAN

Não menos importante foi o significado da montagem levada à cena no S. Carlos, posta de pé praticamente só com o concurso de artistas portugueses. Quando a representação chegou ao fim, formei, talvez pela primeira vez naquele teatro, a convicção de que já tinhamos uma Companhia Portuguesa de Ópera a sério e um espectáculo verdadeiramente representativo das possibilidades reais de essa companhia se elevar a altos padrões de qualidade artística.

O espectáculo constitui ainda exemplo das vantagens de uma colaboração mais estreita entre artistas portugueses contemporâneos de diferentes ramos. O esplêndido cenário de João Hogan, com aqueles volumes rochosos (permita-se-me a expressão) carregados de dimensão cósmica, na linha, aliás, da sua pintura mais recente, deu à obra um enquadramento plástico que, a bem dizer, a projectou com mais força, a dotou de maior capacidade de penetração.

Muito haveria a discutir na encenação da Paolo Trevisi (no que toca sobretudo à direcção de actores), bem como nos figurinos de Jean Gavignet. Os Cavaleiros de Cristo, por exemplo, pareciam mais Cavaleiros Teutónicos, à imagem e semelhança (provavelmente consciente) dos seus homónimos do «Alexandre Nevsky» de Eisenstein-Prokofieff, quando poderiam ter aparecido conotados com as insígnias da Ordem de Cristo, herdeira portuguesa dos Templários... É claro que isto levaria muito longe, em relação á própria leitura global da obra e do

Cenário de João Hogan

seu final (termo do Auto da Glória). Não foi, porém, numa linha subversiva, aos vários níveis, do Poder oficial da Igreja, do Vaticano, das instituições do mando, que Joly Braga Santos trabalhou o texto vicentino. O triângulo de João Hogan no centro da cena, esse é que sugeria a cada passo a tentação de «escavar» mais fundo, à procura dos significados ocultos...

OS ACTORES--CANTORES

Relativamente à contribuição dos actores-cantores, Álvaro Malta dominou-se e compôs com rigor a figura do Diabo, um papel árduo que o manteve em cena todo o tempo. Secundou-o a preceito João Veloso. Todos os outros intervenientes cumpriram com idêntica eficácia: Elizette Bayan, José de Freitas, Manuel Leitão, António Silva, Fernanda Nunes, Helena Cláudio, Carlos Fonseca, Elsa Saque, Alberto Silveira. Alguns nomes devo, em todo o caso, salientar: o do tenor Carlos Jorge, que assim reaparece em excelente forma; o do tenor Fernando Serafim, que criou um dos seus melhores papéis de sempre; Adriana Satamenova («Morte»), cuja voz, nas suas componentes técnicas e na sua expressão dramática, todas as outras suplantou. Uma palavra também para o **Menino,** o jovem Luís Tinoco, muito compenetrado do seu papel e cantando afinado e a tempo. Registe-se ainda um apontamento pela Companhia Nacional de Bailado.

O conjunto, incluindo o Coro e a Orquestra Gulbenkian (reforçada com elementos da Orquestra da Radiodifusão e do próprio S. Carlos) foi dirigido pelo autor. A avaliar pelos resultados a direcção foi de molde a obter dos intérpretes uma realização óptima, premiada com uma entusiástica e prolongada ovação do público.

Circo da URSS na América Latina

LIMA – O Circo Estatal da União Soviética, um dos mais populares do mundo, iniciará esta semana uma digressão pela América Latina, que é aguardada com certa expectativa.

O circo fará a sua primeira série de espectáculos em Lima, capital do Peru, seguindo depois para a Argentina, Bolívia e Venezuela. O espectáculo, que será apresentado no Coliseu peruano de «Amauta», chama-se «O Espectáculo que só se vê uma vez na vida».

A companhia circense é integrada por 70 artistas, entre palhaços, ginastas, animais, trapezistas e malabaristas.

Três ex-Beatles tocam juntos

Três ex-Beatles (George Harrisson, Ringo Starr e Paul McCartney) voltaram a tocar juntos, no passado fim-de-semana, durante a festa de casamento do guitarrista Eric Clapton com a antiga mulher de Harrison Patti Boyd.

John Lenon, que vive actualmente em Nova Iorque, foi o único ex-beatle que não compareceu.

Segundo o jornal «The London Daily Express», a festa decorreu na casa de campo de Eric Clapton, situada em Surrrey, a trinta e três quilómetros de Londres.

Acompanhados por Clapton, os três ex-beatles, tocaram perante as duas centenas de convidados alguns dos seus velhos exitos, nomeadamente o célebre «SGT. Pepper's Lonely Hearts Club Band».

a unicef faz o mundo diferente contribua para isso

Actualmente, quando muitas crianças não têm acesso às suas necessidades básicas, a UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância, fornece-lhes o que é mais indispensável para sobreviver. Milhões de crianças, em mais de cem países têm necessidade urgente de ajuda, sem a qual muitas não chegarão à idade adulta. Não o conseguirão, se não formos todos nós a contribuir para isso. Ajude-as a viver. Apoie a UNICEF.
Informe-se sobre os seus objectivos e colabore com o Comité Português em formação.

1979 Ano Internacional da Criança

CORTE POR AQUI

Para informações contacte:
unicef Fundo das Nações Unidas para a Infância
Rua Almirante Pessanha, 11 — 1200 Lisboa — Tel: 36 50 41
Nome
Morada

ESPIRAL

Concorra com várias colecções

O leitor pode concorrer com quantas colecções desejar: e quantas mais, maiores serão as suas probabilidades!

O drama de um pai à procura da filha na "Zona Quente"

INEMA CRYSTAL THEATRE Erotica

Nada que você tenha feito, visto, ou imaginado o pode preparar para um tema tão controverso

escrito e realizado por PAUL SCHRADER autor de "TAXI DRIVER"

A RAPARIGA NA ZONA QUENTE HARDCORE

GEORGE C. SCOTT

6.ª-FEIRA — ESTREIA NO LIDO MUNDIAL

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

TEATRO ABERTO

p. de espanha (palhavã) telef. 77 09 69

grupo 4 apresenta

CORPO-DELITO na sala de espelhos

de JOSÉ CARDOSO PIRES

encenação de FERNANDO GUSMÃO

UMA ESTREIA

ANSIOSAMENTE AGUARDADA

6.ª-FEIRA, 25 ÀS 21.30

SÁBADO E DOMINGO ÀS 16 H e 21.30 H

BILHETES À VENDA

Canal da Crítica

RTP é agência de viagens?

MÁRIO CASTRIM

A Televisão Portuguesa será tudo menos pródiga em informações correctas sobre os países socialistas. Silencia inclusivamente as notícias mais simples como sejam, por exemplo, as de carácter desportivo. Noutro nível, procede como no tempo fascista: este mandava cortar quando se ouviam os hinos dos países socialistas, a Televisão agora **esquece** de referir os êxitos desportivos daqueles países.

E de súbito, eis-nos com todo um «Zoom» sobre a Jugoslávia. Por duas ordens de razões, aliás explicitadas, veio o «Zoom». Primeira, porque o Presidente da República visitará em Junho o país de Tito; segundo, porque será a Jugoslávia o país a inaugurar os «Jogos sem Fronteiras», e será bom irmos conhecendo alguma coisa a seu respeito.

(Podem-se rir à vontade. Com mil diabos, o riso ainda não está no **cabaz de compras do Governo!**)

Estamos na chamada lei do funil. A Televisão usa de dois pesos e duas medidas.

O argumento dos **Jogos sem fronteiras** não colhe pelo ridículo. O argumento do Presidente da República não colhe pelo insólito.

O Presidente da República esteve recentemente em países como a Bulgária e a Hungria, onde foi recebido com o respeito devido ao chefe de Estado de um país libertado há pouco do fascismo. Quer a Hungria, quer a Bulgária estão em especiais condições para apreciar a alegria da liberdade, pois duramente lutaram por ela, duramente a alcançaram. Na Bulgária, por exemplo, a primeira revolta antifascista, em que pereceram milhares e milhares dos melhores filhos do povo búlgaro, deu-se **antes** do domínio salazarista em Portugal...

E que sucedeu, na Televisão portuguesa, antes dessa visita? Deram filmes? Deram documentários? Mostraram ao povo português a realidade dos povos húngaro e búlgaro? Não. Não fizeram nada disso. Tudo se passou no maior segredo como alguém que trata em segredo uma doença vergonhosa. Procurou-se esconder as grandes realizações sociais dos dois povos socialistas, donde se erradicou a fome, a miséria, o desemprego – basta dizer,por exemplo, que na Bulgária, o maior problema é...a falta de mão-de-obra...

De súbito, ontem, o filme sobre a Jugoslávia. Mas...que vimos nós? Que ouvimos nós?

Que soubemos nós da realidade jugoslava?

Nada, pela palavra nada.

O filme poderia perfeitamente ter sido feito por encomenda de uma agência de viagens. Andámos de montanha em montanha, de lago em lago, de onda em onda. Devemos ter percorrido todos os restaurantes da Dalmácia. Passámos a fita a ver comer e a ver beber, com molho lírico para «os complexos e agradáveis prazeres da vida moderna...». Houve mais a preocupação de mostrar «os pitorescos elos que ligam ao passado» do que as fortes razões que poderiam ligar ao futuro.

Resumindo: a Televisão levou-nos a pastar os olhos, não a inteligência. Não nos deu a conhecer o essencial de uma realidade, mas a superfície dela. Julgará a RTP na sua esperteza saloia, que por nos mostrar galinhas que cacarejam e «as vacas que ao cair da noite deixam as pastagens silenciosas» e os turistas ajoujados de dólares que se empanzinam de lagostins e de vinho, julgará ela que satisfaz a curiosidade, a ânsia de conhecer do povo português?

Pode talvez contentar os interessados nos «jogos sem fronteiras». Mas não mais. O que, evidentemente, é muito pouco.

PLENÁRIO INTER-CISSL(s) DO DISTRITO DE SETÚBAL

Dia 27 de Maio pelas 10 horas na Câmara Municipal de Setúbal.

Ordem de Trabalhos:

1 — Hospitais Concelhios
2 — Proposta da Cissl de Sesimbra
3 — Informações

Pel'A Cissl de Grândola

Rua Tenente R. Cascais, 1-A 1200 LISBOA Tel. 661515

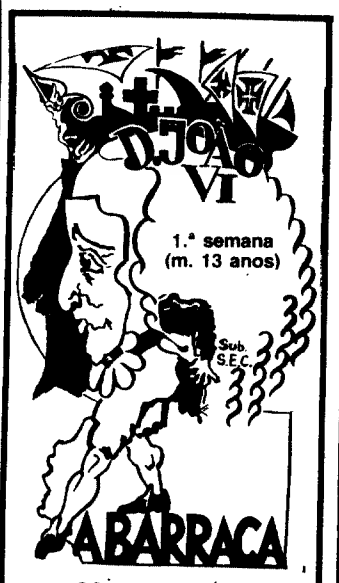
teatro do bairro alto

CURTA CARREIRA

9.ª SEMANA
SÓ ATÉ 3 DE JUNHO

«Genial»
Carlos Porto, «D.L.»

3.ª A SÁB. ÀS 21.30
DOM. SÓ ÀS 17.30
Sub. SEC e Inst. Alemão



1.ª semana
(m. 13 anos)

3.ª a sáb. às 21.30
Dom. só às 16.00

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA

nem o amor de uma mulher
o salvou do suplício!

produção CARLO PONTI

O REBELDE
(GIORDANO BRUNO)

um filme de GIULIANO MONTALDO
com
GIAN MARIA VOLONTÉ
CHARLOTTE RAMPLING

IMPERIO

ESTREIA AMANHÃ

M/16 — NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 16 ANOS

LUSOMUNDO

O FILME QUE EXPRIME
DE FORMA EXPLOSIVA
UM DOS MAIORES DRAMAS DO BRASIL.

LÚCIO FLÁVIO
O PASSAGEIRO DA AGONIA

UM FILME DE
HECTOR BABENCO

COM
REGINALDO FARIAS - ANA MARIA MAGALHÃES
MILTON GONÇALVES - PAULO CÉSAR PEREIO
IVAN CÂNDIDO - LADY FRANCISCO
E A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE GRANDE OTELO

6.ª-FEIRA

EDEN ESTREIA ÀS 21.30 ROXY
MONTE CARLO ZODIACO

Angústia Desespero Solidão

4 45 45

centro S.O.S. voz amiga

uma voz amiga estará contigo

Hoje

Steed em «Os Novos Vingadores»

I PROGRAMA

18.30 **Sumário** – resumo do noticiário nacional e internacional.
18.35 **Recital de Viola Clássica** – participação do guitarrista Duarte Costa.
19.05 **País, País** – a actualidade regional.
19.25 **Mulher, Mulheres**
19.50 **Manuel e Beatriz**
20.00 **Jornal RTP/1**
20.30 **«O Astro»** – mais um episódio.
21.10 **O Tempo**
21.15 **Braga e os Jogos Sem Fronteiras** – reportagem.
21.35 **Recados da Criança** – debate.
22.30 **«Os Novos Vingadores»** – mais uma aventura.
23.25 **24 Horas** – último serviço noticioso do dia.
23.40 Fecho

II PROGRAMA

18.45 **Ano Propedêutico**
20.30 **Síntese** – 2.ª parte.
21.00 **Directíssimo** – 1.ª parte.
22.00 **Informação/2**
22.30 **Directíssimo** – 2.ª parte.
23.30 Fecho

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

DESTAQUES

I PROGRAMA

«Os Novos Vingadores» (22.30)

II PROGRAMA

Directíssimo (21.00 e 22.30)

Amanhã

I PROGRAMA

09.15: Ano Propedêutico; **13.25**: Ciclo Preparatório TV; **18.30**: Sumário; **18.35**: Clube do Rato Mickey; **19.05**: País, País; **19.25**: Letras Maiúsculas; **19.55**: Manuel e Beatriz; **20.00**: Jornal RTP/1; **20.30**: «O Astro» – episódio n.º 156; **21.10**: Boletim Meteorológico; **21.15**: Vamos Jogar no Totobola; **21.25**: «Os Maias» – 2.ª parte; **22.15**: Herança Negra – 1.ª parte; **22.45**: 24 Horas; **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

18.45: Ano Propedêutico; **20.32**: Saravah; **21.00**: História da Aviação; **22.00**: Informação/2; **22.30**: «Explendores e Misérias das Cortesãs»; **23.30**: Fecho.

Caminhos de Ferro Portugueses – E. P.

AVISO AO PÚBLICO

Modificação de horários em 27 de Maio de 1979

Modificação em horários em 27 de Maio de 1979 (Horário de Verão)

Consulte os cartazes com os novos horários afixados nas estações.

Portugueses no pelotão da "Corrida da Paz"

O belga Benjamin Vermeulen ganhou a 12.ª etapa da Corrida da Paz (Rostock - Neubrandebourg, 154 km) continuando o soviético Sergei Soukhoroutchenkov no comando da classificação geral.

Vermeulen fez o tempo de 3h23m40s à frente de Andreas Petermann e Charles Jochum, ambos da República Democrática Alemã.

Classificação individual dos portugueses na etapa: 32.° L. Teixeira, 3 h 23 m 40 s; 34.° Rua mt; 39.° Belmiro Silva, mt; 44.° Chagas, mt; 65.° Adelino Teixeira, mt; Classificação geral dos ciclistas portugueses, depois de doze etapas: 23.° Chagas, 43 h 38 m 28 s; 28.° L. Teixeira, 43.40,36; 29.° Belmiro Silva, 43.41,13; 30.° Rua, 43.41,16; 38.° A. Teixeira, 43.49,54.

Classificação geral por equipas: 1.° URSS, 130 h 23 m 46 s; 2.° Polónia, 130.30,38; 3.° RDA, 130.38,02; 4.° Checoslováquia, 130.41,36; 5.° Bulgária, 130.43,31; 6.° Suíça, 130.48,46; 7.° Portugal, 130.49,58; 8.° Roménia, 130.50,13; 9.° França, 130.51,07; 10.° Bélgica, 131.43,58; 11.° Itália, 132.55,16; 12.° Dinamarca, 133.04,55; 13.° Hungria, 133.07,33; 14.° Grã-Bretanha, 133.37,35; 15.° Jugoslávia, 136.24,39; 16.° Cuba, 136.27,12.

AGOSTINHO NO «DAUPHINE LIBERÈ»

Joaquim Agostinho chegou na 32.ª posição, durante a primeira etapa do «Dauphine Liberè», com o mesmo tempo do vencedor (5.57,12). Na classificação geral Agostinho encontra-se na 42.ª posição, a30" do camisola amarela.

Classificação geral do «Daupfiine Liberè»: 1.° Klaus Thaler (RFA). 6.01,32; 2.° Joop Zoetemelk (Hol.) a 6"; 3.° Bernard Hinault (FRA) a 7"; 4.° Sthephan Mutter (Sui.) a 10"; 5.° Lucien Van Impe (Bél.) a 15"; 6.° Baronchelli (Ita.) a 15"; 7.° Lubberding (Hol.) a 16"; 8.° Leo Van Vliet (Hol.) a 17"; 9.° Criquelion (Bel.) a 17"; 10.° Daniel Gisiger (Sui.) a 18".

«GIRO»: MOSER, DOMINADOR

O italiano Giuseppe Saronni, principal adversário do grande favorito Francesco Moser, venceu ao «sprint» a quita etapa da Volta à Itália em bicicleta, disputada entre Potenza e Vitenza, na distância de 233 quilómetros. No «sprint» final, Saronni impôs-se a Moser e ao belga Roger de Vlaeminck.

Moser mantém-se no comando da classificação geral individual.

Modalidades em desfile

ANDEBOL

Por atraso da Federação de Andebol na inscrição de Portugal, o nosso país ainda não foi admitido ao campeonato mundial na categoria de juniores. Por incúria nacional ficamos na dependência de uma desistência...

Os árbitros de andebol de Lisboa decidiram não apitar os jogos da Associação de Lisboa enquanto não lhes forem pagas as verbas em atraso. Embora não fosse isso que ficou decidido na sua última reunião plenária (cada um deveria tomar a decisão que entendesse), o certo é que os cerca de 70 jogos das várias competições da AAL se realizaram sem árbitros oficiais.

A delegação em Coimbra da Direcção-Geral dos Desportos promove no próximo dia 26, em Cantanhede, um convívio desportivo destinado a comemorar o «Dia do Andebol».

A iniciativa, que conta ainda com a colaboração da Associação dos Desportos de Coimbra, é aberta a todos os clubes, núcleos, escolas e grupos locais que tenham jovens praticantes da modalidade nos escalões infantis e iniciados masculinos e juvenis femininos.

Os jogos decorrerão nas Escolas Preparatória e Secundária de Cantanhede.

HALTEROFILIA

Depois de ter obtido a marca de 177,5 kg no arremesso, à primeira tentativa, o búlgaro Yanko Russev assegurou o primeiro lugar na categoria dos 67,5 kg, no campeonato da Europa de halterofilismo, com 322,5 kg, novo recorde do mundo. O anterior recorde pertencia a Kunz (RDA), com 317,5 kg.

Numa quarta tentativa suplementar, Russev bateu o recorde mundial do arremesso com 181,5 kg: o anterior recorde, do soviético Viatcheslav, era de 181.

HOQUEI PATINADO

A Federação Portuguesa de Patinagem procedeu às seguintes alterações nas competições de hóquei em patins que estão a decorrer sob a sua organização:

Campeonato nacional da primeira divisão: dia 1 de Junho: Oeiras-Benfica, às 21.45.

Campeonato nacional da segunda divisão: 26 de Maio: Juventude de Viana-Caça e Pesca, às 18 horas; 9 de Junho: Marinhense-Paço de Arcos, em Paço de Arcos; 7 de Junho: Caça e Pesca-Juventude de Viana, às 18 horas e Beja-Marinhense, na Marinha Grande.

Campeonato Nacional de Juniores: 24 de Maio: Salesiana-Sporting, às 21.30; 26 de Maio: Riba D'Ave-Carvalhos, nos Carvalhos; Barcelinhos-Infante de Sagres, no Porto; Mangualde-Seia, às 17 horas; 2 de Junho: Seia-Espinho, às 17 horas; 9 de Junho: Riba D'Ave-Barcelinhos, em Barcelos, às 21.30.

NATAÇÃO

As piscinas Municipais de Coimbra vão passar a ser aquecidas por meio de energia solar. Trata-se da primeira experiência do género realizada em Portugal com tal finalidade. Para o efeito, encontram-se já naquela cidade as placas de vidro que constituem o sistema de aquecimento e cuja montagem deverá iniciar-se ainda esta semana.

A iniciativa deve-se aos esforços conjuntos da delegação da Direcção-Geral de Desportos e da Comissão Nacional do Ambiente.

O investimento rondará os três mil contos e permitirá uma apreciável poupança de combustível, além de reduzir a poluição atmosférica.

O Sporting Clube de Aveiro, deliberou, em reunião de direcção, não voltar a participar em torneios de natação por escolas, destinados aos grupos etários designados pela federação por não concordar com «a forma alienante como tais torneios têm vindo a ser estruturados e organizados». Num comunicado à Imprensa, que foi distribuído ontem, o Sporting Clube de Aveiro afirma que não participará no Tonagri de Verão, em Junho próximo. Já em Fevereiro passado quando da realização do Torneio Estafetas-Escolas, organizado pelo Sporting de Aveiro, este clube manifestou o seu desagrado por tal tipo de provas.

RÂGUEBI

O Benfica venceu, pela terceira vez, o Torneio de Râguebi de Sevilha, no qual participaram o Belenenses, o Clube dos Amigos do Râguebi de Sevilha e a selecção daquela cidade espanhola. Na primeira jornada, o Benfica venceu a selecção de Sevilha por 18-10, e o Belenenses perdeu com o CARS por 10-20. Na segunda, os «encarnados» bateram o CARS por 22-7 e o Belenenses sucumbiu perante a selecção sevilhana por 10-18.

Nos dois encontros as equipas portuguesas apresentaram as seguintes formações:

BENFICA: Alberto Mesquita, Vítor e João Carlos; Manuel Marques e Rui Gaio; Francisco Granho, José Mendes e Neto (Silvestre actuou no segundo encontro); Jójó, Gonçalves, Delfim e João Amaral; Caldeira e Fernando Silva; Minhoto.

BELENENSES: Matos Lopes, Pedro Gaspar e Nelito; Bebas e Duarte Silva; João Maria, Silva Cunha e Gomes; João Miranda, Roxo, Rebocho e Luís Reis; Coutinho e Toulsan; Manuel da Costa.

ATLETISMO

O Conselho Jurisdicional da Associação de Atletismo de Lisboa negou provimento ao recurso apresentado por os Ases das Avenidas, a propósito das inscrições dos seus atletas no organismo do atletismo lisboeta. A AAL tinha decidido não aceitar as inscrições dos atletas de Os Ases das Avenidas desde que nas fichas de inscrição não estivesse mencionada a morada do respectivo atleta, o que levou aquele clube a recorrer para o Conselho Jurisdicional.

José Beto: «internacional» júnior, sobe à condição de suplente de Fonseca, no «team» principal do F.C. Porto

Moçambique incrementa desporto

Desportistas moçambicanos participarão nas Espartaquíadas dos Povos da URSS (que se realizarão este Verão) e nos Jogos Olímpicos de 1980. A sua preparação, é, neste momento, intensiva, anunciou o presidente do Comité Olímpico Nacional Moçambicano.

Desde a independência, muito tem sido feito, naquele país, para desenvolver a cultura física, e os desportos. Foram organizados clubes e associações desportivas nas escolas secundárias e superiores, nas empresas e estabelecimentos e no campo. Todos os anos organizam-se Jogos Nacionais de jovens e campeonatos por disciplinas desportivas. Criaram-se, também federações nacionais de atletismo, futebol, basquetebol e natação e as equipas moçambicanas participam nos campeonatos do mundo inter-africanos.

Futebol: juniores para o Japão

Portugal estará presente na fase final do Campeonato do Mundo de juniores de futebol, que se disputa, no Japão, entre 25 de Agosto e 7 de Setembro, integrando o Grupo C, conjuntamente com o Canadá, o Paraguai e a Coreia do Sul. A preparação da equipa portuguesa prossegue com um treino marcado para o dia 29, às 16 horas, no Estádio Nacional. Para participarem naquela sessão foram convocados os seguintes 31 jogadores. Álvaro (Aliados), Carvalho e Gaspar (Amarante), Jorge Oliveira (Sanjoanense) Alberto (Valecambrense), Monteiro (Atlético) Francisco Fernandes (Desportivo de Beja), Fachada (Montijo), Nunes (Barreirense), João Gouveia (FC Porto), Almeida e Adão (Chaves) Melo (CUF), Santana (Estoril), Eliseu (Leixões), Gomes (Lourosa), Figueiredo e Pio (Lusitano de Évora), Meireles e Silva (Beira-Mar), Tomás (Vianense) Bastos Lopes II e Silões (Benfica), Biscais (Sintrense), Rafael Santos (Farense), Chico e Tono (Oliveirense), Simões, Mendes, Cabrita e José Carlos (V. Setúbal) e Salvador (V. Guimarães).

Entretanto a selecção portuguesa jogará dois encontros com o Japão, em Portugal, nos dias 24 e 26 de Junho em campos a designar.

JOGOS NO SÁBADO

A Federação autorizou a antecipação para sábado dos seguintes jogos da I Divisão: V. Guimarães - Braga, às 17 horas; Sporting - Belenenses às 19 horas; e V. Setúbal - Acad. Viseu às 21 horas.

Alterações introduzidas nos jogos a efectuar no domingo na 2.ª divisão: Nacional da Madeira - Sacavenense, às 15 horas no Campo do Liseu, no Funchal; e Almada - Portimonense, no Campo Cornélio Palma em Palmela. Na 3.ª Freamunde - Oliveirense em Paços de Ferreira; Lusitânia dos Açores - Alverca, às 14 horas locais; União da Madeira - Pero Pinheiro no Estádio dos Barreiros, no Funchal e Olivais e Moscavide - Alcochetense em Sacavém.

FAFE ENTREGA PROTESTO

Por intermédio do seu advogado (o deputado dr. Marques Mendes) o Fafe entregou o protesto referente ao jogo com o Sporting, na meia final da Taça de Portugal. A reclamação baseia-se em erros técnicos do arbitro conimbricense Santos Luís.

PROCESSO AO BRAGA

O dr. Branco do Amaral (director do departamento clínico do Sporting) que operou o futebolista Chico Faria, resolveu processar o Sporting de Braga por falta de pagamento da intervenção cirúrgica efectuada ao seu jogador.

BRASIL-PORTUGAL EM JUNHO

Acertado: no dia 28 de Junho, no Maracanã, as equipas de Brasil e de Portugal efectuam um confronto particular.

PAVIC NA JUGOSLÁVIA

Pavic deslocou-se, inesperadamente, à sua terra natal: o técnico sportinguista viajou até à Jugoslávia para ver um sobrinho que fracturou o crânio em acidente. O retorno de Pavic a Alvalade está previsto para sexta-feira.

JUCA ASSINOU PELO BELENENSES

Ontem, preto no branco: Juca rubricou o contrato que o vai ligar ao Belenenses no decorrer da próxima epoca.

TEIXEIRA MAIS VARZINISTA

Pela quinta temporada consecutiva António Teixeira firma compromisso como técnico do Varzim, clube que acaba de contratar o médio Carvalho, que estava nas categorias inferiores do FC do Porto.

UM ESTUDANTE E UM GERENTE COMERCIAL GANHAM 9.000 CONTOS NO TOTOBOLA DO 39.° CONCURSO — UM MARINHEIRO RECEBE UM AUTOMÓVEL

O concurso n.° 39 deu surpresas! E que surpresas...

Suspensos os Campeonatos Nacionais da 1.ª e 2.ª Divisões houve recurso aos dois jogos da Taça de Portugal, alguns dos Campeonatos de Espanha e Alemanha Ocidental. Por isso o prémio desceu de 14 000 contos a que nos tinha habituado já, para 9000.

É natural o abaixamento do valor do prémio, porquanto sabemos que as equipas alemãs ainda estão pouco familiarizadas com os apostadores portugueses.

Todavia, o concurso deu chorudos prémios, pois dois apostadores houve que lhes coube 4 840 580$60 a cada, e mais 54 apostadores que vão receber cada um 179 280$70.

A particularidade comum aos dois é a do anonimato, pois ambos colocaram a cruzinha no local devido e para já estão livres dos «amigalhaços».

No entanto vamos desvendar um bocadinho o mistério.

Um dos premiados é do Porto, gerente comercial, casado e com netos. Jogou em sociedade, uma sociedade que tem tirado prémios mais pequenos, e por isso quer manter o anonimato para não aumentar a «sociedade». E mais não lhe conseguimos arrancar que a confissão que era admirador do Benfica.

O outro apostador agora milionário, é estudante em Coimbra, no 2.° ano de Farmácia e tem 21 anos. Mais soubemos que tem o pai emigrado e vive em casa da mãe.

Por último, num concurso excepcionalmente feliz queremos referir que o automóvel Citroen Dyane saiu ao sr. Manuel Calado Pacheco, marinheiro, morador no Pinhal Novo e era portador da matriz n.° 1 296 996. A matriz foi registada no agente n.° 12-037 de «Manuel António Inácio», de S. Marcos da Serra.

O concurso n.° 40 volta ao ritmo dos campeonatos nacionais e tem a palavra o Sr. apostador. Mais milionários? No próximo domingo, o saberemos.

Brasil quer promover Olimpíadas

O Brasil pensa solicitar a organização dos Jogos Olímpicos de 1988, declarou, no Rio de Janeiro, Sylvio de Magalhães Padilha, membro do Comité Olímpico Internacional e presidente do Comité Olímpico Brasileiro.

Seegundo esses planos, os Jogos Olímpicos de Verão seriam realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo, cidades que dispõem de instalações necessárias.

O Comité Olímpico Internacional decidirá da sede dos Jogos Olímpicos numa sessão plenária em Baden Baden (Alemanha Federal), em 1981.

Váris cidades, entre elas Londres e Sydney-Melburne, já anunciaram o seu interesse pela organização dos Jogos Olímpicos de 1988.

DEPOIS DA DESPEDIDA, OUTRO REGRESSO...

Cruyff nos "Aztecas", de Los Angeles

Em Pasadena foi anunciada, numa conferência de Imprensa, a assinatura do futebolista holandês Johan Cruyff pelos Aztecas de Los Angeles.

A supervedeta do futebol (que festejou em 25 de Abril os seus 32 anos) assinou um contrato com o clube californiano seis meses após haver «abandonado» o futebol.

Cruyff, que jogou nove anos pelo Ajax (de Amesterdão) e depois, a partir de 1973, cinco anos pelo F. C. de Barcelona, foi para os Estados Unidos prosseguir a sua carreira, como antes dele fizera Pelé.

«Penso que Cruyff dará ainda mais contribuição que Pelé ao futebol americano» — declarou Rinus Michel, o treinador do clube de Los Angeles, que foi também o de Cruyff no Ajax e no Barcelona. «Ele é o futebolista com mais dotes que vi nestes últimos quinze anos» — acrescentou Michel. «Nenhum jogador do mundo antecipa tão bem como ele o jogo. Possui uma técnica perfeita da bola, tem o instinto de marcador. Pelé veio para os Estados Unidos no final da sua carreira, enquanto Cruyff ainda está no seu auge e continua a ser um dos melhores jogadores do mundo».

Não foi revelado o vencimento que receberá, mas sabe-se que ficará sendo o jogador mais bem pago do mundo: «cachet» superior ao de Pelé, que recebia 1,5 milhão de dólares por ano (75 mil contos).

ARGENTINA, 8-HOLANDA, 7 (GRANDES PENALIDADES)

A Argentina bateu a Holanda (por 8-7) pelo sistema de grandes penalidades, num desafio de futebol disputado em Berna, em homenagem aos 75 anos da FIFA. No fim do tempo regulamentar, as duas formações encontravam-se empatadas a zero.

Ante 28 000 espectadores e sob a arbitragem do uruguaio Ramon Barreto Ruiz, as equipas alinharam:

ARGENTINA: Fillol; Olguim, Villaverde, Passarella e Tarantini; Ardiles, Gallego e Maradona: Bertoni, Luque e Ortiz.

HOLANDA: Doesburg, Jansen, Krol, Stevens e Hovenkamp; Poortvliet, Peters e Neeskens; Rep, Kist e Tahamata.

FIFA PROIBE FILME

A FIFA proibiu a exibição da película «Argentina 78», que se estreou em Zurique, por considerá-la um «golpe baixo à Argentina».

A agência Notícias Argentinas difundiu esta informação em Buenos Aires, sob a assinatura do seu enviado especial à Suíça, que assinalou no seu trabalho que o presidente da FIFA, João Havelange, ordenou a proibição, «daqui em diante», de exibir a película, filmada pelo brasileiro Nilton Reis.

Havelange considerou o filme como «um golpe baixo à Argentina» e «de conteúdo ideológico não desportivo».

O mesmo jornalista indicou que a película saiu do plano desportivo, em muitas ocasiões e que tinha provocado os protestos dos dirigentes argentinos que assistiram à projecção, encabeçados pelo contra-almirante Carlos Lacoste, um dos organizadores do Mundial na Argentina.

CÓRDOVA E MEDEIROS

O gerente do clube espanhol, Córdova, Ramon Tejada, confirmou à ANOP a existência de contactos entre a sua colectividade e o treinador de futebol do Belenenses, António Medeiros.

Aquele responsável afirmou que o técnico português manifestara aos dirigentes do Córdoba o seu interesse em treinar um clube espanhol, se possível o próprio Córdova, mas salientou que a entravar o processo encontra-se a difícil situação financeira e desportiva do clube

Na verdade, segundo informou Ramon Tejada, o Córdova tem, neste momento, um défice de cerca de 40 milhões de pesetas (à volta de 32 mil contos) e até ao dia 31 de Junho tem de pagar mais de dez milhões de pesetas (mais de oito mil contos) em vencimentos aos seus jogadores.

Além disso, a equipa encontra-se em penúltimo lugar da segunda divisão «B» de Espanha, a quatro jornadas do final do campeonato, vislumbrando-se poucas hipóteses de se salvar da descida à terceira divisão.

«Pusemos Medeiros ao corrente desta situação», acrescentou, «e pedimos-lhe um compasso de espera para ver a posição do clube no final do campeonato e saber se o actual presidente, José Maria Romeu, continua na liderança do Córdova.»

Ramon Tejada referiria, ainda, que o Córdova tem boas informações sobre Medeiros e que «ficaríamos encantados com a sua vinda, mas as coisas parecem-me muito sombrias».

QUALIFICAÇÃO OLÍMPICA

As equipas de futebol da Guatemala e do Suriname passaram à segunda fase do torneio de qualificação para os Jogos Olímpicos de 1980.

Em São Salvador, a Guatemala perdeu com a equipa olímpica local (por 1-0) no desafio da «segunda mão» da primeira eliminatória, ficando apurada por ter ganho o primeiro jogo por 2-0.

Em Paramaribo, a equipa do Suriname bateu expressivamente a formação olímpica do Barbados por 5-1. Na «primeira mão», o Suriname havia igualmente ganho por 2-1.

ISLÂNDIA MAIS ÚLTIMA

A Suíça bateu a Islândia por 2-0 em encontro disputado em Berna a contar para o Campeonato Europeu de Futebol, Grupo 4. Os golos foram marcados por Herbert Hermann e Gianpetro Zappa.

Depois deste encontro é a seguinte a classificação do Grupo 4: 1.°, Holanda, 8 pontos; 2.°, Polónia, 6; 3.°, Alemanha Democrática, 6; 4.°, Suíça, 2; 5.°, Islândia, 0.

Polónia, RDA e islândia têm menos um jogo.

MÉXICO: FINDA GREVE ARBITRAL

A greve dos árbitros mexicanos de futebol terminou com a tomada de posse de uma nova comissão de arbitragem. A paralisação dos arbitros, que impediu esta semana a realização dos jogos dos campeonatos da primeira e segunda divisões, teve origem no pedido de demissão da anterior comissão em sinal de protesto contra a demissão do presidente da Federação Mexicana de Futebol, Guillermo Alvarez.

A nova comissão é composta pelo antigo árbitro Felipe Buergo, pelo peruano Arturo Yamazaki, por Rafael Valenzuela e pelo antigo jogador Raul Estrada.

TRÊS SELECÇÕES BRASILEIRAS

O Brasil poderia formar três selecções nacionais de futebol sem quaisquer problemas — assegurou o presidente da Confederação Brasileira dos Desportos (CBD), almirante Heleno Nunes.

Heleno Nunes declarou-se à disposição dos técnicos da CBD, e muito especialmente de Cláudio Coutinho, para discutir e aprovar projectos nesse sentido.

O presidente da CBD revelou que continua de pé a ideia de formar uma selecção «azul» integrando futebolistas com uma média de idades rondando os 23 anos. Outra selecção seria a que está a ser preparada para disputar os oitavos Jogos Pan-Americanos a realizar em Porto Rico de 1 a 15 de Julho.

A terceira e última seria o verdadeiro «escrete canarinho», em actividade permanente.

A equipa que irá representar o Brasil nos Jgoos Pan-Americanos efectuará vários desafios particulares no Brasil e participará num torneio em Paris. Dirigida por Mario Travaglini, poderá ainda jogar contra o Paraguai a 16 de Junho próximo.

Quanto ao «escrete», terá encontros com Portugal, a 28 de Junho, e com o Uruguai, a 31, enquanto se preparam outros jogos na Bulgária e na Polónia com o objectivo de manter a equipa em actividade permanente.

Mário Wilson com o presidente do Vasco da Gama, do Brasil (Agartino Gomes), em conversa presenciada por Palmeira Branco, delegado do Sporting no Rio de Janeiro. Agartino Gomes pretende contratar um (bom) jogador português (Oliveira, Alves, Frasco) para «dar uma alegria a um clube de portugueses, com 33 mil associados e facturação anual da ordem dos 240 mil contos»

NO ACTO DE POSSE DA DIRECÇÃO

Benfica: ataque cerrado à estrutura desportiva

"Vivemos em plena anarquia, a roçar pelo caos"

«**O que está a passar-se no futebol nacional conduzirá, a médio ou a longo prazo, à sua destruição**» afirmou o presidente da direcçao do Benfica, José Ferreira Queimado, no acto de posse dos corpos gerentes eleitos pelos sócios benfiquistas no passado dia 10.

A cerimónia decorreu no Estádio da Luz e teve a presença de cerca de meia centena de associados do Benfica. O Belenenses fez-se representar pelo seu vice-presidente Sequeira Nunes e enviaram telegramas de saudação o Lusitano de Vila Real de Santo António, Paulimo Gomes Júnior e Pinheiro Machado.

No seu discurso, Ferreira Queimado classificou os «**últimos tempos**» como sendo férteis «**em juízos precipitados, atitudes indecorosas, afirmações falsas e mentirosas, decisões incríveis, invulgares e imorais, como total desrespeito pelas leis, pela justiça e pela moral**».

Depois de referir que o Benfica sente-se fortemente atingido e prejudicado, aquele dirigente sublinhou que, no entanto, o seu clube «**não se sente de maneira nenhuma nem vencido nem complexado**» pois tem (segundo Ferreira Queimado) «**a força da moral dos seus princípios, a força da sua própria honestidade**».

«**O Benfica** (acrescentou) **sabe que o não atinge quem quer, que o não atinge um senhor qualquer sem moral nem dignidade para nos dar lições seja do que for. Não queremos nem pedimos favores, seja a quem for, mas exigimos verticalidade e honestidade**».

O presidente do Benfica fez questão de exigir que não digam nas costas dos benfiquistas o que não são capazes de dizer-lhes na frente e alertou: «**sabemos o que somos e do que somos capazes e sabemos também que não somos ingénuos (...) nem mentirosos nem hipócritas, sabemos que não somos oportunistas nem golpistas**».

«PAÍS ACTUAL NÃO É PAÍS REAL»

Ferreira Queimado afirmou (em seguida) que o Benfica iria por um ponto final no assunto, «ponto final para hoje e para amanhã, por muito que possa correr o risco de me ser lançado ao caminho um qualquer cão, capado ou não capado, simples rafeiro ou de raça requintada».

Declarando-se fiel intérprete do desporto como «**luta fraterna e leal**», o líder benfiquista declarou custar-lhe «**entender tudo ou quase tudo o que se passa na actualidade**» e não ignorar que «**nos encontramos inseridos no país actual que não é de maneira nenhuma, o país real que somos**».

Numa referência às pessoas que invocam a Constituição «**quando lhes interessa, uma Constituição que dá para todos os gostos**», Ferreira Queimado salientou que a mesma dá «**o direito de independência, pessoal e colectiva, não subalternizando ao Governo as suas decisões**».

Debruçando-se sobre o futebol, o dirigente benfiquista declarou que «**vivemos em plena anarquia a roçar pelo caos. Impõe-se uma reestruturação total da sua orgânica, pois a actual é demasiado amadora, artesanal e desactualizada.**»

Sem prejuízo das associações regionais que, no entanto, «**estão ultrapassadas no que respeita ao futebol profissional**», Ferreira Queimado defendeu o assento directo dos clubes nos órgãos de cúpula para cuidarem dos seus interesses e para que possam ter intervenção de direito na elaboração dos calendários das provas, da selecção, dos seus mecanismos.

«**Com os encargos a subir assustadoramente dia a dia** (acrescentou) **os clubes não poderão por muito mais tempo suportar todo o amadorismo da modalidade, amadorismo sim, no que respeita à mentalidade com que somos olhados, com que somos dirigidos e tratados**».

Ferreira Queimado explicaria que estas considerações se devem a acontecimentos últimos que lhe deixaram a impressão «**se não a certeza, de que os responsáveis a vários níveis, de passagem pelos centros de decisão, esquecem e menosprezam com demasiada ligeireza aqueles que, afinal, são os únicos com obra válida no campo da educação física e do desporto nacional**».

Aludindo aos projectos da sua direcção para o próximo biénio, o presidente do Benfica informou que o clube da Luz não descurará o futebol profissional, irá procurar manter o nível atingido nas provas nacionais e tudo fará para voltar a ter, a nível internacional, a projecção que o valor dos seus quadros justificam.

REPENSAR O «AMADORISMO»

As modalidades amadoras irão ser «**maduramente repensadas**» e embora manifestasse o desejo de poder continuar a manter o eclectismo «**de que o clube se orgulha**», Ferreira Queimado avisou que «**isto não será possível se não tivermos a coragem de eliminar muitos hábitos e muitos vícios existentes**», que mencionou ir desde o atleta ao comissionista.

«**Esperamos poder concluir**» (especificou) «**a construção do pavilhão polivalente que irá proporcionar grande incremento nas modalidades amadoras e principalmente na ginástica**», actividade que Ferreira Queimado anunciou ter de sofrer, dentro do clube, grandes modificações anunciou ter de sofrer, dentro do clube, grandes modificações de estruturas e de mentalização.

Informou também, que o Benfica, irá concluir o pavilhão para o «Law-ténis» e que esta modalidade, juntamente com a ginástica e a natação, irá ser alvo de «**especial atenção**» e terá de ser de aprendizagem e recreação «**e como tal, terão de ser rentáveis, sem encargos para o clube**».

O hóquei em patins, o basquetebol e talvez o andebol terão, também «**dentro destas circunstâncias e condicionalismos, que evitar encargos ao clube**» ao passo que o atletismo [illegible] excepção, pois, [illegible] do Benfica [illegible] possível evitar encargos terá de receber todo o nosso apoio, dadas **as suas características que nos impõem e justificam a sua prática**».

Ferreira Queim[illegible] prometeu não deixar «mor[illegible] esquecimento» o plan[illegible] des construções [illegible] de escritórios e o [illegible] de mas, disse [illegible] para **fazermos de**[illegible] re**tas**».

«**Estamos** [illegible] os **projectos** [illegible] necessário obter aprovações [illegible] **ças, etc. É** tudo muito [illegible] mo**rado, mas alg**[illegible] será **feita, sem dúvi**[illegible] po **e ainda dent**[illegible] **cia», concluiu** [illegible] do Benfica.

Nova cara do "Mundial"

O Comité Executivo da Federação Internacional de Futebol, ratificou a participação de 24 equipas na fase final do campeonato do mundo de 1982, em Espanha.

Entretanto, em 20 de Outubro, de 1979 (em Zurique) efectuar-se-á a composição dos grupos eliminatórios, que decorrerão entre 1 de Novembro do mesmo ano e 30 de Novembro de 1981. O sorteio dos grupos da fase final decorrerá em Janeiro de 1982, e, entre 16 de Junho e 11 de Julho de 1982, a fase final com 52 jogos.

As 24 equipas serão divididas, em seis grupos de quatro selecções cada uma.

Os dois primeiros classificados em cada grupo participarão na segunda fase de quatro grupos de três equipas, cujos vencedores disputarão por eliminação directa as meias-finais e, posteriormente, o jogo para os terceiro e quarto lugares e a final.

O encontro de inauguração do «Mundial-82» disputar-se-á em Barcelona (em 16 de Junho) e a final em 11 de Julho (em Madrid).

O Comité decidiu também, que na fase final competirão treze selecções europeias, três da América do Sul, duas da África, duas da Ásia, duas da América do Norte e Central, a Argentina (como actual campeão do Mundo) e Espanha, país organizador).

Desde o primeiro campeonato do Mundo organizado em 1930 (no Uruguai), as diferentes modalidades foram as seguintes:

1930: Uruguai, 13 equipas, 4 grupos, meias-finais e final, 18 encontros em 18 dias.

1934; Itália, 16 equipas, eliminação directa, 17 encontros em 15 dias.

1938: França, 16 equipas, eliminação directa, 17 encontros em 16 dias.

1950: Brasil, 13 equipas, 4 grupos, «poule» final, 22 encontros em 23 dias.

1954: Suiça, 16 equipas, 4 grupos, eliminação directa, 26 encontros em 19 dias.

1958: Suécia, 16 equipas, 4 grupos, eliminação directa, 35 encontros em 22 dias.

1962: Chile, 16 equipas, 4 grupos, eliminação directa, 32 encontros em 19 dias.

1966: Inglaterra, 16 equipas, 4 grupos, eliminação directa, 32 encontros em 18 dias.

1970: México, 16 equipas, 4 grupos, eliminação directa, 32 encontros em 22 dias.

1974: RFA, 16 equipas, 4 grupos, meias-finais e final, 38 encontros em 25 dias.

1978: Argentina, 16 equipas 4 grupos, meias-finais e final em 25 dias.

1982: Espanha, 24 equipas, 6 grupos, de quatro depois 4 grupos de três, meias-finais, (eliminação directa) e final, 52 encontros em 25 ou 26 dias.

ROTEIRO CULTURAL

À medida que a semana se aproxima do fim, as coisas voltam a animar. Como é nosso hábito, começamos o Roteiro de hoje pelo sector das Belas-Artes, hoje «alegrado» por várias inaugurações de exposições em diversos pontos do país. Começamos por Lisboa, referindo as inaugurações das exposições de pintura de Carlos Mascarenhas de Maurício Penha, na Galeria de Arte Moderna da SNBA. Carlos Mascarenhas nasceu em 1953, tirou o curso de Artes Plásticas da ESBAL, foi bolseiro da Secretaria de Estado da Cultura em Madrid onde trabalhou em gravura sob a orientação de Dimitri Papagueorguiu e já conta, no seu palmarés, com várias exposições realizadas tanto no país como fora dele. Embora não conheçamos as obras que vão ser hoje expostas na SNBA, julgamos que ambas as exposições merecem uma visita dos leitores deste Roteiro interessados no sector das Belas-Artes e, a julgar pelas cartas que recebemos, o seu número é cada vez mais elevado.

Portugal, porém (e felizmente...) não é só Lisboa, como tantas vezes se ouve dizer nos chamados meios de comunicação social. É inaugurada hoje, no Porto, uma exposição importante para a qual chamamos a atenção dos nossos leitores dessa cidade. Trata-se da exposição de obras escultóricas de vanguarda alemã que hoje abre as suas portas ao público no Museu Nacional Soares dos Reis.

Gunther Haese, Heinz Mack, Otto Piene e Gunther Uecker figuram entre os artistas representados neste certame organizado pelo Instituto Alemão do Porto e pelo Centro de Arte Contemporânea. Inútil será dizer que esta é uma exposição a não perder.

Os amadores de Belas-Artes de Leiria também têm hoje a oportunidade de ir a uma exposição – a da pintora Lori-Laura Cesana, que expõe na Galeria da Comissão de Turismo. Lori-Laura (não conhecemos a sua obra, mas o seu nome é fascinante...) deu à sua nova exposição o nome de «O Regresso à natureza».

Isto a que chamamos uma inauguração é evidentemente, uma actividade «social» que apela, sobretudo, para as pessoas «do meio». Essas sim, têm razões especiais para não perder uma inauguração e para estarem presentes nestes rituais, apoiando os artistas e trocando impressões com os seus pares. O que interessa aos restantes amadores de Belas-Artes, porém, é ver as obras e não os artisas e isso pode ser feito em qualquer altura durante a vida de uma exposição. Chamamos, por isso, a atenção de todos para algumas exposições presentemente patentes ao público em Lisboa, que ninguém deverá perder, como é o caso das exposições de Júlio, na S. Mamede, e de Jaime Isidoro na galeria de «O País». Uma e outra constituem acontecimentos importantes e quando as recomendamos aos nossos leitores, sabemos estar a prestar-lhes um bom serviço. Outras exposições que também julgamos necessário recomendar são as da escultura polaca contemporânea (Gulbenkian), de Gilbert Albert (Gulbenkian), de Manuel Baptista (SNBA), de H. Mourato e Silva Palmeira (S. Francisco), de Jeremy Boultby (Faculdade de Letras), de Howard Hdgkin (Instituto Britânico) e de obras sobre flores (Casino do Estoril).

Se gosta de teatro, não deixe de ver a peça «D. João VII», em cena na Barraca. Trata-se de um texto de Hélder Costa magnificamente representado por este grupo

Ainda que a dois dias de distância, entendemos útil voltar a chamar a atenção dos leitores deste Roteiro para o lançamento do novo livro sobre Vieira da Silva que tem lugar, como já dissemos, na 111, depois de amanhã. Trata-se de um acontecimento de vulto, tanto pela qualidade do livro como pelo facto de não dispormos de muitos livros sobre os nossos artistas e Vieira da Silva ser uma das principais figuras da nossa arte contemporânea.

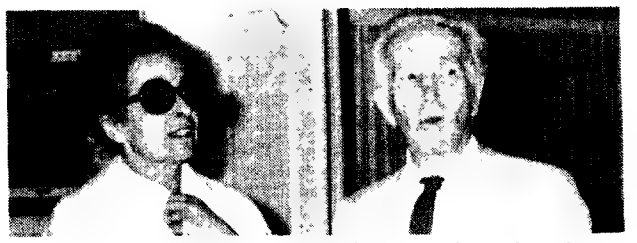
Do sector das Belas-Artes, passamos para o das conferências. A «Energia para o ano 2.000» é o tema de uma conferência que o professor Olivério Soares profere hoje, às 21.30, no Instituto de Engenharia do Porto. Sabemos que toda a gente está, presentemente, preocupada com o preço da energia em 1979, mas isso não obsta a que os leitores deste Roteiro que vivem no Porto projectem o seu futuro – quem sabe se a electricidade não irá diminuir de preço no ano 2.000?

Em Lisboa, o professor Northedge, director do Departamento de Relações Internacionais da London School of Economics, profere hoje uma conferência, na Sociedade de Geografia sobre «Teoria das Relações Internacionais». Estando as relações internacionais no estado em que estão, é agradável saber que há, sobre elas, uma teoriasinha...

Para encerrarmos este sector, uma notícia referente a uma conferência marcada para amanhã. Senão todos, pelo menos alguns dos leitores deste suplemento já ouviram falar do relatório do professor Hite sobre a sexualidade feminina, que julgamos já estar à venda nas nossas livrarias. Pois o assunto é tema para um colóquio que tem lugar, amanhã, no Centro Nacional de Cultura. Participam neste colóquio Maria Teresa Horta, Maria Antónia Palla e Maria Belo.

Já que falámos do Centro Nacional da Cultura, um aviso aos nossos leitores que participam nos passeios dominicais organizados por este grupo: esta semana, o passeio tem lugar ao sábado e é dedicado às estrelas. Referimo-nos, está de ver, às estrelas do céu e não às do teatro e do cinema, que pouco ou nada tem a ver com a natureza, a menos que queiramos referir a natureza dos publicistas incumbidos de fazer publicidade às fitas. O passeio é aberto ao público, começa no Planetário e termina com um passeio ao campo, onde as estrelas serão observadas «ao vivo» através de binóculos. Trata-se de uma excelente maneira de passar a noite de sábado, a menos que chova – esperamos que a Helena Vaz da Silva tenha planeado o passeio para um local campestre que fique perto de uma tasca agradável para o caso de estar a chover a potes...

A semana vai ser animada no sector teatral. Para já, a nova peça de José Cardoso Pires – «Corpo - delito na sala de espelhos» – vai ser antestreada amanhã no Teatro Aberto e a estreia de uma peça de Cardoso Pires é um acontecimento. Com a peça de Cardoso Pires em cena, os leitores deste Roteiro poderão optar entre três originais portugueses: «A Bisbilhoteira». (Teatro D. Maria II), «D. João VI» (A Barraca) e, a partir de amanhã, «Corpo-delito na sala de espelhos». A estes três juntar-se-á, brevemente, «A Noite», de José Saramago.



Vieira da Silva e o seu marido — o pintor Arpad.

Anuncie no «DL»

O «DL» atinge diariamente muitas dezenas de milhares de leitores, potenciais compradores e utilizadores de coisas e serviços e tem, actualmente, a maior venda de entre os jornais da tarde. Anuncie no «DL»: as tabelas são moderadas e os resultados serão espectaculares. Experimente!

Em ALJUSTREL o Diário de Lisboa vende-se no CAFÉ ALIANÇA

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado, o vento era fraco ou moderado de Oeste-Sudoeste e chovia em alguns locais de Norte e Centro.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	12°
BRAGANÇA	8°
VILA REAL	10°
PORTO	11°
P. DOURADAS	6°
COIMBRA	14°
CABO CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	12°
LISBOA	16°
ÉVORA	15°
SINES	16°
BEJA	14°
SAGRES	16°
FARO	19°
PONTA DELGADA	17°
FUNCHAL	17°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
0.47	3,9 m	6.41	1,0 m
13.18	3,9 m	19.03	1,0 m
Dia 24			
1.38	4,0 m	7.24	0,9 m
14.04	4,0 m	19.47	0,9 m
Dia 25			
2.25	4,0 m	8.04	0,9 m
14.48	4,0 m	20.28	0,8 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado em especial nas regiões de Norte e Centro onde poderão ocorrer aguaceiros fracos e vento fraco ou moderado de Noroeste.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.18
OCASO ÀS 20.49

DIA 26 DIA 2 DIA 10 DIA 17

rádio

1.° Programa

17.00: Trajectória, programa da juventude; **19.00**: Música portuguesa; **19.30**: Jornal da noite; **20.00**: Música variada; **21.00**: 10.° episódio do folhetim «O Apóstolo da Juventude», adaptação de Carlos Wallenstein; **24.00**: Último jornal; **00.10**: Vida na noite.

2.° Programa

17.10: Música sinfónica; **18.05**: Obras de Mozart; **19.10**: Música de vanguarda; **19.25**: Texto literário, um programa da Direcção-Geral do Ensino Básico; **20.00**: Música sinfónica; **21.00**: Ópera; **22.00**: Sonata n.° 1, em mi menor, op. 29, para violino e piano, de Busoni; **22.25**: Orquestras de câmara; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.45**: Música de piano; **00.15**: Música sinfónica; **p1.00**: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

17.03: Contacto; **17.40**: Contacto com o Mundo; **18.45**: Zona de controlo; **19.15**: Contacto com a ciência; **19.45**: Teatro trágico; **20.00**: Quando o telefone toca; **20.33**: Cartaz; **21.05**: Fado ao vivo; **21.33**: Quando o telefone toca; **22.33**: O tema é; **23.00**: Projecção.

Emissão Estereofónica

15.03: Hora de ponta; **19.00**: Em órbita; **21.03**: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço do Externato do Parque; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.54**: Apelos; **21.05**: Pentagrama; **21.30**: O som da noite; **22.00**: Quando o telefone toca; **23.30**: Textos e pretextos; **23.55**: Fecho.

44545

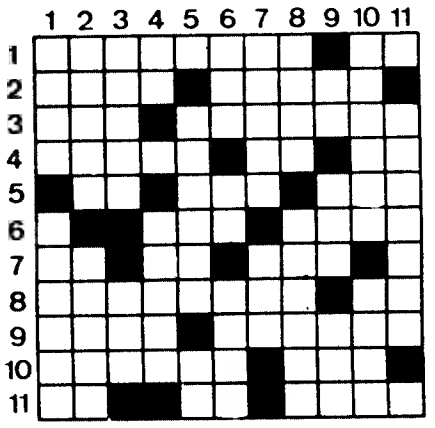
centro S.O.S.
voz amiga

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

HORIZONTAIS:

1 Notário (pop). Crómio (s.q.).
2 Monarcas. Mano.
3 Para barlavento. O que se caçou (pl).
4 Peneira. Ósmio (s.q.). Vossa Alteza.
5 Sadia. Isolados. Oceano.
6 Cabelos brancos. Vivenda.
7 Carta de jogar. Sufixo que designa estado. Distrito da ex-índia Portuguesa.
8 Da cor do oiro. Rio de Itália.
9 Pilha. Avaliais.
10 Prendemos. Rezo.
11 O sono das crianças. Pronome reflexo. Cura.



VERTICAIS:

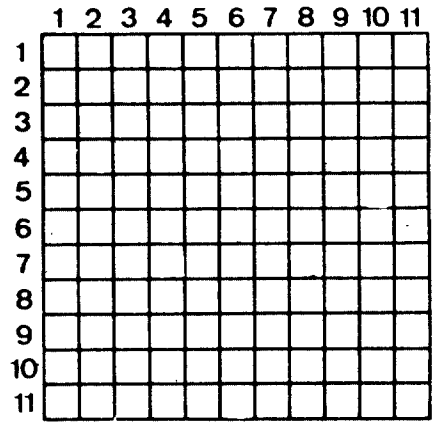
1 Épocas. Tratante.
2 Carimbas. Apelido.
3 Zelosa. Magnete natural.
4 Reis. Enrubescem.
5 Unira por casamento. Artigo definido.
6 Caminho. Ósmio (s.q.). Porção.
7 Instrumentos para atirar setas. Oferecer.
8 Alburno (inv.). Aparas miúdas.
9 Preposição latina que designa movimento. Punhado. Arara.
10 Filtravas. Mais mal.
11 Curamos.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

HORIZONTAIS:

1 Descerres. Mulher suja.
2 Numeral cardinal. Carimbara.
3 Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Preposição.
4 Nome de letra. Casta. Gálio (s.q.).
5 Natureza. Cantigas.
6 Senhor. Nome de mulher. Bário (s.q.).
7 Madre. Rede de arrastar.
8 Solitário. Preposição. Agora.
9 Arrostaras. Zombas.
10 Relata. Campeão. Nesse lugar.
11 Medida de uma superfície. Mistura.



VERTICAIS:

1 Átomo. Fedor. Remedeia.
2 Cidade de Portugal. Habitar.
3 Embebe. Acredita.
4 Agarrei. Elevara-se.
5 Pedra de altar. Roga.
6 Rã (pop).
7 Nome de peixe. Figura que simboliza o povo americano.
8 Cobriras de óleo. Apelido.
9 Oceano (inv.). Coração.
10 Crómio (s.q.). Louvarias.
11 Autores. Membro de ave. Uma das partes do Mundo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 12 342

HORIZONTAIS:
1 ENTRE COUVE.
2 Ara. Cabril.
3 Eta. Go. Ara.
4 Amarga. Aso.
5 Clareiras.
6 Irite. Saa.
7 Sisal. Lie.
8 Vl. Cs.
9 És. Caiar. Dá.
10 Atacaria.
11 Ar. Ras. Orne.

VERTICAIS:
1 E. COUVE.
2 Natal. Isar.
3 Tramais.
4 Rã. Arriscar.
5 Greis. Aca.
6 Cogitarias.
7 Ca. Arel. Ar.
8 Oba. Crio.
9 Urrasses. Ar.
10 Vias. Aí
11 El. ALFACE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 8 402

HORIZONTAIS:
1 Mama. Colaço.
2 Acorda. Os.
3 To. Partidas.
4 Adio. Data.
5 Erada. PS.
6 Irão. Ria.
7 Ias. Ga.
8 LV. Castigos.
9 Arão. Aludi.
10 Eros. Br. Rer.
11 Soror. Alisa.

VERTICAIS:
1 Mata. Mil. És.
2 Acode. Avaro.
3 Mo. Íris. Ror.
4 Arpoar. Caso.
5 Dá. Damão.
6 Cardoso.
7 Ta! Atara.
8 Leitor. Li.
9 Dá. Guri.
10 Coa. Pagodes.
11 Ossos. Asira.

Provérbio: ENTRE COUVE E COUVE ALFACE

farmácias

Lisboa

Permanente

RIO DE JANEIRO, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **SIMÕES PIRES**, R. da Prata, 115 (T. 362350); **SEPOL**, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); **ELMA**, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); **ALIANÇA**, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 570487); **ST.ª MARIA**, E. da Luz, 124-A (T. 783179); **CONTEMPORÂNEA**, R. Conde Redondo, 26-30; **CORREIA**, E. Principal, lote 172; **GONÇALVES**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915662).

Reforço

JOÃO XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); **UNIÃO**, E. de Benfica, 592-594 (T. 700092); **COMBRO**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **RONIL**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C (T. 880703); **DALVA**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **LISBONENSE**, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637030); **EUROPA**, Av. General Roçadas, 27-A-B (T. 843880); **CONCEIÇÃO**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 2910305); **PONTINHA**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220); **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242); **COVA DA PIEDADE: Garcia Reis**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A; **LARANJEIRO: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2490911); **COSTA DA CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A, Quinta de St. António; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212); **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2218580); **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355); **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100).

Linha de Cascais

ALCABIDECHE: Carvalho. Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**. Até às 21 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**. Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central**. Até às 22 horas; **Vilar**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE: Alair**, Av. Gago Coutinho, B. Caixas de Previdência (T. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 21 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 21 horas; **Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072). Permanente; **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 938703). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523); **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841); **CAMARATE: Nova**, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726); **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181); **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173-B (T. 2914103). Permanente; **AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra**, P. N, Torre, 310. Até às 20.30; **MERCÊS: Claro Russo**. Até às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av Óscar Monteiro Torres, 8 (T 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA: Simões**, Estefânia (T. 2930832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088)

Porto

(De dia e até às 22 horas)

CONSTITUIÇÃO — Rua da Constituição, 93, tel 490813; **FERREIRA DE CARVALHO** — Rua do Bonjardim, 354, tel. 27640; **RAMOS** — Praça do Exercito Libertador, 91, tel. 64935; **FIGUEIREDO, LDA.** — Rua de Cedofeita, 125, tel. 21620; **SOUSA SOARES** — Rua de Santa Catarina, 141, tel 22145; **VITÓRIA** — Rua de S Roque da Lameira, 756, tel. 52225; **MOURA** — Rua do Bonfim, 582-A e B.

(De dia e toda a noite)

PARENTE — Rua das Flores, 111, tel 21611; **CANAVARRO** — Rua da Restauração, 53, tel. 60754; **PADRÃO** — Rua de Santo Ildefonso, 340, tel 52149. **SANIL** — Rua do Paraíso, 214, tel. 23935.

Coimbra

(De 9 horas às 9 do dia seguinte)

UNIVERSAL — Praça da Republica, 9 e 10, tel. 23747.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE — 803055
Centro Comercial de Alvalade
SALA A — Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45 N. ac. men. 13 a.
AS 4 PENAS BRANCAS
c/Robert Powel
SALA B — Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.45
N. ac. men 13 a.
O GRANDE ATAQUE AO COMBOIO D'OURO

ALVALADE — 897480
Av. de Roma
Às 15.15, 18.15 e 21.15
N. ac. men. 13 a.
O HOMEM DA RUA
c/ Shatrughan Sinha, Zaherra, Vikram, Deven Varma e Sujit Kumar

APOLO — 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Warren Beatty, Julie Christie e James Manson em
O CÉU PODE ESPERAR
Hoje e todos os dias às 23 30 horas
N ac. men 13 anos
AMERICAN GRAFFITI

AVIS — 547163
Av. Duque D'Avila, 45
15.30 18.30 e 21.30
Não acons men. 13 anos
Esqueça tudo e dança com os campeões do
ROCK'N ROLL
Com Rodolfo Banchelli, Rosária Biccica

BERNA — 776098
Av. Marquês de Tomar
As 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac men. 13 a.
John Travolta e Olivia Newton-John em
GREASE (BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
Colorido

CALEIDOSCÓPIO — 795093
Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21 30
Não acons men. 13 anos
John Travolta e Olivia Newton-John em
GREASE (Brilhantina)
2.ª semana

CASTIL — 530194
Rua Castilho
Int. men. 13 anos
Todos os dias às 15.30 18.30 e 21.30
Capucine e Michael Craig em
JÁ NÃO HÁ ESTRELAS NO CÉU
Colorido

CINEBOLSO — 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 18 a.
Pornográfico
BOCAS GULOSAS
Às 24 – Int. men. 18 a.
OS QUATRO DUQUES

CINE CAMÕES — 324194
Rua do Loreto, 15
A 14 15, 16.30 e 21.30
Para todos
SOBE E DESCE
com Mário Moreno (Cantinflas)

CITY CINE — 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 15.00, 18.15 e 21.15
Não acons. men. 13 anos
O inesquecível clássico de John Sturges
A GRANDE EVASÃO
Às 24
A CASA QUE PINGAVA SANGUE

CONDES — 322523
Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 a.
A aventura dos nossos dias! O furacão que derruba países chama-se...
GOLPE DE ESTADO
c/ Peter O'Toole, David Hemmings e Donald Pleasenig

DOIS MIL — 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
As 15.30, 18.30 e 21.30 h
Int. men. 18 anos
SIRVAM-SE DESTAS SENHORAS...

D. JOÃO V — 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
Amanhã às 21.15 – N. ac. men. 13 a.
VAMOS TODOS PARA O PARAÍSO

EDEN — 320768
P. dos Restauradores, 21
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30
Int. men. 18 anos
O último filme do imortal Bruce Lee
A FÚRIA DO DRAGÃO
C/Nora Miao e Chuck Norris – Colorido

ESTÚDIO — 555134/5
Av. Afonso Henriques, 35
As 15 30 18.30 e 21.30
N. ac men. 18 a.
Catherine Deneuve em
REPULSA
O filme de Roman Polanski

ESTÚDIO 444 — 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
As 15.30, 18.30 e 21.30
Int men. 13 a
A aventura dos nossos dias! O furacão que derruba países chama-se
GOLPE DE ESTADO
c/ Peter O'Toole e David Hemmings

EUROPA — 661016
R. Almeida e Sousa, 35
As 15.15 e 21.30 – N ac. men 18 a.
Vejam agora a cores os vossos ídolos da TV
AMANTE MUITO LOUCA
c/ Theresa Rachel (Cló), Stepan Nercessian (Alan) e Jô Soares
Hoje às 18.15 – N. ac. men. 18 a.
Cinema à Quarta-Feira
MANDICO

IMPÉRIO — 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a. – Últimos dias
O mais espectacular acontecimento da história do cinema
SUPERMAN
Amanhã estreia às 21.30
O REBELDE
c/ Gian Maria Volonté e Charlotte Rampling

LONDRES — 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O AMOR VIOLADO
Colorido
3.º semana

MONUMENTAL — 555131
P. Duque de Saldanha
As 15.15, 18.15 e 21.30
Int. Men. 18 a.
5 anos após a sua morte, o seu último combate!
O ÚLTIMO COMBATE DE BRUCE LEE
c/ Bruce Lee e Karim «Abdulli» Jabbar
2.ª Semana

MONTECARLO — Tel. 681117
A. Pedro Álvares Cabral, 37
As 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men 13 a.
OPERAÇÃO ÁGUIAS NEGRAS

MUNDIAL — 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons men. 13 anos
O MISTÉRIO DE AGATHA
Hustin Heiffan e Vanessa Redgrave
4.ª Semana

NIMAS — 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não ac. men. 13 a.
BÚFALO BILL E OS ÍNDIOS
Um filme de Robert Altman
c/Paul Newman, Burt Lancaster e GeraldineChaplin

NOVOCINE — 840678
Av. General Roçadas, 7
As 15.15 e 21.30 – Int. men. 18 a.
Um filme de categoria esmagadora
LOUCURAS BURGUESAS
c/ Maria Shell e Charles Aznavour

ODEON — 326283/4
R. Condes, 12 a 20
15.15, 18.15 e 21.30
Não. acons. men. 13 anos
ROCK 'N' ROLL
c/ Rodolfo Banchelli e Rosaria Biccica

PATHÉ — 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Não acons men. 18 anos
Força, astúcia e destreza numa acçõ escaldante
OS 3 PANTERAS NEGRAS
Jim Brown-Fred Williamson-Jim Kelley

POLITEAMA — 326305
R. Portas de St.º Antão
As 15, 17, 19, 21 e 23
N. ac. men. 18 a.
KUNG-FU À PORTUGUESA
Technicolor
1001 maneiras de molhar a sopa!

QUARTETO — 771378
R. Flores do Lima, 16
SALA 1
Às 15, 17, 19, 21 e 23 h
Não acons. men. 13 anos
UM HOMEM E TRÊS MULHERES
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23 30
Int. men. 13 anos
JONAS
SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.23
Int. men. 13 anos
UM DIA DE PRAIA
Realiz. Sergio Citti
SALA 4
Às 15, 17, 19, 21.23
Int. men. 13 anos
DUAS MULHERES EM NEW YORK
Realiz. Claudia Weill

RESTELO — 610375
Av. Torre de Belém
Às 15.30 e 21.30 - Int. men 18 a.
4.ª Semana
Uma aventura num cenário terrível e fascinante
A MONTANHA DO DEUS CANIBAL
c/ Ursula Andress e Stacy Keach
Contém cenas eventualmente chocantes

ROMA — 727778
Av. de Roma, Lote JRB
15.30, 18.[illegible] e 21.30
Não. acons. men. 1[illegible] anos
Um regalo para os apreciadores de filmes de acção escaldante!
OS 3 PANTERAS NEGRAS

ROXY — 548560
Av. Almirante Reis 21
As 14 15, [illegible] e 21.30
[illegible]
Feroz Khan, [illegible] e Danny [illegible]
O VINGADOR APAIXONADO
Um filme de [illegible]
[illegible]

SÃO JORGE — 579144-579344
Av. da Liberdade, 175
As 15 15, 18 30 e 21 30
N ac men. 13 a.
Nunca tanto foi roubado por tao poucos
Sean Connery e Donald Sutherland em
O GRANDE ATAQUE AO COMBOIO D'OURO

SATÉLITE — 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
15 [illegible], 19 e 21.30
Nao acons. 18 anos
Uma transparencia dos problemas de delinquentes juvenis!
OS DEMÓNIOS DO COLÉGIO
c/ Glenda Jackson e Oliver Reed

STAR — 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30, 16 45, 19 e 21 45
Um filme notável
NUNCA TE PROMETI UM JARDIM DE ROSAS
com: Bibi Andersen Katleen Quinlan
2.ª Semana

TERMINAL — 371573
Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
N. ac men. 13 a
AS 4 PENAS BRANCAS
Nova versão de um classico da aventura
c/ Beau Bridges, Robert Powel e Simon Ward
2.ª Semana

TIVOLI — 570595
Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16 30, 19 e 21 30
N. ac. men 13 a.
GREASE (BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
Colorido

VOX — 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
15, 18.15 e 21.30 h
3.ª semana
N. ac. men. 13 anos
A GRANDE EVASÃO
Com Steve McQueen, Charles Bronsom e James Garner
Projecção do filme no início das sessões

ZODÍACO — Tel. 570551
Rua Conde de Redondo, 5
14.15, 16.30, 19, 21.30
N. ac. men. 13 a.
Inacreditável! O Exército chinês invade Paris.
VÊM AÍ OS CHINESES
c/ Jean Yanne
2.ª Semana

teatros

Lisboa

TEATRO DO BAIRRO ALTO – «E Não se Pode Exterminá-lo», às 21.30 (13 anos)
A BARRACA – «D. João V», às 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS — «A Família», às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES — «Tu e Eu Somos 3», as 21.30 (13 anos)
MONUMENTAL — «Um Zero a Esquerda», as 21.30 (13 anos)
A.B.C. — «Direita Volver», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MARIA VITÓRIA — «E Tudo São Bento Levou», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA II — «A Bisbilhoteira», às 21.45 (6 anos)

Outros Espectáculos Lisboa

OLÍMPIA – «Tentações sexuais», **sessões** permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «O Clube do Sexo», **às** 19, 21 e 23 (18 anos)
CINEARTE – «O Colosso de Pequim», às 21.30 (13 anos)
PARIS – «O Lutador Implacável», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «A Viagem dos Malditos», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «A Ponte Mais Longa», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Chamam-me Dólares», às 21.30 (13 anos)

outros cinemas

PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Atentado ao Presidente», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Dragão de Ouro», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Providence», às 17.00 e 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «Fuga no Espaço», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – S. José – «Bruce Lee e Eu», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Aventuras em Mares de Espuma», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Gaiola das Malucas», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «A Voz do Silêncio», às 21.15 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Uma Vida um Destino», às 21.15 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «O Milagre de Amor», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «O Furor Sexual de Jenniffer Welles», às 21.15 (18 anos)

PÓVOA DE ST. ADRIÃO – S. José – «Vagabundos Selvagens», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Academia – «Adeus, Amigo», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «Duplo Crime na Roma Antiga», às 21 15 (13 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio – «Não se Brinca com o Dinheiro», às 21.15 (18 anos)

SETUBAL – Júpiter – «Bugs Bunny e os Seus Amigos», às 21.15 (6 anos)

Porto

CARLOS ALBERTO — «Delito de Amor», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Jim Buck», às 21 30 (18 anos)
COLISEU – «Clube de Assassinos», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE — «Uma mulher implacavel», às 21 45 (18 anos)
ESTUDIO — «Niagara», as 21 45 (13 anos)
VALE FORMOSO – «A Viúva Negra» às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Grease», às 21 30 (13 anos)
ÁGUIA – «Sortilégio do Amor», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «Força por Força», às 21.30 (18 anos)
S. JOÃO – «Grease», às 21.30 (13 anos)
LUMIARE-L – «A Criada», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE » Sala A – «O Gendarme e os Extra-Terrestres», às 21.30 (6 anos)
SALA BEBÉ – «A Via Láctea», 21.45 (13 anos)
SA DA BANDEIRA – «Aló Lisboa, Daqui Porto»!, 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Os Profissionais», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Os Comandos da Morte», 21.30 (18 anos)

Coimbra

AVENIDA – «Enfermeira de Gritos», às 21.30 (18 anos)

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

• ADMINISTRAÇÃO RUA CASTILHO 185 1.º TELEFONES [illegible]
• REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
TELEFONES 321154/5 328271/2/3 328229 372-81/2
PUBLICIDADE 366740
• SERVIÇO NOITE (DEPOIS DAS 21)
PORTEIRO 321154
MENSAGENS GRAVADAS 328229
• ENDEREÇO TELEGRAFICO DIBOA TELEX 12363 LISBOA PORTUGAL
• DELEGAÇÃO DO PORTO RUA DO ALMADA [illegible] TELEFONES [illegible]

Princesa Ana chegou a Lisboa

A princesa Ana de Inglaterra e o seu marido capitão Mark Phillips, chegaram esta manhã a Lisboa, vindos do Porto, a bordo de um «Hércules» da Força Aérea Portuguesa.

À chegada ao aeroporto, a princesa foi cumprimentada pelo ministro português dos Negócios Estrangeiros, Freitas Cruz, em representação do Presidente Ramalho Eanes, e pelo embaixador britânico, Lord Moran.

A princesa seguiu depois para o Palácio de Belém num automóvel da Presidência da República.

À noite, o Presidente da República, e esposa oferecem, no Palácio de Queluz, um jantar em honra dos visitantes.

"Matei Aldo Moro"

Continuação da pág. 1

caram sobre a morte de Aldo Moro...

A fazer fé nos depoimentos deste Hamilton Cunha ou João Bosco, ele chegou a Portugal num camião TIR que o deixou próximo de Peniche. Vinha de Espanha, depois de algum tempo de permanência no País Basco. Há quatro dias que não comia, e foi justamente no posto da GNR de Bucelas que mastigou a primeira «bucha».

Sabe-se que o homem tem 35 anos, veste decentemente (embora apareça agora amarrotado) e fala muito bem Português, Francês e Inglês.

A opinião generalizada na Polícia Judiciária é a de que o Hamilton «não regula». A falta de informações da PJ para os órgãos da Comunicação Social resultará do «receio do ridículo».

Pela sua parte, a Embaixada do Brasil, contactada pelo «DL», diz-nos que, apesar das dúvidas sobre a sanidade mental do João Bosco, está a fazer um levantamento nos seus ficheiros, já que todos os cidadãos brasileiros chegados a Portugal são naturalmente ali «registados».

Ao fim da manhã de hoje, o «assassino confesso» estava a ser ouvido pelo juiz de Instrução Criminal a quem cabe decidir da manutenção da prisão ou soltura do homem.

Em todo o caso, fontes próximas da investigação em curso, as mesmas que julgam estar o «assassino» apenas à procura de «pensão», admitem como muito provável que ele deixe de ser «pensionista» do Estado ainda esta tarde.

JULGAMENTO DE ANTÓNIA PALLA

"O filme em causa é mesmo um contra-estímulo ao aborto"

— afirmou um médico pediatra

Entrou na sala de audiências já atrasada. Olha em volta (pouco habituada a estas andanças) e vai sentar-se mesmo **«colada»** à ré, Maria Antónia Palla. Todos se sorriram: Juiz, Ministério Público, advogados. **«A senhora não pode estar no banco dos réus»** – disse o juiz.

Sem saber, esta mulher representou, ali, um pouco, o pensamento de todos nós. Se o aborto é crime, então mais de cem mil mulheres deveriam estar sentadas no banco dos réus ao longo do ano! Mas se a isto a Lei **«fecha os olhos»** (não tem outra alternativa), para a já divulgação e debate do problema, assume um papel rígido e autoritário.

Esta manhã, na Boa Hora, prosseguia o julgamento de Maria Antónia Palla, com os depoimentos da jornalista Maria Antónia Fiadeiro, dr.ª Leonor Beleza (consultora jurídica da Comissão da Condição Feminina) e o médicopediatra dr. Abílio Teixeira Mendes.

O dr. Abílio Teixeira Mendes considerou que o filme **«Aborto não é crime»** se integra numa divulgação do Planeamento Familiar. Sublinhou mesmo que o filme em questão é um «contra-estímulo ao aborto» já que acentua a necessidade de recorrer à contracepção para evitar a prática abortiva. Acusada de dois «crimes» – incitamento ao crime e ofensa ao pudor – enquanto o dr. Abílio Teixeira Mendes se referiu ao primeiro, a dr.ª Leonor Beleza abordou a questão do «pudor» salientando que as imagens se referem a uma intervenção cirúrgica e não à exibição gratuita do corpo da mulher.

A liberdade de Informação deverá ser uma das tónicas da intervenção de Antónia Fiadeiro – cujo depimento se aguardava à hora de fechar esta edição.

O tribunal tem-se debruçado sempre sobre duas fotografias, reproduzindo duas cenas do filme. Acontece que ontem voltámos a ver a película. Ao contrário do que a fotografia possa sugerir, não há qualquer exibição dos órgãos sexuais da mulher (mesmo se houvesse, não seria a primeira nem a última vez que isso acontece, e, isso, sim, com intuitos claramente exploradores do corpo da mulher) e, portanto, ofensa ao «pudor». E, no Tribunal, essa noção parece começar a prevalecer.

FERNANDA MESTRINHO

LURDES PINTASSILGO EM REUNIÃO DE GESTORES

Insurreição geral das consciências

— uma necessidade para a NOEI

A dr.ª Maria de Lurdes Pintassilgo terminou a sua intervenção desta manhã no seminário do CIFAG sobre «A Nova Ordem Económica Internacional» com a citação de um apelo gerado no seio da UNESCO: « é necessária uma insurreição total das consciências».

Esta afirmação vem atribuir ao indivíduo um papel activo, quando na abordagem dos problemas da nova ordem se fala sobretudo de Estados. A propósito desta relação que esteve presente na intervenção da representante portuguesa junto da UNESCO, perguntamos-lhe como se explicitava essa relação:

«Essa é uma questão dialéctica entre Sociedade e Estado. Penso que os poderes dos Estados têm de ser a expressão dos movimentos sociais criados pelos indivíduos, pela sua actuação consciente, crítica, reflectida e empenhada na transformação da sociedade em que vivem. Os Estados terão de canalizar aquilo que são as forças vivas para as relações internacionais. Quando se fala na Nova Ordem Económica Internacional fala-se sobretudo das relações entre Estados, na medida em que é um conceito e um projecto que tem como primeiros actores os Estados e os seus agentes. Os Estados detêm a eclosão da expressão institucionalizada da sociedade nas suas formas mais vivas, e não como uma separação total entre poderes políticos de topo e desejos dos indivíduos que não chegariam a formular-se. O papel dos indivíduos é decisivo, na medida em que se inserem não numa sociedade amorfa face a um Estado gigante, mas se inserem todos eles em comunidades de afectos e de interesses».

A dr.ª Maria de Lurdes Pintassilgo, que encerrou o seminário referido, organizado pela CIFAG do Instituto de Participações do Estado abordaria as questões sociais e culturais inerentes à Nova ordem económica internacional e diria que os pressupostos sociais para a transformação proposta, incluem o reconhecimento dos direitos sociais universais que dizem respeito à possibilidade de cada indivíduo ver satisfeitas as suas necessidades em alimentação, saúde, trabalho, habitação e vestuário.

Estas necessidades devem constituir-se em prioridades da política interna dos Estados, depois de ouvida e entendida a vontade popular. Quando ao aspecto cultural, tomado isoladamente, são três os factores principais a considerar: a necessidade de uma informação tão objectiva quanto possível, o reconhecimento da circulação e comunicação que evite a manipulação da Ciência e da Técnica e o livre acesso de todos os meios e instrumentos da vida cultural.

O «DL», no sentido de aprofundar este tema, procurará garantir a publicação na próxima semana em «Mesa Redonda», uma conversa entre Maria de Lurdes Pintassilgo, Luís Echeverria e Dragaljub Najman, personalidades ligadas à UNESCO e de reconhecido mérito internacional.

Eanes vetou Lei da Amnistia

O Presidente da República vai vetar a Lei da Amnistia, segundo foi ontem anunciado pela Presidência.

O veto, que terá de ser formalizado até ao próximo dia 5 de Junho, constará de uma mensagem fundamentada que o general Eanes enviará à Assembleia da República, mas que ainda ali não tinha chegado, ao fim da manhã de hoje.

A decisão de Ramalho Eanes era já esperada e está em consonância com as promessas eleitorais feitas pelo actual presidente de fazer julgar os implicados nos acontecimentos de 11 de Março e de 25 de Novembro.

LISBOA, VERBO AMAR

Eleitos e escolhidos

Aquele meu amigo disse que por acaso conhecia uma história de amor passada em Lisboa.

E vai, contou.

«Era uma vez eu. Andava aí pelos quarenta anos. Tinha exactamente quarenta e dois, para ser exacto em tudo.

«Nesse tempo, já eu fazia a inspecção das sucursais. Vinha de regresso a Lisboa, de comboio, em primeira classe. Saía do bolso à companhia, entendes...

«No compartimento viajava apenas uma senhora. Desculpa não te dizer como era ela. Dir-te-ei que era doce, calma, tranquilizante como um Valium 10. Perguntei: «Posso fumar?» «Pois como não» respondeu. Palavras que me chegaram ao coração como um foguete de três respostas de mel.

«Duas pessoas só, acabam por não suportar o silêncio. Os trópicos estoiram. O que duas almas podem conversar, rapaz! Antes do dilúvio, quando rebentaram as comportas do céu devia ser assim.

«Sabíamos de cor Camilo Pessanha, quando ainda só meia dúzia de opiadopoéticos falavam dele. Agarrávamos no 'Mostrengo' de Fernando Pessoa e era eu a dizer um verso e ela a responder com outro. Riu até às lágrimas quando lhe fiz a imitação de Villaret. Também ela estivera no recital do S. Luís...

«Ia ter com o marido a passar férias no Algarve. Uma surpresa que lhe fazia. Filhos, não tinham. Gostava dele? Muitas vezes que sim, com a cabeça, em silêncio.

«Eu cá? Solteirão. Porque não casava? Sabe-se lá... Não gostava de ter um filho? Muito. Todos os homens gostam.

– «Desde novo que até já tenho nome para lhe dar.

– «Qual é?

– «Luís Vaz.

– «A sério? Não me diga que o seu amor à poesia vai a esse ponto.

– «Vai.

– «Já ninguém se chama assim...

«Como nasce a trovoada? Por um relâmpago. Quando ela me agarrou na mão e a apertou ao seio, já o relâmpago viera muito antes. E depois os beijos, os abraços, a sábia linguagem das mãos, toda a ciência desagua por um delta de cinco dedos. Mas nenhuma tempestade, percebes? Tudo nela era calmo, como uma poça de água da chuva a reflectir as casas, as nuvens, os pássaros. No túnel do Rossio propôs-me ficar em Lisboa nessa noite.

«Escolhi, por mais perto, uma pensão ali aos Restauradores. Um terceiro andar tranquilo. Ela aconchegou a gola do casaco até ao nariz.

«Foi uma noite em directo, com breves apeadeiros para dormir. Ela entrava no jogo com o encanto refreado de princesa cheia de fome que toca as iguarias com a ponta dos dedos. Apenas de madrugada, afrouxadas as rédeas da consciência, explodiu. Uma espécie de erupção solar que fez estremecer a pensão, os Restauradores, a Outra Banda. Após o que se lamentou, afagando-me o braço:

– «Eu não queria.

– «Porquê?

«Encolheu os ombros. Mas a seguir jogou sempre no pleno. Como o outro que diz: perdido por um, perdido por cem...

«Seguiu para o Algarve no comboio das oito. Nunca mais a vi.

«Passados dois meses, ao ler o jornal, depara-se-me um grande anúncio. «Companheiro viagem Lisboa-Porto paragem Restauradores. Vai chamar-se Luís Vaz. Obrigada.'»

Aqui tens a história.

– Mas ó Abreu – perguntei – onde está o amor? Você amava-a? Ela amava-o? Onde está o amor?

– És muito novo, meu caro – respondeu ele.

Ia acrescentar mais qualquer coisa, mas entretanto chegara o autocarro 32. Só teve tempo de dizer com um sorriso de flor na lapela.

– Vá, vá, deixa passar um honrado pai de família...

Mário Castrim

FEIRA DO LIVRO

Um editor por dia "conta-se" ao "DL"

Desde ontem ao fim da tarde que a 49.ª edição da Feira do Livro está à disposição do público e da sua bolsa, na Avenida da Liberdade, por iniciativa da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros.

Noventa e dois pavilhões constituem o certame em que estão representados 81 livreiros e editores.

Na sessão inaugural falaram o presidente da APEL, Beça Moura, e o secretário de Estado, da Cultura, dr. David Mourão-Ferreira, que salientou no seu discurso a importância do Instituto Português do Livro, na resolução dos problemas específicos da indústria do livro frisando que a articulação do Instituto com a SEC, Imprensa Nacional e outros organismos oficiais, permitirão, num futuro próximo, resolver esses problemas. David Mourão Ferreira referiu também a função da Comissão Instaladora do IPL, à frente da qual se encontram A. Alçada Baptista e Vasco Graça Moura.

O certame estará aberto diariamente até 10 de Junho, funcionando das 17 às 24 horas de 2.ª a 6.ª feira, e das 16 às 24, nos sábados, domingos e feriados. Os descontos serão, como habitualmente, de 20 por cento e de cinquenta por cento no «livro do dia».

No «stand» da «Plátano Editora» houve no primeiro dia vendas e uma certa surpresa. Ainda sem números certos, os responsáveis garantem que as vendas do primeiro dia foram superiores às do dia inaugural do ano passado, data em que, apesar de tudo, a bolsa do português era um pouco mais pródiga. Mas tudo se explica e a razão até nem foi difícil de encontrar. Também aqui a criança e o muito que dela se tem falado este ano levaram a que o público dê uma certa importância ao livro infantil. «A Plátano» tem várias colecções de literatura infantil e ontem o «livro do dia» foi exactamente um livro para crianças cujo preço de capa é de 75 escudos e ontem foi vendido por 37$50. Aí está a razão por que o volume de vendas do primeiro dia foi superior ao que se esperava.

«Mas a Feira continua a ser uma actividade de rotina», declarou Carlos Porto, um dos responsáveis da editora em questão. «Interessava uma «Feira do Livro» que fizesse uma permanente articulação das várias formas de expressão, desde a música ao teatro, criando um espaço de criatividade em que os próprios leitores potenciais pudessem participar, e retirando ao livro o carácter que tem de objecto de consumo para o integrar nessa prática de convivialidade cultural».

Tal como anteriormente, a editora que foi fundada em 1972, lança algumas novidades, durante a Feira, este ano com destaque para as colecções infantis e juvenis: os dez primeiros volumes da colecção «O rato que sabe» (traduções); 6 da colecção Babar «Escola e Cola», dois da colecção Leonor Praça (ilustrados pela artista); «Tucha e Bicó» e «O Veado Florido»; um da colecção «O dia-a-dia da Humanidade», «No tempo dos cavaleiros e dos castelos» e o livro «O Bosque pintado», de Maria Cândida Mendonça, ilustrado por João Machado. Para os adultos, serão lançados também durante o certame uma antologia: «Pasolini poeta», organizada por Manuel Simões; uma obra de ficção: «Um nome para Setembro», de Alice Vieira, e duas peças de Augusto Boal, «As mulheres de Atenas» e «Tempestade».

Sobre o Instituto Português do Livro, muito referido na sessão inaugural, disse Carlos Porto:

«Esse Instituto é um grande mistério. Não se sabe de nada, e isto, porque, quanto a mim, há um erro de base: as pessoas interessadas não foram consultadas. Penso que um Instituto Português do Livro deveria ter por função dar apoio ao livro que não pode tê-lo do editor comercial».

Liga Portuguesa dos Direitos do Homem

A acção judicial, movida pelos antigos membros do Directório da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, Dr. Vasco de Castro e Mário Inglês, foi decidida favoravelmente aos peticionários pelo Juízo da 1.ª Instância.

O Dr. Vasco de Castro e Mário Inglês requeriam a anulação das deliberações tomadas pela Assembleia Geral da Liga dos Direitos do Homem que procedeu à eleição dos corpos gerentes. É de admitir que a Liga se conforme com a sentença e convoque nova Assembleia Geral.

(Hoje 32 páginas)

tome nota

VOLUNTARISMO

Apesar de terem participado juntos no seminário sobre a «Nova Ordem Económica Internacional», que hoje terminou em Lisboa, o ex-presidente mexicano, Luís Echeverria e a dr.ª Maria de Lurdes Pintassilgo, representante de Portugal na Unesco, não contraíram matrimónio. Alguns jornais desta manhã davam-nos como casados em visita ao casal Eanes, em Belém.

N.º 11 / 79 ● Quarta-feira, 23 de Maio de 1979

MESA REDONDA

Contraponto de opiniões

NESTE SUPLEMENTO

O cinema que temos

Participam

Alberto Seixas Santos
António Reis
Rui Simões
Mário Viegas
Leandro Ferreira
José de Sousa

A sociedade não forma apenas um mundo, à sua imagem. Cria também imagens para esse mundo, que dele passam a ser parte integrante e muitas vezes importante.

E no entanto, o cinema português posterior a Abril parece pairar acima da realidade, quando não a olha com sobranceria.

Que é feito das contradições sociais que dilaceram o país, dos problemas que o preocupam, dos ódios que o sobressaltam? Que é feito da descolonização, do 25 de Novembro e dos novos hábitos de produzir, consumir e viver?

Apesar do seu inegável empenho a maioria dos cineastas parecem não ter conseguido abraçar com a sua arte os problemas políticos e sociais, que transformaram o nosso quotidiano. As tentativas mais ambiciosas fracassaram. «A Confederação» continua a ser disso o melhor exemplo. As únicas obras de qualidade (e também aqui Manuel de Oliveira continua excepção) foram as que seguiram eventualmente inovando-o, esse caminho já trilhado a que o etnografia e a ficção se dão o braço.

Cansaço daqueles que parecem pensar que um passado de «resistência» dá direito a um presente de adaptação? Incapacidade de geração dos anos 60 e 70 em se renovar e dos novos cineastas em se afirmar? Cerco inexorável de produtores, distribuidores e exibidores mais interessados nas «contas e números» do que na cultura?

Para respostas para estas interrogações procurámos Rui Simões, Alberto Seixas Santos e António Reis. Este último sugeriu (e nós aceitámos) a a presença de dois finalistas da Escola Superior de Cinema do Conservatório, José Dias de Sousa e José Leandro Ferreira, que contribuíram com a sua convicção (e também com a sua imaturidade) para o debate.

Trata-se de três realizadores com obras que são marcos na trajectória do cinema, que temos. As esperanças e desesperanças desses criadores de imagens aqui ficam em palavras. E não há dúvida que revelam também um pouco mais desse microcosmo que é o cinema português, onde as fronteiras entre a diferença estética e e a rivalidade pessoal, a crítica e a adulação, o talento e a presunção, o novo e o velho, nem sempre são claras. Quando não cavalgam juntas...

CINEMA EM PORTUGAL: À PROCURA DO TEMPO PERDIDO

D.L. – As transformações ocorridas nos cinco últimos anos no tecido político e social não provocaram – apesar das tentativas feitas nesse sentido – a eclosão de novos valores estéticos e de uma criatividade renovada no cinema que temos. Qual a causa determinante de uma tal situação? Uma «anemia» artística dos realizadores? Ou a ausência das condições materiais mínimas?

Rui Simões – Essa pergunta exigia uma resposta complexa. Mas é possível simplificá-la. Penso que não há qualquer anemia nos criadores portugueses, seja em que ramo da arte for. O que se passa é que o acesso a esse estado de criação é dificultado pela sociedade. No caso que tratamos pesa também essa micro-sociedade que sãoos nossos colegas de trabalho – os cineastas. Estes defendem-se da entrada dos novos de modo a poderem continuar centro desse espaço de eleição que é aactividade criadora. Sou, portanto, de opinião que a «anemia», a «doença», so existe naqueles que detêm a máquina do cinema. Não atribuo culpas nemaos governos nem aos partidos. A esse nível não é sequer um problema político. Só existe como tal na medida em que há uma «classe» que pretende defender os seus interesses, que tem medo de uma juventude – não em idade mas em criatividade – que apresentaria necessariamente propostas cinematográficas muito diferentes das actuais.

Houve – nos anos 60 – uma vaga de cineastas que lutaram para encontrar a possibilidade de se exprimirem. Mas depois de conseguirem esse direito fecharam-se sobre ele.

D.L. – Como é que se manifestam esses reflexos de defesa que impedem que o novo sangue circule na cinematografia portuguesa?

R.S. – Não se trata do meu caso pessoal – não me posso considerar fora desse estatuto privilegiado porque já fiz um filme de fundo e realizo agora um outro. Mas penso que o impedimento se exerce a todos os níveis começando à entrada do Instituto Português de Cinema (IPC) que tem as suas leis, as suas regras..

Não sei como é que um jovem cineasta que pretenda entrar oara o cinema o pode fazer.

D.L. – Perguntaria então ao Seixas Santos – que pertenceu à Comissão Administrativa do IPC – qual a sua opinião sobre esta questão.

Alberto Seixas Santos – Antes de entrar directamente na pergunta observe que a constatação que aqui está a ser feita não é pacífica para muito boa gente. Leiam-se os nossos «críticos cinematográficos» e descobrir-se-á que, no período referido, se não houve uma intensa afirmação de novos valores – e de alguns se falou desde o Rui Simões ao Luís Rocha e ao Sá Caetano, da Solveig Nordlund ao João Botelho e ao Jorge Alves da Silva, por exemplo – foram quase sempre assinalados progressos interessantes na obra dos cineastas que se tinham afirmado antes do 25 de Abril.

Digo, desde já, que discordo em absoluto desta opinião. Nunca o cinema português foi tão medíocre e ao mesmo tempo tão satisfeito da sua mediocridade. Porque se mostra então tão «colaborante» essa curiosa espécie que neste país é o «crítico cinematográfico»? Fundamentalmente por duas ordens de razões: porque teme as reguadas e o certificado de incompência que o irado realizador lhe passará em caso de discordância ou até de tímida reserva – já se tem visto e funciona – embora se trate habitualmente do mais baixo terrorismo verbal e «intelectual»; porque alguns deles esperam o apoio dos cineastas consagrados para tentarem a passagem à realização. É um facto que há uma relação ambígua e pouco salutar entre a crítica e os cineastas portugueses que vêm dos anos 60/70. E, no entanto, este grupo não é coeso. É mesmo atravessado por profundas e insanáveis contradições a nivel pessoal e estético. Mas tem globalmente uma clientela crítica que lhe assegura uma posição de tal relevo que qualquer decisão política no campo cinematográfico acaba sempre por passar, de uma forma ou de outra, por eles. É este um dos grandes males do cinema português.

D.L. – Considera, pois que a «crise de talentos» é dos críticos e que a dos realizadores não existe ou é irrelevante?

ASS – Bem pelo contrário. Na minha opinião todos, acentuo bem todos, os realizadores que já tinham feito uma longa metragem de ficção por alturas do 25 de Abril deram com as obras posteriores, sinais evidentes de estagnação ou retrocesso, quando não, o que é mais grave, de esgotamento ou satisfeita complacência. Exceptuo o Manuel de Oliveira, mas la voltaremos. Porque se calou esta evidência que não escapou, por exemplo, ao público do Festival da Figueira da Foz em 1978? Porque os filmes são feitos a contar com os críticos que temos e os papéis dos críticos escritos para nós. É altura de lembrar que muitos dos cineastas ligados á minha geração vieram da crítica...

D.L. – Como é o caso do Eduardo Geada, do Seixas Santos...

ASS– ... do António Pedro Vasconcelos, do João César Monteiro, etc. Vinhamos do movimento cineclubista dos anos 50, que esteve, de algum modo, ligado à formação de uma nova geração de cineastas, de uma nova maneira de fazer cinema, de ver, ler e intervir na realidade portuguesa. A luta dos anos 60 e primeira metade de 70 foi para todos **nós decisiva**, mas a obstinação e a exigência que então demonstramos e que foi considerável, perdeu-se, na grande maioria dos casos a seguir ao 25 de Abril. Tudo se tornou demasiado fácil – não éramos nós os autores do «cinema da resistência»? – e foi um pouco como se tivéssemos decidido confirmar o aforismo de Gide que diz, mais coisa menos coisa, que a arte cresce no constrangimento e morre com as liberdades. É para mim um facto incontroverso, estou a repetir-me mas não quero que restem dúvidas quanto à minha posição, que se verificou depois de Abril um indesculpável abrandamento no empenho necessário a todo o projecto fílmico consequente, a todo o trabalho produtivo no campo formal e que isso resulta – ao contrário do que muitos cineastas pensam ou divulgam, esperando comover o terno coração de algum secretário de Estado – não da falta de meios financeiros, mas da sua inesperada multiplicação após o 25 de Abril...

D.L. – Na sua opinião estaríamos, pois perante um problema de abundância?

ASS – Sim. Foi o que aconteceu. O 25 de Abril abriu aos cineastas os cofres do IPC e as portas da RTP, dois locais que antes lhes estavam praticamente vedados. Mas entendamo-nos foi uma abundância à portuguesa, a abundância do pelintra que de um dia para o outro se pode sentar à mesa e mandar vir o que lhe apetece, não se dando sequer conta que o menu é menos rico do que parece. Estas situações dão, regra geral, enfartamentos, digestões difíceis, flatulências desagradáveis. Comparem-se, aliás, números e datas. Antes do 25 de Abril – e para citar o exemplo mais positivo da história recente do cinema português depois das Produções Cunha Telles – o Centro Português de Cinema (CPC) conseguiu de 70 a 74, em quatro anos portanto, produzir ou participar substancialmente na produção de treze longas metragens. E isso apenas com 10 mil contos da Fundação Gulbenkian, a participação de laboratório da Tobis e algum, pouco, dinheiro investido pelos cineastas. Ao todo, no máximo, uns 15 mil contos. Se somarmos o custo dos sucessivos planos de produção do IPC de 74 a 78, quatro anos também, e dos respectivos reforços, encontraremos um valor que deve situar-se hoje acima dos 200 mil contos. O número de filmes terá duplicado, mas, salvo raras

MESA REDONDA

"Após o 25 de Abril os cineastas estavam envolvidos politicamente nos acontecimentos, mas não havia empenhamento artístico"

«Br

excepções, o que já se viu é de uma qualidade lamentável e, para desgraça nossa, o seu valor comercial não é superior. E não me venham com o inevitável argumento da inflação porque ele é insuficiente para explicar este incrível «potlatch». Basta fazer contas.

D.L. – Perguntaria agora ao António Reis, que esteve no Centro Português de Cinema e é autor – conjuntamente com Margarida Cordeiro – de uma obra que aponta novas vias para o nosso cinema, o que pensa daquilo que foi dito pelo Seixas Santos?

António Reis – Gostaria, antes de mais, de afirmar que de um modo geral concordo com o que o Rui e o Alberto disseram. Acredito que o domínio do imaginário, uma posição cinematográfica revolucionária não precisam de muito dinheiro. Necessitam sim de muita obsessão, de total sinceridade, pressupõem riscos. Quanto ao privilégio de espaços ocupados, dos espaços vedados é evidente. A geração da «nova vaga» portuguesa encontrou esses privilégios nas gerações pretéritas. Estranhamente tem má memória da luta que travou, ou tem atitudes paternalistas em relação aos novos. Novos, sim senhor, mas que não façam «vagas»...

Em relação ao que o Seixas Santos disse sobre a crise de criatividade devo dizer que me espanta – sem mecanismo de projecção – que «velhos» cineastas se apresentem com singular juventude criadora e que alguns novos sejam velhos ou nunca tenham sido novos...

É claro que não ponho o problema das idades na criação mas da autenticidade, a necessidade vital de expressão. Como as outras artes eu creio que «o cinema é também uma questão de vida ou de morte».

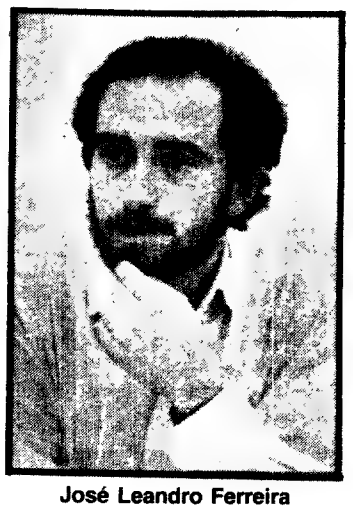
D.L. – Mas em relação aos seus alunos do Conservatório não lhe parece que independentemente da força e convicção da sua motivação artística vão deparar com dificuldades quase intransponíveis?

A.R. – Os alunos dificilmente entrarão nas cooperativas porque não têm árvore geneológica nem conhecem os cineastas que têm as cartas na mão. Depararão igualmente com dificuldades para entrarem no IPC. Têm diante de si – e eles sabem-no – dificuldades muito sérias a enfrentar. Os mais frágeis ou serão satélites ou vítimas de gloríolas. Mas isso é já o corpo-a-corpo com a matéria do cinema e da vida.

O Seixas Santos não substimou, na minha opinião, os seus camaradas de geração. Lamenta que se tenha vindo parar **a.** E esse parar **a** é o academismo e a voragem da televisão, pois o que se tem feito com a televisão é lá ir buscar dinheiro não dignificando sequer o povo, a arte ou a televisão. Há muita amargura no que diz o Seixas Santos. É fácil demonstrar que os filmes em causa são fogos-fátuos do epigonismo. E não é difícil provar o que Rui Simões afirma: a extraordinária força criadora por parte de gente nova.

ASS – Há uma situação que se gera com o 25 de Abril, e que como o próprio 25 de Abril é para muitos inesperada. Nos anos 60 o cinema novo português tivera que conquistar um espaço próprio, roubado ou melhor ocupado, à custa de vontade, talento e perseverança, a um outro, altamente policiado, que era o cinema onde se moviam o António Lopes Ribeiro, o Brum do Canto, o Arthur Duarte, o Henrique Campos, o Constantino Esteves, o

Alberto Seixas Santos



José Leandro Ferreira

Perdigão Queiroga e outros mais. Esses homens, em graus diferentes embora, eram quer o quisessem ou soubessem quer não, mais não seja por omissão, cineastas do regime. Conviviam, sem dramas de maior, com o fascismo e nalguns casos serviram-no fielmente e colheram-lhe as benesses.

O 25 de Abril enterrou, não sei já se justamente, esta geração de cineastas oficiais e fez de nós os cineastas oficiais de um regime que não se sabe bem qual seja. É, talvez, um pouco paradoxal, mas é assim que vejo a situação.

D.L. – Mas esse traço de igual não esconderá, por um lado, a diferença entre esses dois regimes e, por outro, o facto de que alguns cineastas nas suas obras posteriores ao 25 de Abril só poderem ser conotados com o regime na medida em que este exprimiu melhor ou pior certos interesses e aspirações populares?

ASS – O problema não é esse. Não houve praticamente ninguém que não quisesse ou não dissesse estar ao lado do povo. Não dei que isso, no cinema, lhe tivesse sido de grande utilidade. O que é grave, o

António Reis

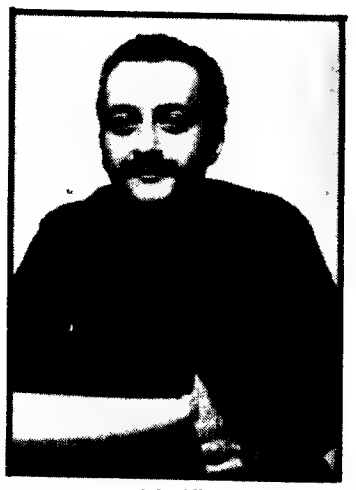
José Dias de Sousa

que é perigoso e foi fatal é que o cineasta tenha herdado – não me interessa que disso tenha ou não consciência – hábitos e vícios do artista oficial. Quando se passam a percorrer, sem qualquer má consciência ou dúvida, os corredores do poder, quando se é, se tem vaidade em ser, se sonha vir a ser «tu cá, tu lá» com quem governa, quando as frondas se fazem e desfazem com o fito único de por interposta pessoa ditar leis e repartir verbas, quando nestes jogos medíocres se gasta mais tempo do que na reflexão e na criação artísticas, alguma coisa se corrompe no interior de cada um, que não pode deixar de atingir profunda e definitivamente a sua integridade moral e as suas capacidades criadoras.

Houve, e isso acentuou-se, é um facto, à medida que o processo político se ia degradando, um comprazimento, uma indiferença, um infinito desprezo pelos resultados artísticos do trabalho produzido e aos poucos assistiu-se à progressiva e triste metamorfose do cineasta português em funcionário público do IPC ou da RTP. É aqui, acho eu, que hoje estamos.

R.S. – O que Seixas disse

Rui Simões



Mário Viegas

parece-me certo. Mas é só mais um elemento. A classe dos cineastas não é para mim uma classe muito especial com problemas muito complexos e com uma personalidade própria. Há toda uma classe de poetas, escritores, homens de teatro ou actores, com problemas semelhantes. O conhecimento da história do cinema português tem o seu interesse mas não me ajuda a mim – nem sobretudo aos que querem começar a fazer cinema – a resolver os problemas. Gostava de tentar que esta «Mesa Redonda» fosse um pouco mais para a frente, passando a fronteira entre o 24 e o 25 de Abril. O que senti foi que os cineastas e os artistas em geral foram apanhados de surpresa e não estava envolvida criativamente – embora o estivesse politicamente – nos acontecimentos. Não houve uma passagem do seu «ego» a algo que se estava a passar e que era a criação colectiva de uma sociedade nova, ou pelo menos uma tentativa nesse sentido. Não fizemos um trabalho criativo sobre a imagem do país naqueles anos, o que deveria ser quase obrigatório para uma classe que passa a sua vida a preocupar-se, a pensar, a tentar encontrar formas novas e que normalmente é paga pela sociedade para fazer um papel de vanguarda intelectual que é a sua razão de existir. Ao inserir-me neste País com entusiasmo – e só assim consegui fazer um filme – senti que havia muitos outros iguais a mim, com vontade enorme de fazer algo de muito forte e que não estava dentro dos códigos estruturados do elitismo cultural do cinema como algo de muito complicado. Havia gente capaz de organizar um filme. Uns com curso outros sem ele, mas existia de facto essa determinação. E quem escolhe o cinema não escolhe por acaso, como diz o António Reis é uma questão de vida ou de morte, de escolha total.

Hoje, em 1979, estamos perante a situação de ter havido uma brecha num sistema por onde milhares de homens puderam entrar para alcançar uma fase superior. Mas poucos cineastas passaram. É isso que é negativo para os anos futuros.

SOU PESSIMISTA EM RELAÇÃO À MINHA GERAÇÃO

A. S. S. – Se queremos alterar a situação actual do cinema português é preciso descobrir como é que o peso do Seixas Santos no cinema português pode ser igual ao peso do Leandro, de qualquer outra pessoa que deseja fazer cinema em Portugal.

Como? Posso dizer que enquanto estive na Comissão Administrativa do IPC foi criado um pequeno espaço para os jovens realizadores designado pelas «Primeiras Obras» a que se podem candidatar nomes desconhecidos. Sei no entanto que isso é insuficiente. Sou extremamente pessimista em relação à geração a que pertenço. Considero-a uma geração que se perdeu em questiúnculas e que foi destruída por dentro pelo fascismo. Mas é um facto que a obra mais forte que me foi dado ver nos dois últimos anos foi a do decano dos cineastas portugueses: «O Amor de Perdição», do Manuel de Oliveira. E isto apesar das reservas, e

«Brandos Costumes», de Seixas Santos

algumas são graves, que tenho em relação ao filme. Mas a verdade é que nenhum cineasta da minha geração pôs um tal empenho num projecto.

SERIA UMA TRAIÇÃO NÃO LUTAR POR ELES

«DL» – O António Reis enfrenta diariamente, como professor da Escola de Cinema do Conservatório, o problema de saber como é que os seus alunos, que se vão tornando seus colegas, poderão começar a fazer cinema...

A. R. – Nós procuramos fazer uma coisa diferente. A matéria das minhas lições são os próprios alunos com a sua problemática, com as suas grandes faculdades. No fundo como os alunos têm a mesma angústia que o chefe de família que tem a sua obra de arte gregária por fazer.

R. S. – Penso que apesar de tudo os alunos do Conservatório têm uma sorte enorme em terem um professor como o António Reis. De certo modo isso altera as normas do passado em relação à eventual possibilidade dos alunos virem a fazer cinema. Vejo-o mal a fazer cinema sem eles o fazerem.

José Leandro Ferreira – Queria dizer qualquer coisa em relação ao desencanto que me parece existir no Seixas Santos em relação à sua própria geração que considera esgotada. Fazendo parte daquilo que poderá vir a ser uma nova geração do cinema português, apesar de tudo, tenho noção do contributo e do impulso que essa geração nos transmitiu, nomeadamente através da passagem de alguns dos seus realizadores, como professores pela Escola de Cinema.

Parece-me que isto tem a ver com o facto de que nós, que estamos agora com vinte e poucos anos que, vivemos o 25 de Abril numa determinada idade, termos uma consciência política relativamente boa e da realidade que se foi formando.

Já foram referidas pelo Seixas Santos as dificuldades que existem a nível das condições de produção. É evidente que para isso precisamos de apoio, porque temos que exigir que a possibilidade de criação nos seja dada. Falou-se na questão dos subsídios. Parece-me que se existe uma Escola de Cinema isso tem uma razão de ser. Numa tal escola estão pessoas interessadas em fazer cinema. Neste momento vive-se lá com grande entusiasmo, uma grande paixão pelo cinema e parece-me que essa é a grande aposta das pessoas da minha geração. É evidente que estamos ainda a viver o cinema a nível da reflexão e da aprendizagem. Mas temos uma necessidade cada vez maior de fazer cinema. Como o Seixas dizia há nomes que têm peso e outros que o não possuem. Não sei como se há-de resolver essa questão mas penso que a solução passa um pouco pelas pessoas que acreditam em nós.

É preciso dar uma possibilidade às pessoas que têm concorrido nos últimos anos. É preciso que os subsídios sejam dados à Escola de Cinema. Não falo numa atribuição exclusiva. Mas parece-me que pelo menos 50 por cento dos subsídios para as primeiras obras deveriam ir para as pessoas que estão a sair da Escola de Cinema.

A.S.S. – Parece-me sentir nas suas palavras certo sentido de dependência .

J.L.F. – Não, não foi isso...

A.S.S. –... e precisamente disso tem vivido o cinema português e nesse espaço se tem movido. É isso que considero mais negativo na história do cinema português. Os acessos fazem-se porque x é amigo de y que tem peso e que o traz para a profissão. Para mim o cinema português traduz-se em pequenas querelas de pequenos senhores da guerra que têm as suas clientelas, que fazem as suas temporárias alianças para temporárias lutas, para fazerem novas alianças e lutas. Essa situação tem de ser ultrapassada. Os alunos da escola têm de entrar na profissão não através dos padrinhos mas contra eles...

A.R. – A minha posição é essa. E isso já é um acto estético, já é um acto de criação.

J.L.F. – Poderá ter havido uma certa confusão naquilo que disse. Mas o que de facto queria referir não era a necessidade de um padrinho. A geração dos anos 60 não enfrentou um cinema de qualidade, mas um cinema de propaganda da ideologia do poder. Parece-me que o cinema dos anos 60 é o primeiro cinema a sério em Portugal. Mas a nossa aposta é matar esse cinema, ir mais além, é começar cedo, é fazer mais filmes.

R.S. Deste um bocado essa imagem embora não a quisesses dar e acho que a interpretação do Seixas está correctíssima. Se de facto há um trabalho e há uma a dialéctica, entre o cinema e a vida, e se de facto tudo está inserido num todo, e se de facto vocês têm algo a propor nessa dialéctica vida-cinema, não só, como tema de comunicação, mas como vivência, como vida quotidiana cinematográfica, eu acho que há outro elemento a considerar sem o qual penso que não se pode chegar a conseguir esse objectivo.

Sem luta não haverá mais do que um procurar de caminhos mais ou menos bons, por onde vão ser encaminhados certos novos realizadores.

A.R. – O Leandro sabe que tem sido uma dominante o falar-se de luta.

O MEU PÃO VEM DO CINEMA

R.S. – Certo. Não é uma luta pela concorrência. Pelo contrário, é uma luta política, humana para viver, para fazer cinema nessa dialéctica cinema-vida. Se essa luta não existe, não só vocês se cortam dos cineastas que talvez sejam solidários com vocês, porque de facto não vejo porquê uma nova geração se não tem razões para existir.

Mas, de facto, a coisa como estava, era quase como pedir: abram-nos a porta dêm-nos a migalha para a gente poder existir. E penso que assim íamos cair no mesmo erro do passado.

De outra maneira e como já há outras famílias, passaria a haver a família do Conservatório. Penso que não deve ser assim. Seria a vossa própria morte. Porque há outras famílias que não têm sequer acesso do conservatório e que têm acesso ao cinema (e têm todo o direito de o ter).

A.R. – Isso não anda longe das preocupações que ele exprimiu...

R.S. – Por outro lado acho ridículo que seja o Instituto Português de Cinema a dar dinheiro ao Conservatório. Penso que o Ministério da Educação tinha obrigação de atribuir «tantos» milhares de contos por ano para os alunos fazerem os filmes. É ridículo haver uma escola de cinema que não faz cinema...

J.L.F. – Eu quando falei na questão das verbas não me referia a atribuições específicas. Não era atribuições de verbas ao Conservatório para funcionamento do Conservatório, para fazer filmes no Conservatório. Era para o trabalho de realizadores de filmes depois de terem feito o Conservatório. O Conservatório é outra questão. O Conservatório vive com o dinheiro do Ministério da Educação, que não chega a nada, neste momento... faz parte do curriculum do curso fazer um filme final, e nós neste momento estamos com grandes dificuldades em fazer filmes precisamente por isso. Não temos verba, não temos dinheiro do Ministério da Educação.

R.S. – É aí que passa a luta...

A PRIMEIRA LUTA

A.S.S. – A primeira antes de entrar na profissão.

R.S. – É que os profissionais de cinema vivem daquele dinheiro. Vivem. Não fazem cinema, vivem, comem. O meu pão vem do cinema e de mais lado nenhum.

Tens uma classe de indivíduos que estão a trabalhar. Tens um sector de preparação de indivíduos para o trabalho. De facto a máquina do trabalho é que vai cobrir a preparação desses novos cineastas.

A.R. – A ti retiram-te o pão. Outros poderão ter de trocar de carro...

R.S. – Penso que não se pode dirigir ao IPC a necessidade que o cinema tem de vocês. Acho que isso seria afunilar a visão do que deve ser o cinema e do que serão os novos realizadores. Esses problemas têm de passar pela Educação. Por sectores que mantêm o Conservatório.

Haverá talvez uma luta quase de sobrevivência para que ele exista,. Isso já não sei. Não conheço o estádio, da vossa luta.

J.L.F. – Mas é que de facto essa luta existe. As pessoas estão também um bocado desinteressadas dessa luta que é mantida já há vários anos. E de facto não há possibilidade de a vencer. E porquê? O Governo neste momento tem uma determinada orientação e cada vez dá impressão que a sua política é mais definida, numa determinada direcção. E depois há certamente outras coisas que a mim efectivamente ultrapassam. É o caso dos problemas burocráticos. As pessoas ficam enredadas por essa própria burocracia, e depois não têm disposição nem cabeça para desfazer esses meandros burocráticos.

R.S. – mas isso é em todo o lado. No IPC também.

O CANSAÇO DA ESPERA

José Dias de Sousa – Não há nenhuma anemia de «talentos». Mas há talentos «anémicos». A única anemia provável (se não a exacta) é uma anemia económica ou talvez (e digo talvez porque desconheço quase completamente as tricas que nos envolvem) de distribuição de dinheiros. Os «talentos» (entre aspas, sempre matafóricos) estão aí como sempre estiveram. Estão mas é à sombra de uma «sombra» em que o sol bate como no deserto. Sua-se muito debaixo dessas sombras. Que não autores novos? Um pintor ainda poderá comprar umas telas e uns pincéis. Um escritor pode, até a lápis, deixar uma obra que um dia descobrirão num baú. Mais tarde alguém lucrará com esses papéis tanto tempo votados ao desprezo. Mas para fazer cinema (arte de «luxo») ou temos dinheiro (de onde virá ele?) ou «desistimos» e vamos trabalhar para um banco. Aí portamo-nos bem e podemos planear um assalto. Depois somos presos e como em Portugal não há pena de morte aí ficamos uns quantos anos, à sombra e com comida de borla. Até podemos conhecer um polícia simpático que chore por nós. Quando de lá sairmos já ninguém acreditará em nós criminosos e devemos ser postos de lado. «O talento é um crime» – gritam os medianos que prolongarão a espécie, a nossa. Os «talentos» são tarados e dar dinheiro a tarados é coisa que nem ao diabo lembra – e ele já é suficientemente mau para ter semelhantes ideias. Quando morrermos talvez nos canonizem com ou sem obra feita. – Se eu tivesse alma vendia-a ao preço a que está a carne.

MESA REDONDA

"A arte é uma questão de vida ou de morte"

Estou numa escola de cinema que não nos garante ao sair de lá uma parca sobrevivência económica nem a moral entendida – entendida esta como livre criação.

A.S.S. – Falou-se em problemas de idade. Penso que esse facto, que não referi antes, pode, com efeito, ser determinante. Inquieta-me pensar que dentro de cinco anos o Leandro ainda estará a ver como fará o seu primeiro filme, nisso gastando o melhor das suas energias. Os cineastas da minha geração começaram a fazer cinema por volta dos trinta e tal, trinta e cinco anos. É tarde para fazer cinema. Os velhos cineastas clássicos americanos começaram aos vinte. O Citizen Kane de Orson Welles foi feito aos vinte e quatro. O tempo gasto a espera marcou de forma negativa e desgastou os cineastas da minha geração.

LEVAR O CINEMA AOS ESPECTADORES

«DL» – Verifica-se que só uma reduzida percentagem dos espectadores habituais de cinema vê os filmes portugueses. Esse facto agrava a crise do cinema que temos, aumenta as necessidades de apoio financeiro estatal e não contribui certamente para a divulgação da arte. Quais as razões de uma tal situação? Que formas existem de as ultrapassar?

R.S. – Há vários factores que condicionam o acesso do público a um filme. Claro que é fundamental que o nosso cinema seja visto, que tenha um público, que tenha as suas receitas e que a ajuda do Estado não seja uma dádiva integral e possa haver um tipo de economia mista dentro da produção do cinema português. Temos de considerar o cinema que fazemos. É um ponto de interrogação muito grande. Que tipo de cinema fazer, tendo em conta as necessidades de relacionamento com o público? Pode haver autores que acham que não têm qualquer ambição de obter um público de massas, ou até um público de sala de ensaio. Podem fazer um tipo de cinema que atinja outros objectivos. Pessoalmente penso que um cineasta tem de se inserir na vida. Para mim é a vida que define realmente se as coisas continuam a existir ou não continuam, se têm razão ou não têm razão.

Por outro lado, para haver público – e se nós fizermos um filme que de facto tem essa relação com a vida e que portanto interessa a todos os seres vivos, interessa a toda a gente – é essencial que depois tenha acesso às salas. Esse acesso só o imagino ver (e tenho um filme quase pronto e tenho quase a certeza absoluta que não haverá uma única sala que o queira passar) é um problema que não tem de facto solução. Tem que passar por medidas a nível de meios de organização, disto, cultura cinematográfica, duma cultura nacional. Porque se se dá dinheiro para fazer filmes e não se criaram estruturas nenhumas para mostrar esses filmes...

A exibição que existe não vai suportar filmes que à primeira vista podem não ser muito interessantes comercialmente. Além disso os interesses que estão por trás dessas casas não são minimamente o de defender o património cultural português ou interessar-se pelos artistas portugueses. São normalmente grandes empresas multinacionais, americanas, francesas, que dominam essas salas e têm as suas distribuidoras. Qual é o interesse em passar filmes dos cineastas portugueses?

A solução podia vir daqueles que são responsáveis pela cultura neste País. Se querem que haja uma cultura, que haja uma imagem. Se o secretário de Estado ou os órgãos da cultura não se preocupam sequer que o seu povo veja a sua própria imagem, então, está bem. Têm um espelho em casa, satisfazem o seu próprio narcisismo.

Penso que o cinema português pode dar dinheiro. Eu acredito que há cinema, há cinema português, há todos os anos uma série de filmes que podem ser rentáveis para quem explorar uma sala. Não há neste momento em Portugal capitalistas interessados em investir no cinema português

A. S. S. – Tens razão. Há filmes que podem interessar uma sala, mas quando dizes que não existem capitalistas interessados em investir no cinema português aparentemente há uma contradição. Se ela não existe é porque uma coisa é a receita bruta que o filme fez dá numa sala, outra é a receita «parte produtor». E aí realmente o negócio não interessa.

«DL» – O IPC tem o exclusivo de distribuição em relação aos filmes que financia. Verifica-se que muitos não são de facto distribuídos e eventualmente são postos obstáculos à sua distribuição por outros circuitos que escapam ao controlo do IPC. Não será isso uma contradição gritante num organismo que teria por função a divulgação do cinema português?

A. S. S. – O direito que tem o IPC de exploração comercial dos filmes que assiste financeiramente, vem do Decreto 257/75, que transformou aquilo que na lei 7 de 1971 era a forma de subsídio e empréstimo à produção, em participação financeira do Instituto e empréstimos. Ora acontece que o Instituto não estava, nem nunca esteve, preparado para responder eficazmente aa esta nova atribuição que a lei lhe concede

O Instituto passa a ser proprietário de filmes, tem que os lançar no mercado e aí dispõe de duas alternativas. Ou negoceia com os distribuidores e exibidores – o que tem tentando fazer e na maioria dos casos encontra uma posição frontal – ou passa a uma outra fase que será a da exibição compulsória dos filmes que possui.

Essa medida que parece hoje inevitável, que existe de uma forma complexa e pouco prática na própria Lei 7/71 também tem os seus riscos. Os riscos são os de saber-se exactamente quais as consequências dessa obrigatoriedade, porque sem uma produção relativamente organizada, sem uma produção contínua a criação de leis que obriguem o distribuidor e o exibidor a passarem de filmes portugueses pode tornar-se facilmente num argumento contra o filme português.

Basta que a produção seja incapaz de satisfazer a quota de écran ou que os filmes sejam sucessivos facasssos de bilheteira.

A RTP COMO «VENTOSA» DE CINEASTAS

DL – Poderíamos falar agora das relações entre o «pequeno» e o «grande» «écran». Neste momento a RTP funciona como uma ventosa de realizadores e actores. Que implicações é que pensam que isso irá produzir no cinema português?

AR – As consequências são drásticas. A Televisão é uma espécie de queijo da serra entregue aos ratos.

DL – **E no entanto, é preciso viver e as relações entre a Televisão e o cinema podem ser outra coisa...**

AR – Acho que podem, simplesmente não ao nível das formas de expressão. A Televisão tem uma linguagem própria ainda não dominada por nós. É preciso ter-se uma determinada corrente sanguínea para se poder intervir lá. Até agora só houve transferência da linguagem do cinema para a Televisão, que tem uma linguagem muito diferente a nível de movimento, de espaço e de técnicas

Estabelecer pontos de identidade entre meios e técnicas de Televisão e cinema ou pontos de identidade estéticos, é um golpe baixo. Se isso for dito e aceite por cineastas quer dizer que eles não são mesmo cineastas. Talvez fossem homens de Televisão se pensassem um dia na Televisão a sério. Creio que a Televisão poderá ser, além de meio de informação, poderoso meio de expressão... Enfim, é mais um equívoco trágico, suponho que esta geração nova que está agora a nascer, vai-nos pedir contas muito em breve – ou pelo pemos aqueles que arriscam um tal passo.

R.S. — Eu pessoalmente não tenho nada a dizer pois não sei o que é. Desconheço. As tentativas que fiz de conhecê-la deram-me a entender que não existiam condições.

ASS – No entanto, tiveste vários contactos com a Televisão. Vários projectos que penso, tu consideras fracassados...

RS – As tentativas que eu fiz com a Radiotelevisão Portuguesa foi porque estava convencido de que de facto era uma Televisão normal, detentora de uma grande parte da imagem deste País. Eu solicitara-lhes apenas para comprar, para negociar imagens. A partir do momento que nem isso era possível (o caso a censura ao filme «Bom Povo Português» que me obrigou a comprar imagens no estrangeiro, é uma vergonha).Depois de tantas cartas a dizer-me que não, percebi que é uma casa que não quer nada comigo e eu não quero nada com ela.

Em relação aos outros colegas meus que trabalham pera a Televisão eu não sei o que eles vão lá buscar. Há colegas da cooperativa onde estou que tentaram e tentam trabalhar para a Televisão. Eu penso que a razão é não terem outra oportunidade de fazer seja o que for fora dessa possibilidade. Fazem um trabalho pago miseravelmente, onde se pede dinheiro e não é pouco. Os seis filmes que o João Brehn realizou para a Televisão fizeram-lhe perder, no total, cerca de duzentos contos. Porquê? Porque as condições dadas são das mais ridículas que possam existir. E há contratos completamente diferentes. Para nós é um mau negócio, tem pouco interesse, o único interesse é de facto para os jovens que é o caso do João Brehn que é o caso da Manuela Serra a quem também foi proposta uma série para a Televisão. E a possibilidade de existirem. Mas mesmo aí quando eles pensam que estão a existir e quando fazem um trabalho, têm uma resposta completamente negativa no final obrigando-os a alterar montagens a cortar filmes a censurar realmente os trabalhos feitos. Portanto, a relação com uma casa dessas eu penso que é absolutamente negativa.

Penso que os jovens perdem mais neste momento em fazer um filme para a Televisão do que não o fazer. Simplesmente é difícil de facto passar eternamente sem fazer um trabalho. Mas o preço é caríssimo.

ASS - Eu diria mais. Neste momento só razões de pura subsistência explicam que os cineastas portugueses trabalhem para a Televisão porque o que eles estão a fazer de facto é a suicidar-se com cada novo filme que realizem.

As condições económicas que a Televisão oferece são de tal modo degradantes que na realidade é preciso estar já quase para além do limite da sobrevivência para as aceitar. E também aí a situação que se verifica no Instituto Português de Cinema repete e reproduz, quase a papel químico. Isto é, os nomes mais conhecidos defendem-se melhor,gozam de prerrogativas que são negadas aos desconhecidos que vão à televisão esmolar uma oportunidade. Os meios financeiros postos a disposição dos cineastas obrigam frequentemente a filmar num dia ou dois, umprojecto que exigiria talvez uma semana. Assim se corre ao suicídio porque um fracasso na televisão acaba, de uma maneira ou outra, por repercutir no meio profissional e limitar as oportunidades no IPC. Recorrer à televisão na situação actual, ou é sinal de forne ou de masoquismo.

(Mesa-Redonda conduzida por Francisco Vale)

Mário Viegas fala do actor

D.L. – Como é que o Mário Viegas vê a possibilidade do actor português contribuir para renovar, melhorando-o, o cinema português?

Mário Viegas – Penso que os actores portugueses – e refiro-me aos do teatro, da televisão porque só nesses casos é possível manter uma carreira com uma certa sequência - deverão ter uma palavra a dizer no nosso cinema. Uma das coisas que poderá ajudar o cinema que temos consistiria na escolha, por parte dos produtores e realizadores, de actores conhecidos, populares, até «vedetas», no bom ou mau sentido da palavra, para que o seu nome no cartaz possa fazer afluir o público aos filmes feitos em Portugal. Refiro-me sobretudo a actores de teatro e de televisão conhecidos, com qualidade ou sem ela.

É preciso por outro lado, que os cineastas portugueses criem actores de cinema vedetas, lendas, mitos – e nós sabemos muito bem como é que esses processos publicitários são feitos. Aliás lembro-me que aqui há meia dúzia de anos se começou a criar uma actriz de cinema a Maria Cabral, que ganhou nome só através do cinema. A criação de uma imagem de actor cinematográfico pode ser muito importante para levar o público português ao cinema.

D.L. – Mas parece que precisamente uma das fraquezas do cinema português consiste em se fazer demasiada representação teatral nos filmes?

M.V. – Sim o problema existe. Os actores de teatro têm todos os tiques do teatro. A sua técnica é muito diferente da empregue no cinema como todos sabemos. Mas cabe precisamente aos realizadores aproveitar os «defeitos» dessas «vedetas», as suas características ou até imagem perante o público,

para o transformarem e utilizarem no cinema. Isto tem sido feito em muitas cinematografias. A verdade é que actualmente não contamos com «vedetas» a nível de realizadores capazes de fazerem afluir espectadores ao cinema – a não ser uma que é o Manuel de Oliveira e isso mesmo apenas numa certa camada do público. Parece-me não haver mal nenhum numa certa popularidade dos realizadores. Eles sabem que os espectadores não acorrem ao filme por ser de X ou Y. Seria, no entanto, possível fazer com que o público fosse a um filme do senhor X ou Y em que entram Fulano, Beltrano e Sicrana e que é feito pelo senhor X ou Y. Sabemos que alguns realizadores estrangeiros se tornaram conhecidos depois de actores conhecidos terem chamado a atenção para as suas obras (antes de passarem para plano secundário). Ainda hoje vemos os Orson Welles, os Fellinis Viscontis e Godards recorrerem a certos actores - e não é porque não desejassem outros melhores – os Mastroianis, Sofias Lorens, Ginas Lollobrigidas e a Anitas Ekebergs. E a verdade é que conseguem fazer alguma coisa com eles. É evidente que isto exige também a humildade dos actores de teatro para se deixarem dirigir e compreenderem que vão ser muito piores actores no cinema do que no teatro, por falta de experiência (só fazemos um ou dois filmes na vida e a verdade é que só ao fim de 10 ou 20 é que se formam os bons actores).

Nós não sabemos nada, somos aprendizes.

Mas é necessário que os actores sejam bem dirigidos. Os nossos realizadores como também só fazem um ou outro filme também não sabem como dirigir

Por exemplo, quando há um ano se realizou a estreia de «O Rei das Berlengas» do Artur Semedo, uma das questões que me puseram foi a de se pensava como actor que o filme ia reatar a velha tradição da comédia portuguesa. Não sei se esta existe. Mas suponho que aquilo que existe é a grande tradição dos actores cómicos da revista e do teatro portugueses. Ainda hoje há constantes pedidos a televisão para passarem os filmes com o Vasco Santana, o António Silva, a Maria Matos, a Teresa Gomes com todos esses grandes actores que eram usados pelos realizadores porque se sabia que eles é que mobilizavam o público. Hoje as pessoas vão ver o filme «A Canção de Lisboa» com o Vasco Santana e o António Silva e não sabem se o filme é do Leitão de Barros, do Chianca de Garcia ou do Cornelli Telmo.

Por essa experiência do cinema português na sua fase de maior público podemos tirar conclusões para o presente.

Para finalizar, só queria dizer que o cinema e por vezes o teatro português também não arrastam o público porque um filme português tem de ser um filme portugues e a maior parte dos que têm essa pretensão tem tudo menos esse ar quer pelos temas, quer pelas formas quer pelo estilo

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SEGUNDA-FEIRA, 1 DE JANEIRO DE 1962 ANO 41.º — NÚMERO 14 027

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Foi dominada uma tentativa de assalto a Infantaria 3, em Beja

Durante as operações de repressão foi morto o subsecretário do Exército e ficou ferido o capitão Varela Gomes que chefiava o grupo dos revoltosos

TENENTE-CORONEL JAIME FILIPE DA FONSECA

Cerca das 11 horas de hoje, o gabinete do ministro do Exército forneceu a seguinte nota oficiosa, que foi imediatamente radiodifundida pela Emissora Nacional e pelo Rádio Clube Português, que para o efeito, interromperam os seus programas normais:

«O Ministério do Exército comunica que, esta madrugada, elementos subversivos atacaram o quartel do Regimento de Infantaria n.º 3, em Beja, conseguindo de início infiltrar-se no aquartelamento.

A acção das forças do Exército, com a cooperação da G. N. R. e da P. S. P., foi permanentemente dirigida pelo ministro do Exército, do seu gabinete, através de meios especiais de transmissão.

O subsecretário de Estado do Exército deslocou-se imediatamente a Beja, para observar no local a acção de repressão.

Apesar da situação ter sido rápidamente dominada, o Ministério do Exército lamenta ter que anunciar ao País que foi gravemente atingido, por tiros isolados, o subsecretário de Estado do Exército, tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca, quando as forças da ordem completavam a ocupação do quartel.

Há a registar baixas da parte dos revoltosos, entre elas a do capitão Varela Gomes, que foi candidato a deputado pela oposição, nas últimas eleições, e chefiava os elementos civis. Este indivíduo encontra-se ferido, sob prisão, no Hospital de Beja.

Foram presos outros elementos civis».

A COMUNICAÇÃO DA MORTE do subsecretário do Exército

Pouco depois das 13 horas, o gabinete do ministro do Exército forneceu mais a seguinte nota oficiosa:

«Em aditamento à nota oficio-

(Continua na última página)

APELO AO BOM SENSO

A' hora a que escrevemos estas linhas, ainda não estão suficientemente esclarecidos os acontecimentos que se deram esta madrugada em Beja, relatados nas duas notas oficiosas que noutro lugar publicamos e nas informações recolhidas pelos nossos serviços de reportagem em fontes oficiais. Infelizmente, já há vítimas a lamentar e entre elas conta-se um membro do Governo, o subsecretário de Estado do Exército, que sucumbiu aos ferimentos recebidos no desempenho da sua missão.

Estes acontecimentos não deixarão de repercutir dolorosamente em todo o País, mal refeito ainda do abalo profundo causado pela agressão indiana a Goa. Uma alteração da ordem pública nesta grave conjuntura nacional não pode deixar de causar viva inquietação e as maiores apreensões. Quando se procura, por todos os meios, promover a unidade nacional, a fim de enfrentar os perigos externos que nos ameaçam, não se compreende, em boa verdade, que dentro do próprio País se tente enfraquecer e destruir essa unidade, por um acto de rebelião, expondo-nos às terríveis consequências que podem resultar de uma luta fratricida e á repercussão pouco lisonjeira que ela poderia causar na opinião pública mundial.

Sem abdicar dos princípios que sempre defendeu e continuará a defender, o «Diário de Lisboa» não pode deixar de apelar para o bom senso de todos os portugueses, a fim de que a serenidade volte aos espíritos desorientados e o bom senso prevaleça em face do imperativo nacional que a todos aconselha prudência, moderação e, sobretudo, devoção total aos sagrados interesses nacionais, nesta hora gravíssima em que a Pátria está em perigo.

O MINISTRO DO EXÉRCITO RELATOU À IMPRENSA COMO SE VERIFICOU O ASSALTO A INFANTARIA 3

O sr. brigadeiro Mário Silva recebeu, ás 18 horas, no seu gabinete, os representantes da Imprensa, aos quais deu informações sobre o assalto ao R. I. 3. O ministro começou por acentuar que as suas declarações deviam ser consideradas não definitivas, uma vez que se aguarda ainda o relatório oficial dos acontecimentos de Beja.

Assim, anunciou que entre os elementos do efectivo do regimento e das forças de segurança não houve mortos nem se contam feridos em estado grave.

Por outro lado — declarou — entre os assaltantes registaram-se cinco feridos e, pelo menos, um morto — um indivíduo de nome David Silva de Abreu, oficial de barbeiro, casado, de Lisboa, Santa Catarina.

Os assaltantes utilizaram, na viagem para Beja, vários automóveis, alguns dos quais também foram usados na fuga. Quatro desses veículos estão apreendidos. Três destes carros foram encontrados em Vila Real de Santo António, Setu-

(Continua na ultima página)

NOUTRAS ÉPOCAS DA NOSSA HISTÓRIA CONSEGUIMOS REAVER TERRITÓRIOS QUE LEGÌTIMAMENTE NOS PERTENCIAM E DE QUE TINHAMOS SIDO ESBULHADOS

—LEMBROU O CHEFE DO ESTADO NA SUA MENSAGEM DE ANO NOVO

Através dos microfones da Emissora Nacional, o Chefe do Estado dirigiu hoje, á Nação, a seguinte mensagem de Ano Novo:

«Conforme afirmei no dia 1 de Janeiro de 1959, impõe a tradição que, no limiar de cada ano, o Chefe do Estado dirija uma mensagem á Nação, pondo as suas esperanças no ano que desponta e formulando os melhores votos pelo bem-estar de todos os portugueses. O cumprimento dessa obrigação, voluntáriamente assumida, venceu as razões que este ano me aconselhavam o silêncio e por isso vos falo, sem naturalmente esconder que o faço com a alma amargurada e revoltada pela agressão de que Portugal foi vítima na India.

Não decorreu benéficamente para nós o ano de 1961, pois os acontecimentos desagradáveis que nos afectaram, sobrelevaram em muito, os que deixaram de si boa recordação. Nestes, referirei apenas os principais, ou sejam as inaugurações da Central de Miranda do Douro e da Siderurgia Nacional, a entrada ao serviço do «Príncipe Perfeito» e do «Infante Dom Henrique» e a viagem

(Continua na página central)

VISADO PELA CENSURA

3.ª edição especial

A repressão da tentativa revolucionária em Beja

O subsecretário foi atingido por uma rajada de metralhadora quando seguia a pé para a entrada do quartel

A meio da tarde, no gabinete do ministro do Exército, encontrava-se já o ajudante de campo daquele membro do Governo, sr. capitão Alves Ribeiro, que acompanhou o tenente coronel Jaime da Fonseca a Beja, quando ele, ás 3 e 30, resolveu deslocar-se áquela cidade em missão de observação. Naquele gabinete soubemos, então, que o referido membro do Governo, para tal, meteu-se num automóvel que ele próprio conduzia, apesar de nele seguir, também, o respectivo motorista, bem como uma ordenança da Polícia Militar.

A chegada a Beja, verificou-se ás 6 e 30. O automóvel ficou estacionado a cerca de dois quilómetros do quartel, para onde se dirigiu, a pé, o subsecretário, acompanhado do capitão Alves Ribeiro.

Chovia torrencialmente e o vento soprava com violência. O silêncio da noite era constantemente cortado pelo tiroteio. Sem temor, o sr. tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca avançou em direcção á porta de armas e foi atingido mortalmente quando dela se aproximava.

Sempre debaixo de fogo, o capitão Alves Ribeiro conseguiu arrastar o corpo do tenente-coronel Jaime da Fonseca, levando-o para junto de um sobreiro, a fim de evitar as balas disparadas do quartel e, também, pelas forças da G. N. R., e da P. S. P., que cercavam o aquartelamento e não identificaram os dois oficiais, os quais se encontravam á paisana.

O capitão Alves Ribeiro disse-nos que só por muita felicidade não foi igualmente atingido, tanto mais que esteve alguns minutos sob fogo cruzado e só após algumas horas conseguiu identificar-se junto das forças da ordem.

A chegada do corpo ao Hospital da Estrela

Pouco antes do meio-dia e meia-hora, chegou ao Hospital Militar Principal da Estrela, o corpo do subsecretário de Estado do Exército, sr. tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca. Foi conduzido numa ambulancia e acompanhado pelo capitão Alves Ribeiro, oficial ás ordens do sr. ministro do Exército. Ali aguardavam o corpo, sua viuva, sr.ª D. Maria Helena Zuquete da Fonseca, o filho Jaime Tomás Zuquete da Fonseca, aspirante da Academia Militar e a filha, D. Maria Iolanda Zuquete da Fonseca Ramos Almeida, bem como o seu irmão, sr. dr. Alvaro Filipe da Fonseca. Também estava presente o sr. general Buceta Martins, comandante da Academia Militar, e o oficial ás ordens do extinto, sr. capitão Cabedo.

Entretanto, era armada a camara ardente no corpo da capela.

Sobre uma essa foi colocada a urna de mogno em cujo tampo se vê um grande crucifixo de metal.

O corpo enverga o fardamento cinzento e ladeiam-no quatro candelabros.

Só a partir das 14 horas e que o corpo ficou exposto. A família rodeou logo a urna, ao mesmo tempo que a viuva e a acariciavam o rosto e mãos do seu marido e pai, deixando transparecer a sua grande dor. Entretanto começaram a chegar mais pessoas, da família e pessoas das relações do extinto.

O ministro do Exército trabalhou no seu gabinete com o general Câmara Pina

O ministro do Exército compareceu no seu gabinete pouco depois de se ter conhecimento da revolta bem como o subsecretário, sr. tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca. Este, em seguida, acompanhado do sr. capitão Alves Ribeiro, partiu para Beja, onde veio a perder a vida.

Entretanto, o sr. general Câmara Pina, chefe do Estado-Maior do Exército, reuniu-se ao ministro, com quem trabalhou.

No gabinete do ministro estiveram também os srs. dr. Corrêa de Oliveira e o dr. Carlos de Soveral, subsecretário de Estado da Educação.

A meio da manhã, o sr. ministro do Exército recebeu o sr. dr. Alvaro Filipe da Fonseca, irmão do subsecretário daquela pasta.

Pelo Ministério do Exército estão a passar numerosas pessoas de todas as condições sociais a fim de apresentarem condolências ao titular daquela pasta pela morte do sr. subsecretário do Exército.

Em nome do Chefe do Estado, esteve ali o sr. general Humberto Pais, chefe da Casa Militar da Presidência da Republica.

Entre outras individualidades lembra-nos ter visto os srs. ministro e subsecretário das Obras Publicas; major Silva Pais, pelo subsecretário de Estado do Comércio; generais Valente de Carvalho, Raul Martins e Abranches Pinto; brigadeiros Santos Patrício e Esteves Pereira; o ministro conselheiro da Embaixada de Espanha, o adido militar espanhol, o deputado Meneses Soares, o eng.º Quartim Graça, coronéis Eduino Geraldes, Apio de Almeida, Carvalho Nunes e Oliveira Pinto; tenente-coronel Ferreira Barbosa, dr. Augusto Simões, pela Câmara Municipal de Poiares, etc.

Vários telegramas foram recebidos naquele Ministério, pelo mesmo motivo, entre os quais os do presidente da Camara Municipal de Fronteira; comandantes, oficiais e legionários de Coimbra e Torres Vedras; comandante da Escola Prática de Infantaria, de Mafra; comandante, oficiais e sargentos do aeródromo base n.º 1, de Lisboa; comandante do R. Artilharia Pesada n.º 2, de Vila Nova de Gaia; coronel Artur Dionísio, etc.

O ministro da Marinha esteve toda a madrugada no seu gabinete

O titular da pasta da Marinha, sr. almirante Quintanilha Mendonça Dias, esteve também no seu gabinete durante toda a madrugada.

Por sua vez, no Estado-Maior da Armada, compareceram igualmente o respectivo chefe e subchefe, os almirantes Sousa Uva e Roboredo e Silva, assim como outros oficiais superiores.

Há três mortos entre os assaltantes além de vários feridos

BEJA, 1 (*Pelo telefone*) — Ao acordar, a cidade ficou surpreendida com a existência de um dispositivo militar, que se estendia aos arredores. Como, durante a madrugada, o vento soprou com rara violência, e o quartel do Regimento de Infantaria n.º 3 fica á distancia de 3 quilómetros da cidade, na estrada de Mértola, a população não ouviu o matraquear das metralhadoras e de outras armas ligeiras, durante o assalto áquele aquartelamento, que, segundo apurámos, começou cerca das 2 horas da madrugada e deve ter continuado até cerca das seis.

Quarenta assaltantes?

As autoridades militares e civis mantêm, por enquanto, em rigoroso sigilo, os pormenores do assalto. No entanto, sabe-se que foram cerca de 40 os assaltantes, chefiados pelo capitão Varela Gomes. O grupo era, ao que se diz, composto de elementos de Almada e Cova da Piedade, que se teriam deslocado em cinco automóveis «Mercedes», que estão em poder das autoridades.

Alguns dos assaltantes que invadiram o quartel estavam fardados. O assalto principiou com um ataque a uma sentinela que, no entanto, pôde dar o alarme, permitindo que o 2.º comandante da unidade, major Henrique Calapez, tomasse as providências que as circunstancias aconselhavam para defesa do aquartelamento. Assim, enquanto durava a resistência, pedia reforços á G. N. R. e á P. S. P., por intermédio de um estafeta, dado que as comunicações telefónicas estavam cortadas.

Domínio efémero

Ao que parece, logo no início do assalto, o capitão Varela Gomes, que se encontra hospitalizado sob prisão, foi atingido com um tiro disparado pelo próprio 2.º comandante do regimento.

Nos primeiros momentos, os assaltantes, que conseguiram infiltrar-se no quartel, estiveram senhores da situação, mas a chegada rápida de reforços da G. N. R. e da P. S. P.obrigou, porém, á rendição de alguns dos atacantes e á fuga de outros.

Quando a situação já era dominada pelas forças de segurança, chegou o sr. subsecretário do Exército que, vestindo á paisana, e ao aproximar-se do quartel, não pôde ser identificado e foi atingido por uma rajada de metralhadora disparada de uma das torres do aquartelamento.

Três assaltantes mortos

Segundo informações que colhemos no local e carecem ainda de confirmação, contam-se três mortos entre os assaltantes e vários feridos.

Entre as forças de segurança, há a registar apenas duas sentinelas feridas.

Os cadáveres encontram-se depositados na casa mortuária do hospital de Beja.

Quinze prisioneiros

Parece que o numero de prisioneiros até este momento, ascende a quinze. Os presos encontram-se nas cadeias da G. N. R. e da P. S. P.

As autoridades militares ocuparam os locais que dominam o hospital, a esquadra da P. S. P., o quartel da G. N. R., o Governo Civil e a sede do Distrito de Mobilização e Reserva.

Também algumas ruas da Baixa estão ocupadas e vedadas ao transito. No entanto, a vida, na cidade, decorre normalmente. Os cafés e outros locais de reunião mantêm-se abertos.

As saídas das estradas, como é óbvio, estão também a ser fiscalizadas. Todos os viajantes são identificados.

Os pontos estratégicos dos arredores foram igualmente ocupados.

Segundo notícias que correm nesta cidade, foram presos em Aljustrel, Odemira e Almodovar alguns indivíduos suspeitos de terem tomado parte no assalto ao regimento.

As autoridades suspeitam que, entre o efectivo da unidade, haja elementos cumplices dos assaltantes.

Há a impressão de que as autoridades militares e civis estavam prevenidas contra a possibilidade de um assalto, pois haviam sido tomadas precauções especiais, entre as quais, o bloqueio do campo de aviação civil, situado a cerca de 5 quilómetros da cidade.

O sr. governador civil de Beja, dr. Marques Fragoso, que se encontrava em Lisboa, regressou imediatamente a Beja, logo que teve conhecimento do assalto.

A população, embora naturalmente impressionada com os acontecimentos, mantém-se tranquila.

Para, em nome do sr. Presidente do Conselho e do Governo, prestarem homenagem ao sr. tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca, morto durante a operação da recuperação do quartel de Infantaria n.º 3, estiveram em Beja o ministro de Estado, dr. Corrêa de Oliveira, e o secretário de Estado da Aeronáutica, coronel Kaulza de Arriaga.

Aqueles membros do Governo conferenciaram com as autoridades civis e militares, no Governo Civil e no quartel de Infantaria n.º 3.

A vida na cidade está completamente normalizada.

A comunicação da morte do subsecretário do Exército

(Continuação da 1.ª página)

sa comunicada, esta manhã, o Ministério do Exército, com profunda emoção, comunica ao País a morte do sr. subsecretário de Estado do Exército, tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca, que não resistiu aos ferimentos produzidos pelas balas traiçoeiras disparadas pelos elementos criminosos que esta madrugada intentaram apoderar-se do Regimento de Infantaria n.º 3, em Beja.

Conforme já se informou, o tenente-coronel Jaime da Fonseca, que se encontrava no desempenho da missão de observação da acção repressiva, dirigia-se áquela unidade quando as forças da ordem completavam a ocupação daquele aquartelamento.

Quer este Ministério manifestar, desde já, publicamente, quão grande é o seu pesar pelo desaparecimento do brioso e valente militar que á causa da ordem devotou o maior contributo que um Português de raça pode dar á sua Mãe-Pátria — o sacrifício da própria vida».

A BIOGRAFIA do subsecretário do Exército

O sr. tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca, que contava 52 anos, fora nomeado subsecretário de Estado do Exército em 13 de Abril do ano passado.

Assentara praça, em Novembro de 1930, e foi promovido a alferes em 1 de Novembro de 1933, a tenente em 1 de Dezembro de 1937, a capitão em 1 de Janeiro de 1944, a major em 16 de Dezembro de 1955 e a tenente-coronel em Janeiro de 1961.

Durante a guerra de Espanha, fez parte da missão de observadores militares, tendo sido condecorado com a Cruz de Guerra do país vizinho. Fora-lhe concedida também a Cruz Roja del Mérito Militar e a medalha de campanha de 1.ª classe.

Mais tarde, comandou, durante dez anos seguidos, a Polícia Marítima da Administração Geral do Porto de Lisboa, deixando esse cargo, em 31 de Março de 1961.

O tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca foi, nessa altura, nomeado governador de Timor. Preparava-se para ir ocupar o seu cargo, quando foi nomeado subsecretário de Estado do Exército, tomando posse em 13 de Abril do ano passado.

No desempenho do seu cargo fez várias visitas ás instalações militares do continente, bem como a algumas do Ultramar.

Possuia as medalhas de Serviços Distintos, Mérito Militar e Avis, além de vários louvores.

Nascera, em Leiria, no dia 26 de Julho de 1910. Era filho do coronel Jaime Tomás da Fonseca e da sr.ª D. Ermelinda Filipe da Fonseca, já falecidos. Casado com a sr.ª D. Maria Iolanda Martins de Azevedo Zuquete da Fonseca e pai da sr.ª D. Maria Iolanda Zuquete da Fonseca de Almeida, casada com o médico dr. Vitor Passos de Almeida, actualmente a prestar serviço em Angola, como alferes miliciano, e do sr. Jaime Tomás Zuquete da Fonseca, aspirante do Curso de Aviação da Academia Militar. Era irmão do dr. Alvaro Filipe da Fonseca, médico em Leiria.

A acção da G. N. R. e P. S. P. acompanhada pelo ministro do Interior

Assim que teve conhecimento da revolta, o ministro do Interior compareceu no seu gabinete, estabelecendo imediato contacto com os comandantes da G. N. R. e da P. S. P., de Beja, para orientação da cooperação a prestar ao Exército.

O sr. dr. Santos Junior manteve-se no Ministério desde o princípio da madrugada, sendo constantemente informado do desenrolar das operações em Beja.

Até ao princípio da tarde, estiveram, ali, sendo recebidos pelo ministro, várias individualidades, entre as quais o almirante Henrique Tenreiro, presidente da Junta Central da L. P., e o deputado dr. Ubach Chaves.

Também esteve no Ministério o sr. dr. Marques Fragoso, governador civil de Beja, que se encontra em Lisboa. Esta autoridade administrativa estabeleceu contacto com o Governo Civil de Beja, recebendo igualmente informações do desenrolar dos acontecimentos.

Um grupo de médicos deslocou-se a Beja

Na previsão de que a luta teria provocado numerosas vítimas, tomaram-se providências no Banco do Hospital de S. José, onde, todavia, até ás 16 horas, não deu entrada qualquer ferido.

Para a capital do Alentejo seguiu, porém, um grupo de médicos civis, chefiado pelo dr. Sérgio Ferreira.

Por informações recolhidas no Hospital Militar Principal da Estrela, soubemos, que apenas ali deu entrada o cadáver do sr. tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca.

Até ás 16 horas, não tinham ali entrado quaisquer feridos.

As declarações do Ministro do Exército

(Continuação da 1.ª página)

bal e na própria cidade de Beja. O quarto veículo encontra-se apreendido em Tavira e nele viajou até esta cidade, onde foi detido, o sr. capitão da Administração Militar, Eugénio Óscar Filipe de Oliveira, chefe da Repartição do Orçamento e Verificação de Contas do Ministério do Exército, juntamente com dois ou três civis.

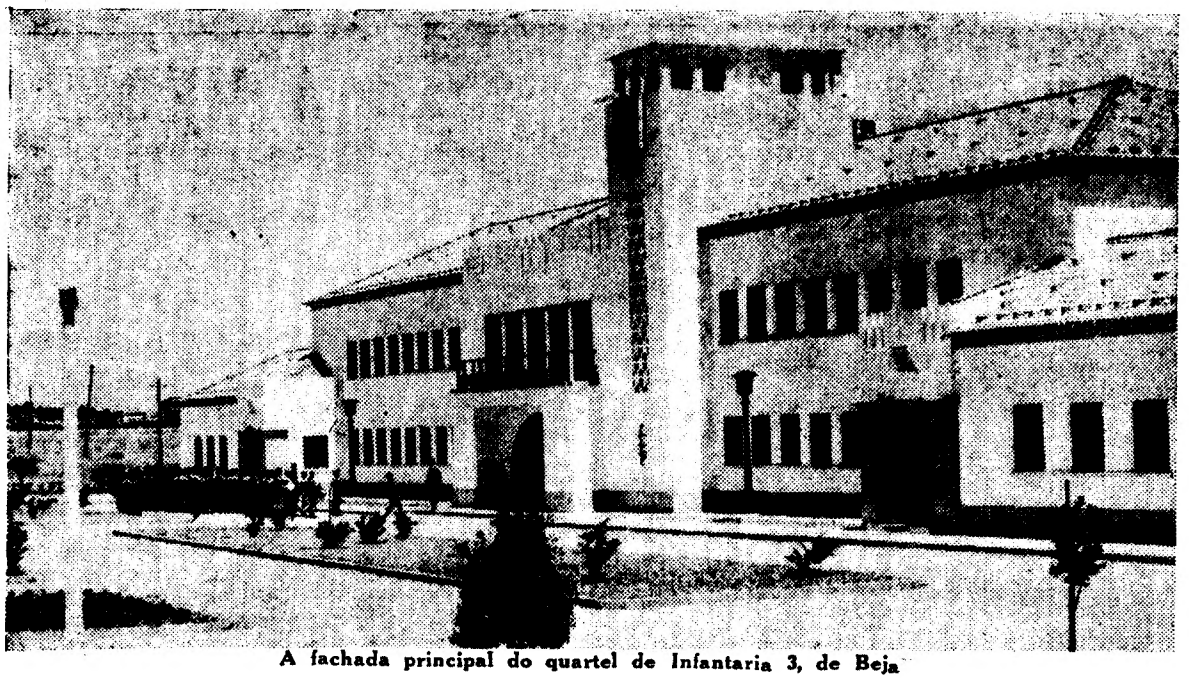
Em Almodovar, informou também o sr. ministro do Exército, teriam sido presos mais três civis.

Respondendo a um jornalista, o ministro informou que, além dos acontecimentos de Beja, não se registaram alterações da ordem em quaisquer outros pontos do País.

A outra pergunta, sobre a situação do capitão Varela Gomes, o ministro respondeu que aquele oficial prestava actualmente serviço no Estado-Maior do Exército.

O funeral do subsecretário do Exército realiza-se amanhã

Em princípio, está decidido realizar amanhã, ás 12 horas, o funeral do sr. tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca. O funeral oficial e o corpo será sepultado em Leiria, para onde é transportado.



A fachada principal do quartel de Infantaria 3, de Beja

COMO SE DEU O ASSALTO AO QUARTEL DE INFANTARIA 3

ONDE A ENTRADA DOS REVOLTOSOS FOI FACILITADA POR TRÊS OFICIAIS QUE ALI PRESTAVAM SERVIÇO

BEJA, 2 *(Serviço especial pelo telefone)* — Depois das primeiras averiguações, soube-se hoje, de madrugada, que o assalto de ontem ao Regimento de Infantaria n.º 3, se fez com a conivência de três oficiais ali em serviço activo. Trata-se dos srs. capitão Pestana; tenente-miliciano Hipólito, que pertencia ao Conselho Administrativo do Regimento e substituia o 2.º comandante da unidade, major Henrique Calapez Martins, também dos Serviços de Censura á Imprensa nesta cidade, e, ainda, o tenente-miliciano Jorge Manuel Toscano de Melo, de 27 anos, natural de Anadia.

Sabe-se, também, que foram o capitão Pestana e o tenente Hipólito quem facilitou a entrada dos revoltosos no quartel, fazendo desarmar a sentinela e o sargento da guarda. Depois, fecharam toda a guarnição numa caserna, juntamente com o oficial de dia, o alferes Vieira Alves.

Os assaltantes ficaram, então, com o pleno domínio do aquartelamento. Nesta altura, o sr. capitão Varela Gomes, acompanhado pelo tenente Hipólito e por alguns dos seus companheiros, dirigiu-se ao quarto do 2.º comandante do Regimento, que estava a exercer as funções de comandante, uma vez que este se encontrava em Lisboa. Aquele resolvera pernoitar no quartel, em virtude de ter suspeitas de que algo de anormal estava a acontecer, e estava ainda acordado.

Como foi atingido o chefe dos assaltantes

Quando o major Calapez Martins ouviu o barulho de passos no corredor, armou-se com uma pistola e abriu a porta do quarto, deparando com o capitão Varela Gomes, que lhe apontou uma pistola, intimando-o a erguer os braços. Em lugar de obedecer á intimação, o major Calapez fez, imediatamente, fogo, atingindo o chefe revoltoso com dois tiros no tórax e três numa perna. Enquanto o companheiro do capitão Varela Gomes o socorria, o major Calapez abandonou, rápidamente, o quarto e dirigiu-se a outra dependência do quartel, onde se inteirou da situação.

Começou a travar luta com os assaltantes durante algum tempo. Em virtude de toda a guarnição se encontrar presa, o major Calapez trocou tiros com os revoltosos, que procuravam atingi-lo. Uma das balas apanhou-lhe o peito, de raspão, sem lhe ter provocado qualquer ferimento. Por fim, sem munições, conseguiu fugir do quartel, atravessando o arame farpado que envolve a cerca, sem que os assaltantes se apercebessem do facto.

O major Calapez conseguiu, então, chegar ao quartel dos Bombeiros Voluntários e dali pôs-se em contacto telefónico com a G. N. R., P. S. P. e P. I. D. E., comunicando o acontecimento e pedindo reforços urgentes.

O avanço de reforços e o cerco do quartel

Imediatamente, avançaram para as imediações do Regimento de Infantaria n.º 3 forças da G. N. R. e da P. S. P., que cercaram o edifício, mas não lhes foi dada ordem para entrar nele.

Mais tarde, chegavam, também ao local forças regulares do Regimento de Infantaria n.º 16, de Évora, de Cavalaria n.º 3, de Estremoz; e uma formação de Caçadores Especiais, os quais completaram o cerco.

Entretanto, o capitão Varela Gomes fora conduzido ao hospital de Beja num automóvel em que seguiam um oficial e um civil, que o entregaram aos cuidados clínicos, retirando-se, sem serem identificados.

O ferido foi imediatamente operado pelos srs. drs. José Maltês e Joaquim Delgado, tendo a intervenção cirurgica corrido satisfatóriamente.

O subsecretário do Exército foi atingido quando dirigia o ataque

Pouco depois das 6 horas da manhã, chegava perto do quartel, trajando civilmente, o sr. subsecretário do Exército, acompanhado pelo tenente-coronel Stadlim Baptista, comandante do Regimento de Infantaria n.º 3, que se encontrava de licença em Lisboa, e o capitão Alves Ribeiro, ajudante de campo do ministro do Exército, que também não ia fardado.

Aquele membro do Governo informou-se da situação e ia dar ordem ás forças para avançarem, resolvendo ele próprio dirigir-se á entrada do quartel, empunhando uma metralhadora.

Quando a sua silhueta apareceu numa ponte próxima do quartel, uma rajada de metralhadora foi disparada contra os sitiantes, que avançavam. Alguns tiros atingiram mortalmente em pleno coração o sr. tenente-coronel Jaime Filipe da Fonseca. O capitão Alves Ribeiro socorreu-o, colocando o corpo debaixo de uma árvore.

Entretanto, depois de breve tiroteio, os elementos sidiciosos renderam-se. Uns entregaram-se á prisão e outros conseguiram fugir.

Dois mortos e um ferido entre os assaltantes

Quando as forças atacantes entraram no quartel verificaram que havia ali um morto e dois feridos. Estes foram imediatamente conduzidos para o hospital local, numa ambulancia militar, e o cadáver foi transportado para o Necrotério.

António Pedro Correia Vilar (á esquerda) e David Silva Abreu

Ao mesmo tempo, o corpo do subsecretário do Exército seguia para Lisboa, numa ambulancia do Regimento de Infantaria 3.

Depois, os presos foram conduzidos para o quartel da G. N. R. e para a esquadra da P. S. P.

Dos dois feridos, tratados no Hospital de Beja pelos médicos daquele estabelecimento, foi logo identificado um deles: Raul Lourenço Zagalo Gomes Coelho, de 20 anos de idade, natural de Paialvo, Tomar, residente em Lisboa, na Rua da Páscoa, 55, 2.º, empregado de comércio e estudante. Fora atingido na perna, não sendo grave o seu estado. Hoje, de madrugada, foi conduzido para Lisboa.

O outro ferido faleceu ás 18 horas, tendo-lhe sido feitas três transfusões de sangue por uma brigada de médicos dos Hospitais Civis de Lisboa, que se deslocou propositadamente a Beja. Chamava-se António Pedro Correia Vilar, de 33

(Continua na 13.ª página)

Carro roubado

HE - 29 - 23

Mil escudos quem indicar local FIAT 600, cor creme

Telefone 683014

o triunfo de MIGUEL STROGOFF

O assalto ao quartel de Infantaria 3

(Continuação da pagina central)

anos, motorista, residente em Lisboa, na Rua Dr. Alvaro de Castro, 59, r/c., Esq.

O morto no quartel foi identificado como sendo David Silva Abreu, de 32 anos, barbeiro, natural e residente em Lisboa.

O capitão Varela Gomes recebeu, ontem á tarde, a visita de sua mulher, que chegou a Beja acompanhada por um irmão. Depois da visita, aquela senhora hospedou-se numa pensão da cidade.

Como os médicos tivessem suspeitado de que as balas haviam também entrado na região abdominal, o capitão Varela Gomes foi submetido a nova intervenção cirurgica, que parece ter corrido também de forma satisfatória. Foi executada pela equipa médica dos Hospitais Civis de Lisboa.

A lista dos presos

Entretanto, eram identificados os presos, que são: Alípio dos Santos Rocha, de 45 anos, casado, de Almada; Augusto da Silva Ribeiro, de 43 anos, serralheiro, de Algés; Joaquim da Conceição Sim-Sim, de 50 anos, casado, funcionário do Arsenal do Alfeite e residente na Cova da Piedade; Helder de Jesus Santos, de 25 anos, bate-chapas, natural de Leiria e residente em Lisboa; tenente miliciano do R. I. 3, Jorge José Manuel Toscano de Melo, de 27 anos, residente em Beja; Duarte Galo, de 32 anos, casado, funileiro, natural da Guarda e residente em Alhandra; António Pombo Miguel, de 32 anos, casado, serralheiro, residente em Almada; Manuel João Peralta Bação, de 29 anos, montador, natural de Monção, morador em Almada; João Pereira Abreu, de 32 anos, casado, soldador, residente na Cova da Piedade; António Santos Pereira, de 28 anos, casado, serralheiro, residente em Almada; Fernando Nunes Pereira, de 27 anos, casado, da Cova da Piedade; António Correia de Matos, de 33 anos, carpinteiro naval, de Odemira e residente em Almada; Filipe Assunção Lopes, de 28 anos, casado, carpinteiro, de Almada.

No quartel do Regimento de Infantaria 3, ficaram presos o capitão Pestana e o tenente Hipólito.

Cinco automóveis apreendidos

Cinco dos automóveis utilizados pelos revoltosos foram apreendidos pelas autoridades de Beja e três têm as seguintes matrículas: DD-78-69, um «Volkswagen; IS 70-81, um «Taunus» com uma chapa onde se lê «Nova Empresa de Transportes»; e outro «Taunus», SI 70-29, com a chapa de «Auto-Fonte Luminosa».

Diz-se que os dois indivíduos que foram mortos se haviam evadido do forte de Caxias, mas não conseguimos confirmar a notícia. As autoridades militares prosseguem o inquérito sobre as circunstancias em que se deu a intentona.

A população de Beja mostra-se serena e, embora persistam as disposições especiais de emergência, a vida decorre com normalidade.

Realizou-se o habitual mercado quinzenal de gados e já ontem os «cafés» estiveram abertos e funcionou o cinema local.

Soube-se, esta manhã, que foram feitas mais algumas prisões, em Beja, de indivíduos que se suspeita estarem implicados na intentona. Parece que se trata de três pessoas.

Quem são os dois mortos

António Pedro Correia Vilar — Nasceu em Lisboa em 1927 e era filho de António Lopes Vilar e de Guilhermina Correia Vilar. Há dez anos que exercia a profissão de motorista de praça.

Era um dos implicados nos acontecimentos relacionados com a intentona de Março do ano passado, tendo sido absolvido no julgamento de Santa Clara. Quando, nessa altura, foi posto em liberdade, declarou-se-lhe uma pleurisia, pelo que, nos ultimos tempos, recebia subsídios de doença do Sindicato Nacional dos Motoristas, o que o ajudava a viver.

No seu meio profissional era muito conhecido e estimado.

Tinha a seu cargo a esposa, sr.ª D. Margarida São Bento Vilar, um filhinho de 9 anos de idade e uma tia idosa de sua mulher.

Saíra de sua casa, na Rua Dr. Alvaro de Castro, nesta cidade, no passado sábado, tendo dito á família que ia para fora da cidade, ao serviço de um seu cliente e que não sabia o tempo que demoraria.

David da Silva Abreu — Nasceu em Lisboa, em 22 de Fevereiro de 1929, filho de António Abreu e de Maria da Silva.

Foi atleta e dirigente do Liberdade Atlético Clube, sócio numero 124.

Era barbeiro, com estabelecimento na Rua C, 38-A, no Bairro da Liberdade, em Campolide. Depois transformou a casa em bar.

Vivia maritalmente com uma mulher de nome Clotilde, de quem tinha um filho, José, com 8 anos de idade.

No domingo passado ainda foi visto em Campolide, onde era muito conhecido, até porque chegou a ser um bom jogador de basquetebol.

NOTAS VÁRIAS

Os elementos presos em Beja, por estarem implicados no assalto ao Regimento de Infantaria n.º 3, vieram já para Lisboa, bem como vários outros indivíduos, detidos em Aljustrel e noutras localidades do distrito de Beja, suspeitos por terem ligações com o assalto.

*

O sr. capitão Varela Gomes continua internado, no hospital de Beja, em estado muito grave.

Durante a segunda operação a que teve de ser sujeito, foi-lhe extraído um rim.

*

Durante as operações de ontem, para dominar os assaltantes do Regimento de Infantaria n.º 3, voltou-se um «jeep» da G. N. R., ficando feridos dois soldados da corporação, os quais se encontram internados no hospital de Beja.

OS NAVIOS americanos

que estão no Tejo foram visitados por oficiais portugueses

A convite do adido naval norte-americano, comandante Richard Arey, os dois navios lança-mísseis da Armada norte-americana, que se encontram no Tejo, foram esta manhã visitados não só por oficiais engenheiros construtores navais da Marinha de Guerra portuguesa como ainda por directores, técnicos dos vários estaleiros nacionais e por adidos militares estrangeiros acreditados em Portugal. Estes ultimos foram acompanhados na sua visita pelo adido naval adjunto, primeiro-tenente Glenn Scott Lockhart. No final da visita foi-lhes oferecido um almoço a bordo.

Por sua vez os oficiais portugueses e as outras individualidades foram obsequiados com um almoço num dos hoteis da capital, a que presidiu o comandante Arey.

Os dois navios vão atracar á Estação Marítima da Rocha de Conde de Óbidos.

Os respectivos comandantes apresentaram esta tarde cumprimentos ao chefe da M. A. A. G. em Portugal.

MULHER COLHIDA MORTALMENTE

por um veículo militar

VILA FRANCA DE XIRA, 2. — (Pelo telefone). — Esta manhã, um carro militar do Depósito de Material Aeronáutico, de Alverca, ao passar próximo da Escola de Alunos Marinheiros, nesta vila, derrapou na lama e foi colher Gertrudes Augusta, de 21 anos, solteira, natural de Vila Franca de Xira, e residente em Alhandra, na Rua Salvador Marques, 116. A infeliz mulher teve morte imediata. O corpo ficou depositado na casa mortuária do hospital da Misericórdia desta vila. A P. J. T. tomou conta da ocorrência.

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO DOMINGO, 17 DE DEZEMBRO DE 1961 ANO 41.º — NÚMERO 14 013

IV

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Começou a invasão de Goa pelas forças armadas indianas

que lançaram uma ofensiva em três direcções

precedida de intensa preparação de artilharia

NOVA DELHI, 17. — O Exército Indiano e unidades da Força Aérea lançaram hoje um ataque em três direcções contra o enclave português de Goa.

O ATAQUE FOI ORDENADO CONTRA O TERRITÓRIO APÓS O PRIMEIRO-MINISTRO INDIANO, NEHRU, TER REJEITADO FORTE PRESSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS E DAS POTÊNCIAS OCIDENTAIS PARA EVITAR UMA CONQUISTA DO TERRITÓRIO PELA FORÇA DAS ARMAS.

O AVANÇO INDIANO SOBRE GOA FOI PRECEDIDO POR INTENSAS BARRAGENS DE ARTILHARIA — ANUNCIOU A AGÊNCIA INDIANA «PRESS TRUST OF INDIA». — (REUTER).

NOVA DELHI, 17 — A agência «Indian News Service» anunciou que as tropas indianas marcharam sobre Goa.

A agência anunciou também que navios de guerra indianos receberam ordens especiais em vista da situação em Goa. — (A. N. I.).

A agressão indiana abrange Damão e Dio

BELGÃO, 17. — As forças armadas indianas entraram nos territórios de Goa, Damão e Dio — anuncia-se oficialmente em Belgão. — (F. P.).

(Ler mais telegramas na 8.ª pág.)

As Forças Armadas portuguesas

entraram em acção na defesa do território

AS 23 E 10 FOI-NOS FORNECIDA PELA PRESIDENCIA DO CONSELHO A SEGUINTE NOTA OFICIOSA:

«DEPOIS DE NAS ULTIMAS SEMANAS SER REALIZADA PODEROSA CONCENTRAÇÃO DE FORÇAS, A UNIÃO INDIANA INICIOU HOJE, A AGRESSÃO CONTRA O ESTADO PORTUGUÊS DA INDIA, SEGUNDO ACABA DE CONFIRMAR O GOVERNADOR-GERAL.

NOS TERMOS DAS INSTRUÇÕES QUE HAVIAM SIDO DADAS, AS FORÇAS ARMADAS ENTRARAM EM ACÇÃO NA DEFESA DO TERRITÓRIO.

O GOVERNO CONFIA EM QUE TODOS SABERÃO CUMPRIR O SEU DEVER».

O Chefe do Estado recebeu o Presidente do Conselho

que se avistou com outros membros do Governo

O sr. Presidente do Conselho esteve hoje, de manhã, na residência do Chefe do Estado, no Restelo, tendo conversado durante mais de duas horas com o sr. almirante Américo Thomaz.

Embora dia a dia ponha o sr. Presidente da Republica ao corrente dos acontecimentos na India Portuguesa o sr. prof. dr. Oliveira Salazar aproveitou o encontro de hoje para expor, pessoalmente, todos os problemas relacionados com a situação em Goa.

O Chefe do Governo conferenciou com os srs. dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros, prof. dr. Adriano Moreira, ministro do Ultramar e dr. Correia de Oliveira, ministro de Estado, demorando-se em longa entrevista com aqueles membros do Governo.

O sr. ministro do Ultramar, apesar de hoje ser domingo, compareceu muito cedo no seu gabinete, tendo trabalhado com os srs. subsecretários de Estado da Administração Ultramarina e Fomento Ultra-

(Continua na 7.ª página)

Acto de agressão inequívoco — declarou o Governo português após as primeiras notícias da violação do nosso território

O Ministério do Ultramar forneceu-nos, ás 19 e 30, a seguinte nota oficiosa:

As 18 horas de hoje, (hora de Lisboa) o governador-geral do Estado da India informou telefonicamente o ministro do Ultramar do seguinte:

Por razões de segurança e para eliminar qualquer possibilidade de nos ser atribuida a iniciativa de uma provocação ou agressão, foi ordenada a deslocação para cerca de 1 quilómetro da fronteira, no interior do nosso território, dos postos anteriormente localizados em Patardeu, Foquirpatto, Sinquervale, Maulinguem e Polem.

Forças da União Indiana violaram o nosso território para se instalarem nos postos abandonados de Sinquervale e Maulinguem, causando a morte de cinco portugueses.

Este acto é, inequivocamente, um acto de agressão, ao qual não se respondeu até este momento.

Mantém-se a calma em toda a província, não se tendo registado ainda outros incidentes».

3.ª EDIÇÃO

Visado pela Comissão de Censura

O ATAQUE COMEÇOU às 18 horas (T. M. G.)

NOVA DELHI, 17 — Foi oficialmente anunciado que perto da meia-noite (18 horas em Lisboa) o Exército indiano iniciou simultaneamente a marcha sobre Goa por três pontos da fronteira. — (A. N. I.).

O POSTO DE POLÉM FOI DESTRUIDO?

BOMBAIM, 17 — O posto aduaneiro português de Polém foi destruido esta manhã por um grupo — anuncia a «News Agency».

Durante a noite, ouviram-se em Karwar, tiros e explosões, segundo a mesma fonte. — F. P.